

GÊNESIS

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 11	Capítulo 21	Capítulo 31	Capítulo 41
Capítulo 2	Capítulo 12	Capítulo 22	Capítulo 32	Capítulo 42
Capítulo 3	Capítulo 13	Capítulo 23	Capítulo 33	Capítulo 43
Capítulo 4	Capítulo 14	Capítulo 24	Capítulo 34	Capítulo 44
Capítulo 5	Capítulo 15	Capítulo 25	Capítulo 35	Capítulo 45
Capítulo 6	Capítulo 16	Capítulo 26	Capítulo 36	Capítulo 46
Capítulo 7	Capítulo 17	Capítulo 27	Capítulo 37	Capítulo 47
Capítulo 8	Capítulo 18	Capítulo 28	Capítulo 38	Capítulo 48
Capítulo 9	Capítulo 19	Capítulo 29	Capítulo 39	Capítulo 49
Capítulo 10	Capítulo 20	Capítulo 30	Capítulo 40	Capítulo 50

INTRODUÇÃO

Título. A palavra Gênesis entrou para a língua portuguesa vindo do grego através do latim. Na Septuaginta (LXX), formava o sobrescrito do primeiro livro da Bíblia. A palavra significa "origem, fonte, ou geração". A palavra hebraica *ber'eshîth*, traduzida para "no princípio", é a primeira palavra da Bíblia Hebraica. É com frequência usada para designar o livro de Gênesis.

Natureza. Gênesis é o livro das origens. Apresenta uma narrativa majestosa do começo de tudo o que o Criador criou. Responde às perguntas relativas à origem do mundo e da vida vegetal, animal e humana. Fala da instituição da família, da origem do pecado, da concessão da revelação divina, do crescimento e desenvolvimento da raça e da inauguração do plano de Deus para a realização da redenção por meio do Seu povo escolhido. Apresenta e ilustra verdades eternas, e resolve enigmas, mistérios e situações desorientadoras, à luz da vontade de Deus para o Seu povo. Em uma linguagem clara e significativa o

escritor apresenta os planos e propósitos de Deus revelados, e as maravilhas do seu procedimento com os homens.

O Gênesis leva o leitor de volta ao momento super-importante da criação quando o Criador onipotente criou por meio da palavra as maravilhas incomparáveis do sol, da lua, das estrelas, dos planetas, das galáxias, das plantas, das criaturas viventes e de alguém que fez à Sua imagem. Nestes cinquenta capítulos o inspirado escritor desdobra o drama da criação; ele fala de como o pecado entrou sub-reptícia e implacavelmente para introduzir a ruína, o desfiguramento e a morte; revela os frutos trágicos do pecado na derrota patética de nossos primeiros pais e mostra como, mais tarde, a maldade acumulada dos homens trouxe a destruição e quase a aniquilação da sociedade humana. Logo no começo o escritor traça o crescimento da nova raça e finalmente as biografias emocionantes de Abraão, Isaque, Jacó e os filhos de Jacó. O livro termina com a morte de José na terra do Egito.

Gênesis 1-11 apresenta a narrativa da vida do homem desde a criação até ao começo da vida de Abraão. Gênesis 12-50 conta o relacionamento de Deus com o Seu povo escolhido - Abraão, Isaque, Jacó, José e seus descendentes. Através de toda a narrativa, a principal preocupação do autor é a de apresentar o propósito de Jeová em criar e providencialmente guiar esse povo eleito. Não só o Gênesis, mas a Bíblia toda mostra que por intermédio deste povo, o Senhor procurou revelar a Sua natureza e os Seus planos para o mundo, estabelecer Sua santa vontade na terra e envia Suas "boas novas" da redenção a todos os homens. Nações e indivíduos são mencionados e descritos no livro apenas quando se encaixam no sublime plano e propósito do Senhor. Os sumerianos, hititas, babilônios e assírios, sempre quando sua história afeta a do povo escolhido, entram no quadro rapidamente a fim de demonstrar o propósito de Deus para o mundo. A cada passo, o Espírito procura tornar a revelação explícita aos homens de todos os séculos. No drama que se desenrola rapidamente, o plano de Deus vai sendo apresentado.

Autoria. Com segurança podemos declarar que Moisés é o responsável pela autoria do livro. É o primeiro livro do Pentateuco que ambas, as Escrituras e a tradição, atribuem a Moisés. Seria difícil descobrir um homem, em toda a série da vida de Israel, que fosse mais qualificado a escrever esta história. Educado na "sabedoria dos egípcios" (Atos 7:22), Moisés foi providencialmente preparado para compreender os registros e manuscritos disponíveis e a narrativa oral. Como um profeta ao qual foi concedido o incomum privilégio de longas horas de comunhão com Deus no Sinai, foi bem preparado para registrar para todas as gerações o retrato do Senhor e das Suas atividades através dos séculos. Que outro indivíduo, através dos séculos, possuiu tais poderes e tal fé e que tenha desfrutado de uma comunhão tão íntima com Jeová?

A descoberta nos tempos modernos de registros tão antigos como as Cartas de Amarna, a literatura Ugarítica (ou Ras Shamra), e tábuas de barro da Mesopotâmia (Mari e Nuzu), têm capacitado os mestres a reconstruírem os antecedentes históricos e culturais dos registros bíblicos, e descobrir como era a vida no Egito, na Palestina e na Mesopotâmia nos tempos bíblicos. Igualmente, muitos registros orais e escritos, pela antiguidade adentro, estavam à disposição do ilustre mestre hebreu, cuja educação egípcia e cujos estudos superiores na região do Monte Sinai tornaram-no cômico dos significativos movimentos mundiais. De acordo com a tradição judia, quando o grande escriba Esdras voltou da Babilônia para Jerusalém, trazendo os manuscritos hebreus do Velho Testamento, ele se dispôs a trabalhar com prodigiosa energia para preservar, copiar e editar o antigo material que tinha em seu poder.

O Gênesis e a Ciência. Se um estudante espera encontrar no Gênesis uma narrativa científica de como o mundo começou a existir, com todas as questões referentes à vida primitiva respondidas na linguagem técnica familiar ao professor ou estudante de ciências, ficará desapontado. O Gênesis não é uma tentativa de responder tais perguntas

técnicas. Ele trata de assuntos muito além do reino da ciência. O autor procura nos colocar em contato com o Deus eterno e revelar o significado sagrado do Seu Ser, Seu propósito e Seu relacionamento com as Suas criaturas conforme Ele opera Sua santa vontade. Este livro, tão notável por sua profundidade e exaltação moral, sua dignidade e grandeza, descreve o Deus eterno na tarefa de preparar um lugar onde suas criaturas amadas possam viver e crescer e revelar Sua divina glória.

ESBOÇO

I. O princípio de tudo. 1:1 - 11:32.

- A. A criação. 1:1 - 2:25.
- B. A tentação e a queda. 3:1-24.
- C. Os dois irmãos. 4:1-26.
- D. Sete e seus descendentes. 5:1-32.
- E. O pecado e o Dilúvio. 6:1 - 8:22
- F. Vida posterior de Noé e seus descendentes. 9:1 - 10:32
- G. A Torre de Babel. 11:1-32.

II. Os patriarcas. 12:1 - 50:26.

A. Abraão. 12:1 - 25:18.

- 1) A Chamada de Abraão. 12:1-9.
- 2) O Patriarca no Egito. 12:10-20.
- 3) A Partida de Ló. 13:1-18.
- 4) Abraão, Ló, Melquisedeque. 14:1-24.
- 5) Abrão Recebe a Promessa de um Herdeiro. 15:1-21.
- 6) Ismael. 16:1-16.
- 7) Novas Promessas, e a Reação de Abraão. 17:1-27.
- 8) Sodoma e Gomorra. 18:1 - 19:38.
- 9) Abraão e Abimeleque. 20:1-18.
- 10) O Nascimento de Isaque; Ismael Expulso. 21:1-21.
- 11) Abimeleque e Abraão. 21:22-34.

- 12) Abraão e Isaque. 22:1-19.
- 13) A Morte e o Sepultamento de Sara. 23:1-20.
- 14) Eliézer, Isaque e Rebeca. 24:1-67.
- 15) Últimos Dias de Abraão. 25:1-18.

B. Isaque. 25:19 - 26:35.

- 1) Isaque e Sua Família. 25:19-34.
- 2) Isaque e Abimeleque. 26:1-35.

C. Jacó. 27:1 - 36:43.

- 1) Jacó e Esaú. 27:1-46.
- 2) Jacó, Labão, Lia e Raquel. 28:1 - 30:43.
- 3) Jacó Retorna a Canaã. 31:1-55.
- 4) O Encontro de Jacó com Esaú. 32:1 - 33:17.
- 5) Jacó e sua família em Siquém. 33:18 – 34:31.
- 6) A Volta a Betel. 35:1-29.
- 7) Edom e Seu Povo. 36:1-43.

D. José. 37:1 - 50:26.

- 1) Primeiras Experiências de José. 37:1-36.
- 2) Judá e Tamar. 38:1-30.
- 3) José e a Esposa de Potifar. 39:1-23.
- 4) As Experiências de José na Prisão. 40:1-23.
- 5) José e Faraó. 41:1-57.
- 6) A Primeira Visita dos Irmãos. 42:1-38.
- 7) Outras Experiências com os Irmãos. 43:1-34.
- 8) A Proposta Sacrificial de Judá. 44:1-34.
- 9) O Convite de José a Jacó. 45:1-28.
- 10) A Migração para o Egito. 46:1-34.
- 11) Jacó e Faraó. 47:1-12.
- 12) O Administrador do Sustento. 47:13-27.
- 13) Jacó e os Filhos de José. 47:28 - 48:22.
- 14) A Bênção Solene. 49:1-27.
- 15) Dias Finais. 49:28 - 50:26.

COMENTÁRIO**I. O Princípio de Tudo. 1:1 - 11:32.****A. A Criação. 1:1 - 2:25.****Gênesis 1**

Deus é o Criador de todas as coisas. Desde o começo no Livro de Gênesis, a poderosa luz da revelação focaliza o Todo-Poderoso. Ele é o Princípio, a Causa, a Fonte de tudo o que existe. Ele criou todas as coisas e as pessoas que tinham de se encaixar em Seu plano para os séculos. Todo o material necessário para Sua obra posterior, Ele o criou milagrosamente.

1. No princípio (*ber'shith*). O autor leva o leitor para além do limite do tempo, para a eternidade insondável, embora lhe faltem palavras quando procura dar uma idéia do estado de coisas antes do limite do tempo. Ele não dá uma indicação de data tangível para este princípio. Sua narrativa retrocede no tempo que precede o calendário dos acontecimentos.

Criou Deus. A sublime certeza da revelação baseia-se nesta grandiosa afirmativa. Deus o fez. Nada mais pasmoso poderia ser declarado. Elohim é a palavra mais usada para "Deus" no hebraico, aramaico e árabe. Na realidade é plural em sua forma, mas é usada com o verbo no singular. Talvez o plural seja melhor explicado se disséssemos que indica "plenitude de poder" ou dignidade excepcional e grandeza ilimitada. Neste Um estão reunidos todos os poderes da eternidade e da infinidade.

Criou. (*bara*) é um verbo usado exclusivamente para com Deus. O homem não poderia atingir as alturas do poder inerente a esta palavra, por ela descreve o milagre completo. Pelo poder soberano e criativo de Deus algo absolutamente novo foi dado à luz. Os céus e a terra. Aqui o autor focaliza o interesse sobre todos os setores do mundo acima, à volta

e abaixo. Nesta frase ele inclui o universo completo como era conhecido (ou poderia vir a ser conhecido) pelos hebreus, e todo o material primário necessário para fazer os sóis, os planetas, as estrelas, as nebulosas, as galáxias, as moléculas, os átomos, os elétrons e todas as coisas e seres específicos sobre a terra.

Os homens da ciência revelam que nossa galáxia contém mais do que 100 bilhões de estrelas, e que o nosso sol fica a 240 trilhões de quilômetros do centro de nossa galáxia. Nossa galáxia é apenas uma das que compõem um pequeno agrupamento de 19 galáxias, ficando a mais próxima a 30 milhões de anos-luz (240 milhões de trilhões de quilômetros). Nossos cientistas pesquisadores, por mão de poderosos telescópios, certificaram-se razoavelmente de que existem mais de um bilhão de galáxias. Eles calculam o número das estrelas destas galáxias em aproximadamente 100 quintilhões. O poder das velas de uma dessas galáxias é igual ao de 400 milhões de sóis. Quando um homem volta os olhos para esta imensa criação e compara o que vê com a narrativa inspirada do escritor sobre a sua origem, seu coração tem de se encher de espanto. Ele conhece a mão de Deus na beleza e ordem do sistema solar e no poder do átomo. Quer olhe para o sol (positivamente carregado) atraindo os planetas (negativamente carregados) ou examine o núcleo (positivamente carregado) no coração do átomo, atraindo cada elétron (negativamente carregado) no seu equilíbrio, sente a sabedoria, o poder e a grandeza de Deus. À luz de tudo isso, um homem reverente inclina-se diante do seu Criador em espanto e genuína dedicação, e explode em adoração, culto, ação de graças e incontido louvor. A sublime criação do Senhor é este ser, grandemente amado, que Ele escolheu para criar à Sua própria imagem,

2. A terra, porém, era sem forma e vazia. (*tôhú wâbôhû*). O inspirado autor rapidamente volta sua atenção para a terra, pois sua história se relaciona com os planos e provisões divinas para a vida humana neste planeta. Ele descreve a terra em seu estado incompleto. Havia plenitude de material à disposição para cada obra que Deus

planejou criar, embora em estado caótico – ermo, vazio, escuro. Seis dias cheios de criatividade fariam mudanças fenomenais. O propósito de Deus não poderia ser satisfeito até que Seu toque milagroso fizesse algo com este caos. Até mesmo as trevas (frequentemente associadas, nas Escrituras, com o mal) seriam subjugadas a Sua vontade.

O Espírito de Deus pairava (*ruâh. . . merahepet*). As palavras descrevem a presença de Deus, transmissora de energia, envolvendo e acariciando o caos e a terra incompleta enquanto se preparava para completar a Sua criação. Como uma devotada ave à volta do seu ninho, Ele se movia prodigalizando o Seu amor ao mundo recém-criado.

3. Disse Deus: Haja luz. O autor apresenta a primeira palavra criativa de Deus. Com facilidade incrível e ação deliberada, o Deus onipotente criou a luz. Ele enunciou a Sua palavra, e instantaneamente Sua vontade foi realizada (Sl. 33:6, 9). A luz foi a resposta de Deus ao domínio das trevas. Foi a primeira ação positiva do Senhor para concluir seu integral programa da criação. Sem ela, os passas seguintes seriam sem significado. O Apóstolo João nos conta que "Deus é luz" (1 Jo. 1:5).

4. E viu Deus que . . . , era boa. Quando o Criador olhou para o produto de Sua vontade, encontrou-o perfeitamente completo e admirável; ficou satisfeito. Esta declaração foi feita sete vezes. Cada um dos atos criativos de Deus era perfeito, completo, agradável, satisfatório. É bom lembrar que esta foi a mesma luz que o homem vê e desfruta hoje.

5. Tarde e manhã. No livro de Gênesis, a tarde, sempre precede a manhã. A criação da luz acabou com o reino das trevas e começou o primeiro dia. Uma vez que isto aconteceu antes da criação do sol e da lua, é incorreto falarmos de dias de vinte e quatro horas até chegarmos a esse ponto no programa do Criador. A referência aqui é a um dia de Deus, e não ao dia comum limitado por minutos e horas. O começo de cada ato da criação é chamado manhã, e a conclusão desse específico ato divino é chamado tarde.

6. Firmamento (*expansão*) no meio das águas. A palavra hebraica *râquî'a* representa algo que foi batido ou pressionado para cobrir uma superfície extensa. O escritor sugere aqui uma expansão acima da terra retendo grandes reservatórios de água a serem soltos para a chuva.

9. Apareça a porção seca. Em um certo ponto, a água cobria tudo. No terceiro dia, contudo, o Senhor criou a terra e o reino vegetal. Por meio do Seu divino poder fez a terra emergir de dentro da grande massa de águas o formou a porção seca (cons. Sl. 104:6-8; Jó 38:8-11). Do solo, sob ordem expressa de Deus, brotou vegetação viva, e logo cobriu a terra com beleza e providenciou alimento para as criaturas vivas.

14. Haja luzeiros. A palavra hebraica *mêôrôt* descreve os luminares ou instrumentos de luz. Por meio desses luminares, a terra recebeu a luz necessária para sustento da vida. Eles deviam governar o dia e a noite (v. 16), servirem de sinais para as estações e dar luz à terra. A narrativa torna fato que Deus os fez e então os colocou no devido lugar. De acordo com o esquema divino, o sol, a luz e as estrelas, todos foram criados para a execução de Sua vontade específica.

20. Povoem-se as águas de enxames de seres viventes. Este versículo descreve o aparecimento súbito de hostes de peixes e seres alados. Tinham o propósito de fornecer outra demonstração visível do poder do Criador. Com o seu aparecimento, havia vida e também atividade sobre a terra. E havia, além disso, uma sucessão infinita de criaturas vivas, todas feitas pela poderosa mão de Deus.

21. Grandes animais marinhos (E.R.C., grandes baleias). Literalmente, animais estirados que rastejam, ou deslizara sobre a terra, dentro ou fora da água, tais como as serpentes, enguias, peixes e lagartos.

22. O Senhor pronunciou sobre eles a Sua bênção e ordenou que fossem fecundos e se multiplicassem. O progresso da atividade criadora de Deus subia na direção da criação do homem.

26. Façamos o homem. O momento supremo da criação chegou quando Deus criou o homem. A narrativa apresenta Deus convocando a

corte celestial, ou dos outros dois membros da Trindade, a fim de que toda a atenção fosse dada a este acontecimento. Alguns comentadores, entretanto, interpretam o plural como um "plural de majestade", indicando dignidade e grandeza. A forma plural da palavra Deus, *Elohim*, pode ser explicada mais ou menos da mesma forma. O Senhor está representado concedendo atenção fora do comum a um assunto cheio de muito significado.

À nossa imagem (*selem*), conforme a nossa semelhança (*demût*). Embora estes dois sinônimos tenham significados separados, aqui não há necessidade nenhuma de se fazer algum esforço para apresentar os diferentes aspectos do ser divino, Está claro que o homem, como Deus o criou, era distintamente diferente dos animais já criados. Ele estava em um platô muito mais alto, pois Deus o criou para ser imortal, e fez dele uma imagem especial de Sua própria eternidade.

O homem era uma criatura que o seu Criador podia visitar e ter amizade e comunhão com ele. De outro lado, o Senhor podia esperar que o homem Lhe correspondesse e fosse digno de Sua confiança. O homem foi constituído possuidor do privilégio da escolha, até o ponto de desobedecer o Seu Criador, Ele tinha de ser o representante e mordomo responsável de Deus sobre a terra, fazendo a vontade do seu Criador e cumprindo o propósito divino. O domínio do mundo seria entregue a esta nova criatura (cons. Sl. 8:5-7). Ele foi comissionado a subjugar (*kábash*, "pisar sobre") a terra, e a seguir o plano de Deus e enchê-la com sua gente. Esta sublime criatura, com seus incríveis privilégios e pesadas responsabilidades, tinha de viver e movimentar-se regiadamente.

31. Muito bom (*tôb meôd*). Quando o Senhor olhou para o resultado final de seus atos criadores, expressou deleite peculiar e satisfação extrema. Tudo no universo, desde a maior das estrelas até a menor das folhinhas, produziu alegria no Seu coração. Era uma linda sinfonia. A satisfação do Criador aqui se expressa em linguagem concisa ainda que vívida.

Gênesis 2

2:1,2. Acabados (*keilâh*) . . . **descansou** (*sheibat*) . . . **santificou** (*keidash*). Quando o Criador pronunciou Sua aprovação sobre tudo o que tinha feito, inclusive o homem, a coroa da criação, declarou a conclusão da obra. No momento não daria início a mais nada. Entretanto, Ele santificou um dia de completo descanso. A palavra hebraica, *sheibat*, pode ser traduzida para "desistiu" ou "cessou" ou "interrompeu". Durante este período até Deus descansaria das atividades criadoras (cons. Êx. 20:11; 31:17).

3. O dia sétimo foi separado para ser santificado e respeitado através dos anos como um lembrete de que Deus designou uma estação de descanso, refrigério e completa cessação de todo trabalho ordinário, labuta e luta.

4. Esta é a gênese (*tôledôt*). A palavra hebraica vem de um verbo significando *procriar* ou *gerar filhos*. Poderia ser traduzido para "gerações". Esta declaração pode ser uma referência a Gênesis 1. A LXX traduz assim: *Este é o Livro do Gênesis*. Alguns o traduziriam para: *A história dos céus e da terra*. A descendência do céu e da terra foi assim descrita.

O Senhor Deus (*Jeová*). Pela primeira vez apresenta-se o nome Yahweh, ou Jeová (cons. Êx. 6:2,3). Jeová é o Deus da aliança pessoal com Israel, que é ao mesmo tempo o Deus do céu e da terra. O nome transporta a idéia de auto-existência eterna do Autor de toda a existência. É a expressão da amorosa benignidade, graça, misericórdia, autoridade e eterno relacionamento de Deus Com os seus escolhidos que foram criados à Sua imagem. O relacionamento especial de Jeová com Israel seria descrito mais detalhadamente quando Ele aparecesse na sarça ardente perto do Sinai. Aqui o Autor da vida está identificado com o divino Criador de Gênesis 1.

6. Uma neblina subia... e regava. A fim de preparar o solo para a realização de Sua tarefa, o Criador forneceu a umidade. A tradução costumeira refere-se a um chuvisqueiro, ou neblina. É possível que a

palavra traduzida para neblina na E.R.A. (*id*) poderia ser traduzida para "rio" ou "correnteza". A primeira forma é a preferível. De qualquer forma, a neblina foi a maneira que Deus usou para realizar a Sua vontade em relação ao solo. Ação contínua está expressa.

7. Formou (*yeiseir*) o Senhor Deus ao homem do pó da terra. Novamente os dois nomes para Deus estão ligados em antecipação ao acontecimento que marcou época. A palavra *yeiseir* foi usada para dar a idéia de um oleiro trabalhando, moldando com suas mãos o material plástico que tinha nas mãos (cons. Jr. 18:3, 4). O mesmo verbo foi usado para descrever o quadro da formação de um povo ou nação. O corpo do homem foi feito do pó da terra, enquanto o seu espírito veio do próprio "fôlego" de Deus. Ele é, literalmente, uma criatura de dois mundos; ambos, a terra e os céus, têm direitos sobre ele. Observe as três declarações: **Formou** (*yeiseir*) **Jeová ao homem do pó ... e lhe soprou** (*neipah*) **nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser** (*heiyeh*) **alma vivente**. O primeiro passo foi importantíssimo, mas o pó umedecido estava longe de ser um homem até que o segundo milagre se completasse. Deus comunicou a Sua própria vida a essa massa inerte de substância que Ele já criara e lhe deu forma. O fôlego divino permeou o material e o transformou em um ser vivente. Esta estranha combinação de pó e divindade deu lugar a uma criação maravilhosa (cons. I Co. 15:47-49) feita à própria imagem de Deus. Como ser vivente, o homem estava destinado a revelar as qualidades do Doador da vida.

Esta linguagem das Escrituras não sugere que o homem tivesse semelhança física com Deus. Antes, ele foi feito semelhante a Deus nos poderes espirituais. Ele recebeu os poderes de pensar e sentir, de se comunicar com os outros, de discernir e discriminar, e, até um certo ponto de determinar o seu próprio caráter.

8. Um jardim (*gan*) **no Éden** (*bi'êden*). O autor apresenta Deus plantando um lindo jardim para Suas novas criaturas. A palavra significa um cercado ou um parque. A LXX usa, aqui, um termo que dá base para a nossa palavra "paraíso". O trabalho do homem neste jardim era o de

exercer domínio servindo – uma boa combinação. As obrigações provavelmente eram rigorosas mas agradáveis. O Éden, ou a terra do Éden, ficava provavelmente na parte baixa do vale da Babilônia. Embora tenha se reivindicado outras localizações para o Éden, as evidências parecem apontar para o setor entre o Tigre e o Eufrates como o berço da civilização. A palavra hebraica *Éden* provavelmente significa "encantamento", "prazer", ou "deleite".

Neste sossegado lugar de indescritível beleza, o homem devia desfrutar da comunhão e do companheirismo do Criador, e trabalhar de acordo com o esquema divino para a realização de Sua vontade perfeita. Árvores magníficas forneciam alimento para o sustento, mas o homem teria de trabalhar para cuidar delas. Um adequado suprimento de água era fornecido por um vasto sistema de irrigação, um emaranhado de rios que brotavam dentro e à volta do jardim, dando-lhe vida. A fim de orientar o homem no pleno desenvolvimento moral e espiritual, Deus lhe deu ordens específicas e uma proibição específica para governar seu comportamento. Também lhe deu o poder de escolher e apresentou-lhe o privilégio de crescer no favor divino. Assim começou a disciplina moral do homem.

18. Uma auxiliadora que lhe seja idônea (*'izer kenegdô*). O inspirado autor revela indiretamente a natural solidão do homem e a sua insatisfação. Embora muito se fizesse por ele, ainda estava consciente de uma falta. O Criador não terminara ainda. Ele tinha planos de fornecer uma companheira que pudesse satisfazer os anseios incumpridos do coração do homem. Criado para a comunhão e o companheirismo, o homem só poderia desfrutar inteiramente da vida se pudesse partilhar do amor, da confiança e da devoção no íntimo círculo do relacionamento familiar. Jeová tomou possível que o homem tivesse **uma auxiliadora... idônea**. Literalmente, uma auxiliadora que o atenda. Ela teria de partilhar das responsabilidades do homem, corresponder à natureza dele com amor e compreensão, e cooperar de todo o coração com ele na execução do plano de Deus.

21. Fez cair (*beinâ*) pesado sono (*tardimâ*). Hoje em dia os médicos usam diversos anestésicos para produzirem sono profundo. Não sabemos que meios ou métodos o Criador usou para induzir Adão nesse pesado sono que o deixou inconsciente dos acontecimentos. Isto permanece um mistério. Certamente a misericórdia divina foi exibida neste milagre. O Eterno estava criando não apenas um outro indivíduo, mas um indivíduo novo, totalmente diferente, com outro sexo. Alguém já disse que "a mulher foi tirada não da cabeça do homem para governar sobre ele, não dos seus pés para ser pisada por ele, mas do seu lado, de sob o seu braço, para ser protegida, e de perto do seu coração, para ser amada". Na história da criação ela também está representada dependendo inteiramente de seu marido e incompleta sem ele. Do mesmo modo, o homem jamais é inteiramente completo sem a mulher. Essa é a vontade de Deus. Uma vez que a mulher foi formada do lado do homem, ela tem a obrigação de permanecer ao seu lado e de ajudá-lo. Ele tem a obrigação de lhe dar a proteção e defendê-la com o seu braço. Os dois seres formam um todo completo, a coroa da criação. O autor do Gênesis declara que Deus transformou (*beinâ*) a costela que tirou do homem em uma mulher. A mão que moldou o barro para fazer o corpo do homem, pegou uma parte do corpo vivo do homem e transformou-o em uma mulher.

22. E lha trouxe. Quando Deus terminou essa nova criação, Ele "a deu" em casamento ao seu marido, estabelecendo assim a eternamente significativa instituição do casamento. Uma vez que o Criador instituiu o casamento, este constitui um relacionamento sagrado do homem com a mulher, envolvendo profundo mistério e proclamando sua origem divina. O amoroso coração de Deus sem dúvida se regozijou com a instituição de um relacionamento que devia ser sublime, puro, santo e agradável para a humanidade.

23. Esta, afinal, é . . . carne da minha carne. O homem reconheceu nesta nova criação uma companheira divinamente criada para atender a todos os anseios do seu faminto coração para a execução

da santa vontade de Deus. Varoa (*'ishshâ*) . . . varão (*ish*). Estas duas palavras hebraicas são muito parecidas, até mesmo no som. A única diferença entre elas é que a palavra "mulher" tem um sufixo feminino. Léxicos mais recentes declaram que estas palavras não são etimologicamente relacionadas. Não há, entretanto, nenhuma base para rejeitarmos a opinião anterior de que a palavra "mulher" vem da palavra "homem".

24. Por isso . . . o homem. . . se une (*deibaq*) à sua mulher. O Criador estabeleceu a base completa para o casamento monogâmico. Rashi, o grande comentador hebreu, declara que estas palavras são um comentário específico do Espírito Santo. O comentário final sobre a união de marido e mulher foi feito por nosso Senhor Jesus Cristo, quando disse: "Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unirse-á a sua mulher. E serão os dois uma só carne; e assim já não serão dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem" (Mc. 10:7-9). Deus planejou que os laços matrimoniais deveriam ser terminantemente indissolúveis. Se une (*deibaq*) significa "colar-se a" sua esposa (sua própria esposa). A palavra "mulher" está no singular. O homem, que é o mais forte, é o que deve *unir-se* a ela. A esposa ficará segura ao marido, se ele exercer sobre ela o tipo de poder amoroso descrito neste versículo. "O que Deus ajuntou não o separe o homem". Esta é uma declaração antiga, mas é verdadeiramente a palavra de Deus para todos os corações da atualidade e para sempre.

Como é notável que um relacionamento tão exatamente descrito por Moisés há séculos atrás, continue enraizado na verdade eterna e no decreto divino! A santidade do casamento fundamenta-se no próprio coração das Escrituras, e ficou eternamente destacada pelo Espírito Santo, como necessidade básica. Deus quis que as criaturas feitas à Sua imagem fossem Seus vasos escolhidos para a edificação de um lar que Lhe fosse agradável. No N.T. o Espírito revela: o relacionamento divinamente estabelecido entre o homem e a mulher, baseia-se na ordem da criação; na liderança da família exercida pelo marido; na santidade

eterna dos votos matrimoniais; no tipo de amor que deveria unir o esposo à esposa; e na pureza que deveria caracterizar aquelas que tipificam a Esposa por quem Cristo deu a Sua vida.

Gênesis 3

B. A Tentação e a Queda. 3:1-24.

O autor do Gênesis faz aqui uma lista dos passos que levaram à entrada do pecado nos corações daqueles indivíduos divinamente criados, que começaram suas vidas com corações tão puros e tantas promessas. A desobediência e o pecado obscureceram o quadro. Embora estes seres fossem moralmente honestos, receberam o poder da escolha; e estavam sujeitos ao poder do tentador a qualquer momento. Por isso o teste foi inevitável. O jardim era uma criação primorosa, cheia de provisões abundantes. O meio ambiente do homem nada deixava a desejar. Uma proibição, contudo, fora feita ao homem e à mulher. Todas as árvores, arbustos e guloseimas seriam deles, com exceção do fruto da "árvore do conhecimento do bem e do mal". Esta proibição parece que formou a atmosfera na qual as mentes humanas acolheram o apelo do tentador.

1. A serpente (*neiheish*). A narrativa apresenta o sedutor como um dos animais, que era muito **mais sagaz** do que os outros. A palavra hebraica contém a idéia de astúcia excepcional. (As lendas rabínicas dizem que a serpente andava ereta.) Ela tinha o poder de falar e falava livremente com sua vítima. Ela era ardilosa, insidiosa, maliciosa. Mais tarde a exegese identificará a serpente com Satanás ou o diabo. À luz de verdades bíblicas posteriores, estamos justificados em concluir que a serpente foi um instrumento especialmente escolhido por Satanás para este teste.

Em Ap. 12:9 o tentador é chamado de "o grande dragão, a velha serpente, chamada o diabo e Satanás" (cons. Milton, *Paradise Lost*, Livro IX). A palavra *neiheish*, que significa *sibilante*, sem dúvida se refere à espécie de ser que conhecemos como a serpente. Paulo declara

que Satanás mascara-se de "anjo de luz" (II Co. 11:14). Ele escolheu o animal mais malicioso, mais sutil, mais cauteloso e controlou-o inteiramente para executar sua tarefa desastrosa. Jesus disse referindo-se a Satanás: "É mentiroso, e pai da mentira" (Jo. 8:44, cons. Rm. 16:20; II Co. 11:3; I Tm. 2:14; Ap. 20: 2).

O método de engano que a serpente usou com Eva foi o de distorcer o significado da proibição de Deus e então ridicularizá-la em sua nova forma. O tentador fingiu surpresa diante de tal ordem vinda de Deus. Então procurou abalar a fé da mulher semeando em sua mente dúvidas, suspeitas e falsos quadros do Todo-poderoso e seus motivos. Foi uma tentativa deliberada de desacreditar a Deus. Quando a fé falha, o firme fundamento da conduta moral entra em colapso. Só falta um pequenino passo da incredulidade para o pecado e a desgraça.

2:3. Respondeu-lhe a mulher. Conversar com o tentador sempre é perigoso. Inconsciente, a mulher estava revelando um desejo de entrar num acordo com o tentador. Ela não tinha a vantagem das palavras usadas por Jesus em Mt. 4:10 e a advertência de Tg. 4:7. Ela era inocente, ingênua e confiante; não servia de parceiro para o ardiloso antagonista. Ela não quis ficar de lado e ver Deus sendo deturpado; então tentou corajosamente corrigir a declaração da serpente. Mas citou a proibição de Deus de maneira errada, acrescentando a palavra *tocareis*.

5. Como Deus, sereis. Agora que Eva entrara na conversa, o sedutor avançou com seu argumento mais poderoso. Mais do que depressa ele deu a entender que o grande desejo do homem de ser igual a Deus foi deliberadamente frustrado por ordem divina. Ele acusou o Criador de egoísmo e falsidade maliciosa, apresentando-O como se tivesse inveja e não desejasse que Suas criaturas tivessem algo que as tornasse iguais ao Onisciente. (A palavra *'Elohim* pode ser traduzida para Deus ou deuses, uma vez que se encontra no plural. A primeira forma é a preferida.)

6. Vendo a mulher . . . tomou. . . comeu, e deu. Os fortes verbos contam a história de maneira viva e clara. Algo aconteceu no raciocínio

da mulher. Gradualmente o falto tomou novo significado, Era atraente aos olhos, de bom paladar, e poderoso para conceder nova sabedoria. Ela deu mais uru passo no campo da auto-decepção. Além de querer provar o alimento que era delicioso e atraente, queria também o poder. Ela cria que este falto poderia satisfazer todos os seus desejos. O próximo passo foi automático e imediato. **Tomou ... comeu.** O tentador já não era mais necessário a partir desse momento. Eva assumiu a tarefa de apresentar o bem recomendado fruto a seu marido, e ele comeu.

7. Abriram-se. . . os olhos (*peikah*) . . . percebendo. A palavra *peikah* descreve um súbito milagre. A promessa do tentador cumpriu-se imediatamente; receberam percepção instantânea. Viram e perceberam. Mas o que viram foi muito diferente do quadro colorido pintado pela serpente. Houve um rude despertar da consciência. Viram a sua nudez, espiritual e física. Nasceu a vergonha e o medo. Quando Adão e Eva perceberam que tinham perdido o contato com Deus, uma terrível solidão apossou-se deles. Seguiram-se o remorso e suas inevitáveis misérias. Sua falta de fé sujeitou« a todos infortúnios resultantes. Apressadamente fizeram para si cintas ou aventais para fornecer algum tipo de ocultamento, segundo seu parecer, para o seu medo, solidão e complexo de culpa.

8. A voz do Senhor Deus... pela viração do dia. (*Kol*, "voz" é, lit., *som*; *lerûah*, "viração", é *vento* ou *brisa*.) Podiam esconder-se de Deus, mas não podiam escapar dEle. O amoroso Criador não passaria por cima de sua desobediência, nem abandonaria pecadores trêmulos dentro de sua pungente necessidade. Eles eram Seus. Sua santidade tinha de vir revestida de amor, para buscá-los, encontrá-los e julgá-los. Comumente a aproximação de Deus lhes trazia alegria. Agora, terror e pavor os paralisaram, embora o Senhor não se aproximasse deles com trovões nem os chamasse asperamente.

9. É fácil imaginar-se a doçura da voz divina, quando ecoou através das árvores, na quietude da tarde, chamando: "Onde estás?" É claro que Deus sabia onde estavam o homem e a mulher. Mas apelava para eles,

procurando com ternura e amor obter uma reação favorável. E procurou levar os transgressores gentilmente até a plena convicção dos seus pecados. Embora a Justiça estivesse ditando o procedimento, a Misericórdia eram quem dirigia. O Juiz dada a decisão e pronunciaria a sentença.

12. A mulher... me deu da árvore, e eu comi. As perguntas divinas foram diretas e incomumente específicas. Em vez de confessar abertamente, rogando por misericórdia, Adão e Eva começaram a apresentar desculpas, passando a responsabilidade de um para o outro. O homem um tanto temerariamente jogou parte da culpa sobre Deus - que (tu) me deste.

13. A mulher, recusando assumir a responsabilidade, jogou-a toda sobre a serpente. A serpente não tinha modos de passá-la adiante. Enganou (*hish-shiani*). O verbo carrega a idéia de engano (cons. o uso que Paulo faz do conceito em II Co. 11:3 ; I Tm. 2:14).

14. Maldita ('eirur) és. O Senhor destacou a origem e a instigação da tentação para condenação e degradação incomuns. Daquele momento em diante passou a rastejar no pó e até alimentar-se dele. Rastejaria pela vida afora na desgraça, e o ódio seria a sua porção vindo de todas as direções. Muitos a considerariam para sempre como o símbolo da degradação daquele que tinha injuriado a Deus (cons. Is. 65:25). Além de representar a raça da serpente, também representaria o poder do reino do mal. Enquanto houvesse vida, os homens a odiariam e procurariam destruí-la.

15. Porei inimizade. A palavra *'ebé* indica a inimizade feudal profundamente enraizada no coração do homem (cons. Nm. 35:19, 20; Ez. 25:15-17; 35:5, 6). **Tu lhe ferirás (*shup*).** Profecia de luta contínua entre os descendentes da mulher e os da serpente para se destruírem mutuamente. O verbo *shup* é raro (cons. Jó 9:17; Sl. 139:11). É o mesmo em ambas as cláusulas. Quando traduzido para esmagar, parece apropriado para a referência relativa à cabeça da serpente, mas não tão exato ao descrever o ataque da Serpente ao calcanhar do homem.

Também foi traduzido para *espreitar*, *mirar* ou (LXX) *vigiar*. A Vulgata o traduz para *conteret*, "ferir", no primeiro exemplo, e *insidiaberis*, "espreitar" na segunda cláusula. Assim, temos nesta famosa passagem, chamada *protevangeliem*, "primeiro evangelho", o anúncio de uma luta prolongada, antagonismo perpétuo, feridas de ambos os lados, e vitória final para a semente da mulher. A promessa de Deus de que a cabeça da serpente seria esmagada apontava para a vinda do Messias e a vitória garantida. Esta certeza entrou pelos ouvidos das primeiras criaturas de Deus como uma bendita esperança de redenção. Uma tradução infeliz da Vulgata muda o pronome **lhe** (**dele**, v. 15c) para o feminino, fornecendo apoio espúrio para as reivindicações infundadas relativas à "Bendita Virgem Maria".

16. E à mulher disse. Para a mulher, Deus predisse sujeição ao homem, e sofrimento. Gravidez e parto seriam acompanhadas de dores. A palavra *'asvon* descreve dores físicas e mentais. Eva realizaria seus anseios e desejos femininos, mas não sem agonia. Em outras palavras, como esposa e mãe, estaria sujeita à disciplina de Jeová. O amor da mulher e o governo masculino, ambos estão apresentados na viva descrição. Não podemos compreendê-lo inteiramente a natureza de tais juízos do Senhor.

17. E a Adão disse. Dificuldades físicas, labuta árdua, aborrecimentos frustrantes e luta violenta foram concedidas por quinhão ao homem, que foi definitivamente julgado pecador culpado. Antes disso a terra produzia facilmente e livremente para o homem, com grande abundância. Adão tinha, antes, apenas de "cultivar" o jardim (2:15) a fim de desfrutar de sua abundante produção. Mas agora Deus pronunciou uma maldição especial sobre o solo. Dali para frente produziria suas colheitas com relutância. O homem teria de trabalhar muito cultivando o solo a fim de que produzisse o necessário para a vida. E ele teria de lutar com espinhos e ervas daninhas que antes não se destacavam. Trabalho enfadonho, dificuldades e cansaço seriam o seu quinhão diário. Para Adão, como também para Eva, o pecado cobrou pesado tributo.

20. Eva (*hauuâ*). A palavra hebraica relaciona-se com a vida, e o verbo ao qual está ligada fala da vida. Toda a vida originou-se da primeira mulher, Ela foi a mãe de todas as pessoas e, portanto, a mãe de cada clã e cada povo. De acordo com o propósito divino, a vida deve continuar, ainda que a sentença de morte tenha sido declarada – **e ao pô tornarás** (v. 19).

22-24a. O Senhor...o lançou (*geirash*) fora. Um ato necessário e misericordioso. O Senhor não permitiria que o homem rebelde tivesse acesso à árvore da vida. Com cuidado amoroso afastou Adão e Eva do fruto que os tomariam imortais, perpetuando assim, a terrível condição para a qual o pecado os levara. Do agradável jardim foram expulsos para o deserto inamistoso.

24b. Querubins . . . e o refulgir de uma espada. Rashi, o intérprete hebreu, declarou que esses instrumentos foram "anjos da destruição", com o propósito de destruir qualquer um que procurasse entrar. A palavra hebraica *kerubim* indica figuras divinamente formadas para Servirem como mensageiros da divindade ou como guardiões especiais das coisas sagradas. Em um exemplo eles são mostrados sustentando o trono sobre o qual Deus está assentado. Em outro, foram usados para descrever a terrível inacessibilidade de Jeová. Em geral, sua função parece ser a de guardar a sagrada habitação de Deus contra a usurpação e a contaminação. A árvore da vida estava perfeitamente Segura com os querubins a guardá-la no portão. E o homem pecador estava perfeitamente seguro do perigo que adviria se não tivesse o majestoso protetor.

24c. O refulgir de uma espada que se revolvia (*mithhapeket*). O caminho de volta ao Éden estava guardado não só pelos querubins mas também por uma espada refulgente que se revolvia. Isso servia de garantia de que o homem não tentaria se aproximar da árvore da vida. Embora o paraíso do homem lhe fosse fechado por causa do pecado, Jeová não se esqueceu de Suas criaturas. Ele já fizera provisões para a sua triunfante volta.

Gênesis 4

C. Os Dois Irmãos. 4:1-26.

1. Caim (*Qayin*). A palavra Caim está geralmente associada com *qeinâ* do hebreu, "adquirir" ou "obter". A derivação está baseada na semelhança do som, mais do que por causa da etimologia básica, Poderíamos dizer que é um jogo de palavras. O verdadeiro significado da palavra possivelmente veio do árabe ("lanceiro" ou "ferreiro"). Eva encheu-se de alegria com o nascimento do seu filho. Ela exclamou: "Obtive um homem".

2. Abel (*Hebel*). O nome dado ao segundo finto indica "um hálito fugaz" ou "um vapor". *Aplu*, a palavra acadiana cognata, significa filho. Abel deu origem à vida pastoral, enquanto Caim seguiu a seu pai na agricultura.

3, 4. Uma oferta (*minhâ*). Cada homem trouxe um presente especial ou uma oferta a Jeová. Não se faz nenhuma menção de altar ou lugar de culto religioso. *Minhâ*, como os antigos o conheciam, Servia para expressar gratidão, o efeito da reconciliação com o Senhor, e para adoração. Esta narrativa descreve o primeiro ato de adoração registrado na história humana. Em cada exemplo o adorador trouxe algo que era seu como oblação ao Senhor.

5a. Agradou-se o Senhor (*shei'â*). O presente oferecido por Caim não foi recebido pelo Senhor. Aqui não se explica o porquê da rejeição. E as Escrituras não nos contam como Deus indicou a Sua desaprovação. Talvez fogo caísse do céu e consumisse a oferta que foi aceita, mas deixasse a outra intocada, Há quem pense que a oferta de Caim foi rejeitada porque Caim deixou de realizar o ritual adequado, Outros têm explicado que a natureza das ofertas é que fez a diferença - uma sendo de carne e envolvendo morte e derramamento de sangue, e a outra de vegetais, sem derramamento de sangue (cons. Hb. 9:22).

O autor da Epístola aos hebreus dá-nos uma explicação inspirada da diferença entre as duas ofertas: "Pela fé Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim . . . , dando Deus testemunho dos seus dons " (Hb.

11:4). Esta explicação centraliza-se sobre a diferença do espírito manifestado pelos dois homens, Sendo Abel um homem de fé, veio com o espírito correto e adorou de maneira agradável a Deus. Não temos motivos para crer que Abel tinha algum conhecimento de sua necessidade da expiação substitutiva. Pelas aparências ambas as ofertas expressavam gratidão, ação de graças e devoção a Deus. Mas o homem que tinha falta de fé genuína no seu coração não podia agradar a Deus, embora sua oferta material fosse imaculada. Deus não se agradou de Caim porque já olhara para ele e vira o que havia no seu coração. Abel veio a Deus com a atitude certa de um coração disposto a adorar e pela única maneira em que os homens pecadores podem se aproximar de um Deus santo. Caim não.

5b. A ira incontida de Caim exibiu-se imediatamente. Sua fúria logo se acendeu, revelando o espírito que se aliava em seu coração. Caim tornou-se um inimigo de Deus e hostil para com seu irmão. Assim, o orgulho ferido produziu a inveja e o espírito de vingança. E estes deram à luz ao ódio consumidor e à violência que toma possível o homicídio.

6,7a. Descaiu o teu semblante . . . serás aceito. O ódio que o queimava por dentro fez descair o seu semblante. Produziu um espírito taciturno, desagradável e mal-humorado. Com gentileza e paciência Deus lidou com Caim, tentando salvar o pecador rebelde. Assegurou-lhe que caso se arrependesse sinceramente, readquiriria sua alegria e seria aceito por Deus. *Neisei*, "levantar", empresta a idéia de perdão. Jeová misericordiosamente estendeu, assim, a Caim a esperança do perdão e da vitória diante de sua decisão momentosa.

7b. Pecado (*hatt'at*) **jaz** (*reibas*). Logo em cima da promessa animadora. Jeová pronunciou uma advertência severa, insistindo com o pecador a que controlasse seu gênio e tomasse cuidado para que uma besta pronta a saltar sobre ele (o pecado) não o devorasse. O perigo era real. A besta mortal estava exatamente naquele momento pronta a dominá-lo. A palavra de Deus exigia ação imediata e forte esforço para repelir o provável conquistador. Caim não devia permitir que esses

pensamentos agitados e esses impulsos o conduzissem a atitudes ruins. Deus apelou fortemente para a vontade de Caim. A vontade tinha de ser posta em ação para se obter a vitória completa sobre o pecado (*hatt'at*). Dependia do próprio Caim vencer o pecado em si mesmo, para controlar e não ser controlado. O seu destino estava em suas mãos. Não era tarde demais para escolher o caminho de Deus.

9. Onde está Abel, teu irmão? Falhando no domínio do selvagem monstro, Caim logo encontrou-se à mercê de uma força que o controlou completamente. Quase imediatamente um dos filhos veio a ser um homicida e o outro um mártir. Rapidamente Jeová confrontou o homicida com uma pergunta. Ao que parece, Ele quis obter uma confissão de culpa que preparasse o caminho para a misericórdia e o perdão completo. Embora Caim tivesse cometido o pecado de livre e espontânea vontade, descobriu-se perseguido por um Deus amoroso, rico em graça. Sou eu tutor de meu união? (*shomer*). Que resposta desavergonhada para a pergunta de um Pai amoroso! Petulantemente, desafiadoramente, Caim deu a sua resposta. O pecado já o tinha agarrado em seu domínio. Ele renunciava os direitos demandantes da fraternidade. Recusou-se a demonstrar respeito ao Deus eterno. Descaradamente apoiou-se em sua rebeldia egoísta e falou coisas que ninguém teria coragem de pronunciar.

10. A voz (*qôl*) do sangue do teu irmão clama (*sô'qim*) da terra a mim. Sangue derramado por um homicida, embora coberto pela terra, estava clamando a Deus. Jeová podia ouvi-lo, e Ele compreendia o significado do grito, pois Ele conhecia a culpa de Caim. Com que melancolia aquele sangue gritava por vingança! O autor de Hebreus refere-se a esta experiência na frase "o sangue da aspensão, que fala melhor do que o de Abel" (12:24).

12. Fugitivo (*nei'*) e errante (*neid*). A maldição pronunciada sobre o homicida envolvia banimento do solo produtivo para o deserto estéril. O solo, disse Deus, seria hostil para o homicida, de modo que ele não conseguiria obter sustento do cultivo do solo. Em busca do sustento ele

se tomaria um beduíno nas terras desertas, vagando cansado e desesperado. Insegurança, inquietação, luta, culpa e temores seriam seus "companheiros" constantes. A palavra fugitivo dá idéia de alguém cambaleando, andando em ziguezague, tropeçando, sem segurança, em busca infrutífera de uma satisfação. Era um projeto lúgubre e desencorajador.

13. O meu castigo ('awon). Embora a vida de Caim fosse poupada, ele tremia sob o peso do seu pecado, da sua culpa, do seu castigo e das conseqüências infinitas que assomavam diante dele. A palavra hebraica 'awon refere-se literalmente a sua iniquidade, mas também contém um pensamento das conseqüências do seu pecado. Caim estava muito mais preocupado com sua sentença do que com o seu pecado. **Já não posso suportá-lo.** Seu grito amargo dirigido a Deus chamava atenção para o peso insuportável do seu castigo. Era mais pesado do que podia levantar e carregar. A palavra *neisa* dá a idéia de "remover" (perdão) e "levantar" (expição). Novamente, parece claro que o apavorado homicida estava pensando no castigo que estava para ser executado sobre ele.

14b. Quem... me matará. Terror e desalento começaram a acabrunhar o pecador quando pensava nos perigos do deserto. Imaginava que cruéis inimigos se deleitariam em matá-lo. Já sentia o hálito quente do vingador em sua nuca. Sua consciência ativa já estava em ação. No seu temor, tinha certeza de que a destruição estava a sua espera, pois sentia que estava completamente fora do círculo do cuidado divino.

15. Um sinal ('ot) **em Caim.** Mas Jeová, em sua misericórdia, assegurou a Caim que a Sua presença seria contínua e Sua proteção infinita. Colocou um sinal sobre ele evidentemente um sinal ou indicação de que Caim pertencia ao Senhor Deus e devia ser fisicamente poupado. Não há nenhuma evidência de que o "sinal de Caim" fosse um sinal para avisar o mundo de que ele era um homicida. Era, antes, um sinal especial de cuidado amoroso e proteção. Caim continuaria sempre dentro da proteção da aliança divina. Embora um assassino, era um recipiente dos favores divinos.

16. Terra de Node (*nôd*). Literalmente, terra da peregrinação ou fuga (cons. 4:12, 14). Não há meio de localizarmos esta área geograficamente, exceto em falarmos dela como situada ao oriente do Éden. Caim apenas cumpriu a predição que Deus fez quanto a sua futura existência. Pateticamente e estoicamente ele partiu para os ermos sem trilhas. A idéia de "fuga" e "miséria" são discerníveis na palavra hebraica para retirou-se.

17. Sua mulher (*'ishtô*). O livro de Gênesis não responde a tão freqüente pergunta: Onde Caim arranhou uma esposa? Está claro que Adão e Eva tiveram muitos outros filhos e filhas. Antes de Caim se casar, um lapso de muitos anos se passou (talvez centenas deles). Uma vez que toda a vida veio pelo casal humano divinamente criado, é preciso concluir que num certo período da história irmãos e irmãs casaram-se entre si. Na ocasião quando Caim estava pronto a estabelecer um lar, Adão e Eva tinham numerosos descendentes. Não é preciso que imaginemos uma outra raça de pessoas já estabelecida no mundo. A esposa de Caim foi alguém da família de Adão e Eva.

25. Sete (*Shêt*). A narrativa divina preservou o nome de Sete como o do terceiro filho da linhagem de Adão. A palavra hebraica tem marcada semelhança à palavra *shât*, traduzida para "destinado" ou "estabelecido". Na realidade, Sete veio a ser aquele de quem Deus pôde depender para o estabelecimento da pedra fundamental de Sua família. Ele foi "estabelecido" ou "destinado" a assumir o trabalho e a missão de Abel. Caim perdeu o seu direito de levar adiante a sublime esperança divina. Sete assumiria a responsabilidade e o privilégio sobre os seus ombros. Através de sua linhagem Deus realizaria Suas promessas.

26. Daí se começou a invocar o nome do Senhor. Foi uma experiência para nunca mais ser esquecida, quando, sob o estímulo de Enos, os homens começaram a invocar o nome de Jeová, o Deus da aliança. Enos, que se destacou na linhagem de Sete, foi o originador da oração pública e da adoração espiritual. Nela se usava o inefável nome

do Deus eterno. Através dos descendentes de Sete havia uma esperança para dias melhores.

Gênesis 5

D. Sete e Seus Descendentes. 5:1-32.

22. Andou Enoque (*Hanôk*) com Deus. No meio da narrativa de nascimentos, existências monótonas e mortes resultantes, o autor subitamente introduz um caráter sublime, Enoque, que agradou o Senhor e viveu em Sua presença imediata. Em um período de deterioração, Enoque deu notável demonstração de piedade recomendável. Em pensamentos, palavras, feitos e atitudes ele viveu de acordo com a vontade divina; e levou alegria ao coração do seu Criador. A LXX diz a seu respeito: "Enoque agradou a Deus". Uma declaração extraordinária dá-nos uma indicação de quando Enoque começou a andar com Deus (cons. 22a). Talvez fosse no momento em que se deu o nascimento de seu filho, sem dúvida um ponto alto de sua vida, que ele determinou em seu coração viver em íntima comunhão com Deus. Sua íntima associação em tal atmosfera deu-lhe sabedoria celestial, a qual o capacitou a compreender e apreciar as ricas coisas de Deus.

24. E já não era, porque Deus o tomou para si. Por conta de sua piedade genuína e sua assimilação da sabedoria divina, foi levado desta terra para continuar sua caminhada nas sagradas regiões do além. Seu desaparecimento foi súbito e completamente Sem aviso, e a morte nada tem a ver com ele. A LXX diz; Ele não foi encontrado, porque Deus o trasladou. "Tela fé Enoque foi trasladado", diz o escritor de Hebreus, "para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara" (Hb. 11:5). Um lindo e significativo milagre foi realizado de modo que o homem que aprendera a amar a Deus e a andar com Ele pudesse continuar nessa comunhão sem interrupção.

E. O Pecado e o Dilúvio. 6:1 - 8:22.

Gênesis 6

6:2. Os filhos de Deus (*benê 'Elohim*) . . . as filhas dos homens. A maldade aumentava a todo instante. Os descendentes de Caim ficaram excessivamente ímpios e pagãos. Uma poderosa raça de gigantes, chamada "nefilins", destacou-se. O verbo *neipal*, "cair", tem sido considerado a fonte do nome, e por isso estas gigantescas criaturas têm sido conhecidas como "os que decaíram".

A referência ao *benê 'Elohim* tem ocasionado marcadas diferenças de opinião entre os mestres, *'Elohim* é plural na forma. Normalmente é traduzido para "Deus". Mas pode ser traduzido para "deuses", como, por exemplo, quando se refere aos deuses dos vizinhos pagãos de Israel. Pode, também, indicar o círculo celestial de seres em íntima comunhão com Jeová, habitantes do céu, com obrigações específicas na qualidade de assistentes de Deus (veja Jó 1:6).

Em alguns casos nas Escrituras os "filhos de Deus" podem ser identificados com os "anjos" ou "mensageiros". Jesus é o Filho de Deus em um sentido único. Os crentes são chamados "filhos de Deus" por causa do Seu relacionamento com Ele. No V.T., entretanto, "filhos de Deus" são uma classe especial de seres que formam a corte celestial.

A referência ao casamento dos *benê 'Elohim* com as filhas dos homens tem sido examinada de maneiras diversas. Para traduzi-la literalmente, diríamos que aqueles membros da sociedade celeste escolheram mulheres de escol na terra e estabeleceram com elas, literal e verdadeiramente, relacionamento conjugal. Esta pode ser a única interpretação de Jó 1:6. Ali, os *benê 'Elohim* eram declaradamente membros da corte de Deus. S.R. Driver sustenta que este é o único sentido legítimo e correto que pode ser aceito. A resposta que Jesus deu aos saduceus, em Mt. 22:30, parece tornar insustentável este ponto de vista. Ele disse que os anjos "nem casam nem são dados em casamento". A declaração em Gn. 6:2 torna claro que está se falando de casamento permanente. Mulheres eram escolhidas e forçadas a se tornarem participantes do relacionamento anormal. Os estudiosos da Bíblia que

têm rejeitado esta solução recorreram a outras explicações. Alguns têm dito que uma ligação entre a linhagem piedosa de Sete com os ímpios descendentes de Caim é a que está sendo descrita. Outros ainda sustentam que estas palavras se referem ao casamento entre pessoas da classe mais alta da sociedade com elementos da classe mais baixa e menos digna. À luz dos fatos e da tradução exata das palavras do texto, concluímos que alguns homens do grupo celeste (anjos ou mensageiros) realmente tomaram por esposas as mulheres terrestres. Usaram de força superior para dominá-las, para que a conquista fosse completa. Os "filhos de Deus" eram irresistíveis (cons. II Pe. 2: 4; Judas 6).

3. O meu Espírito (*rûah*) não agirá para sempre (*veidôn*) no homem. Este verbo hebraico pode ser traduzido para lutar com ou permanecer com. A primeira tradução representaria Deus usando continuamente de força para com os homens rebeldes, para mantê-los em linha e para evitar que se destruam completamente como resultado de seu comportamento pecador. O segundo ponto de vista representaria Deus como tomando a determinação de afastar seu fôlego vital da vida do homem, resultando, é claro, na morte. A palavra hebraica *dûn* (ou *din*) indica vida expressando-se na ação ou na evidência do poder.

Na primeira interpretação, o espírito (*rûah*) é considerado um princípio ético usado para restringir ou controlar as criaturas, resultando em comportamento ético. Na outra, o espírito (*rûah*) é considerado como princípio vital dado ao pedacinho de barro inanimado para fornecer vida, motivação e poder para viver. Quando esse *rûah* é retirado pela mão divina, o julgamento é inescapável. Este aviso divino veio de Jeová quando Ele encontrou Suas criaturas dominadas pelo pecado. Deus declarou que tinha de abandonar o homem ao destino da morte. O pecado ativara aquilo que garantiria a morte.

5,6. Maldade (*rei'eit*) ... se arrependeu (*heiham*) ... pesou (*'eisab*). A depravação era muito difundida. E era interna, contínua e habitual. O homem era inteiramente corrupto, mau de coração e na conduta. Não havia nada de bom nele. Toda a inclinação dos Seus pensamentos e

imaginação era completamente fora da linha da vontade de Jeová. A carne estava no trono. Deus foi esquecido e francamente desafiado. *Neiham* na forma nifal descreve o amor de Deus, que sofreu desapontamento de fazer partir o coração. Literalmente, fala de suspirar devido à dor profunda. Os propósitos e planos de Deus falharam na produção do precioso fruto que Ele antecipou, por causa do homem pecador que impediu sua frutificação completa. *'Eisab* na forma *hithpael* significa ferir-se ou experimentar um ferimento. A declaração diz, então, que Deus experimentou tristeza que Lhe feriu o coração quando olhou para a trágica devastação que o pecado produzira. A obra de Suas mãos fora distorcida e arruinada. Através de tudo isto, o amor de Deus brilhava claramente, mesmo quando o retumbar do juízo divino começou a ameaçar os habitantes da terra.

7. Desaparecer (*mahâ*; E.R.C., **destruirei**). O verbo indica um movimento que extermina ou risca alguma coisa completamente. A operação tulha a intenção de destruir cada ser vivo que estivesse pela frente. Destruição completa tinha de ser executada. Nada devia ser poupado.

8. Porém Noé achou graça (*hên*). Um homem entre toda a incontável multidão que havia sobre a terra estava capacitado a receber o dom da graça de Deus. A palavra graça certamente significa "favor" ou "aceitação", de qualquer modo, e provavelmente tem um sentido muito mais rico. Era o amor e a misericórdia em ação. Estendendo Deus a Sua graça sobre Noé significava que havia vida e nova esperança para a humanidade nos dias pela frente.

9. Noé era homem justo e íntegro. . . Noé andava com Deus. Com estas palavras o autor descreve três características de uma vida piedosa – justiça, pureza e santidade (cons. 6:8 - ele achou graça diante do Senhor).

A palavra justo, do hebraico *saddiq*, descreve o caráter de Noé conforme se manifestava em relação aos outros seres humanos: "honestidade" ou "honra" era evidente em seu comportamento. Toda a

sua conduta revelava esta justiça moral e ética (cons. Ez. 14:14, 20). A palavra hebraica *tânim*, íntegro, descreve o produto perfeito de um construtor sábio; é inteiro, completo e perfeito. Visto objetivamente, a palavra imaculado descreve o caráter. No reino da ética, a idéia de "integridade" é a sua derivada (cons. Jó 1:1). A declaração, ele **andava com Deus**, abre um outro setor do pensamento. Ao andar com Deus, Noé demonstrou um espírito, uma atitude e um caráter que o tornava aceito e aprovado para um relacionamento espiritual mais íntimo. Ele manifestava qualidades de alma que o tomavam querido ao Senhor (cons. Gn. 5:22 ; Mq. 6: 8; Ml. 2: 6).

14-16. Uma arca (*têbâ*). A nossa palavra arca vem do latim arca, "um baú ou cofre". A palavra usada para a "arca" da aliança é uma palavra diferente *eirôn*. *Têbâ* é provavelmente de origem egípcia. A arca de Noé era muito provavelmente uma espécie de jangada grande e coberta, construída com madeira leve e resinosa. Com seus três andares, chegava a um total de 13,85ms de altura. Tinha 138,46ms de comprimento por 23,08ms de largura. (O cúbito tinha 45cms.) Celas, cabines ou pequenos quartos foram construídos ao longo dos lados dos três andares. Para que a embarcação fosse à prova de água, usou-se um poderoso **betume** por dentro e por fora, para sua calafetação. A palavra hebraica *sôhar* fica melhor traduzida para luz ou janela. Tinha aproximadamente 45crns de altura e estendia-se em toda a volta da arca; deixava entrar luz e ar.

17-22. Dilúvio (*mabbûl*). Esta palavra não tem etimologia hebraica. Só foi usada em relação à inundação do tempo de Noé. Talvez viesse da palavra assíria *nabalu*, "destruir". De acordo com o autor do Gênesis, o propósito de Deus era certamente exterminar os seres vivos de Sua criação. Durante 120 anos que Noé levou para completar o seu trabalho; ele pregou ao povo num esforço urgente de levá-lo ao arrependimento. Viram a arca tomando forma diante de seus olhos enquanto o pregador transmitia o sermão. Os parentes próximos de Noé, incluindo sua esposa, três filhos e respectivas esposas, entraram com ele no seguro abrigo. Em

obediência à ordem de Deus, levaram consigo pares de representantes de todos os animais da terra.

Gênesis 7

7:11a,b. Romperam-se (*beiqa'*) todas as fontes do grande abismo. Enormes reservatórios de água estavam armazenados sob a terra. Esta enorme quantidade de água foi chamada de *tehôm*, "o grande abismo" (cons. Gn. 1:2). Estas águas subterrâneas confinadas ali pelo poder criativo no segundo dia da criação, foram desencadeadas com volume e violência além da descrição. Não foi uma enchente comum, mas uma gigantesca maré que subitamente assombrou a população estarecida. *Beiqa'* indica uma convulsão terrestre que destruiu toda barreira restritiva que existia. Foi um tumultuoso desprender-se de indescritível destruição. O homem não pode imaginar a fúria e o poder destruidor da erupção, nem o horror da exibição do poder de Deus para destruir os seres pecadores, A completa corrupção do homem era muito pior do que qualquer um de nós pode imaginar. A destruição foi necessária,

11c,12. As comportas dos céus se abriam (*peitah*), Além da terrível sublevação que vinha de baixo, os povos da terra testemunharam a abertura das comportas dos gigantescos reservatórios de águas acima da terra. Todas as águas que estavam acumuladas explodiram em torrentes. Resistente e continuamente, durante quarenta dias e quarenta noites, as gigantescas nuvens derramara água sobre a terra. O efeito do dilúvio sobre os homens, mulheres, crianças, animais e plantas, e sobre a superfície da terra não pode ser completamente imaginado.

16-18. E o Senhor fechou (*seigar*) a porta após ele . . . Predominaram as águas (*geibar*). No meio da violenta tempestade e das torrentes que tudo cobriram, Jeová, o Deus da aliança, estendeu o braço da misericórdia e fechou a porta da arca para guardar o seu povo em segurança. Mas Ele derramou torrentes de água para destruir completamente os pecadores sobre a terra. Os inquilinos da casa

flutuante podiam viajar sobre as águas com senso de segurança e proteção, pois confiavam em Deus. A mão divina que fizera transbordar o abismo e abrira as janelas do céu para derramar destruição, também demonstrou a amorosa preocupação de Deus por aqueles que seriam o núcleo de Seu novo começo.

Enquanto os escolhidos de Deus se aninhavam em segurança na arca, as águas continuaram a subir e cobrir toda a terra. O verbo *geibar* indica poderio, sujeição e poder que prevalece. Sem cessar as águas foram assumindo o controle e continuaram dominando até que as mais altas montanhas ficaram completamente submersas. Novamente, a majestade, grandeza e propósito competidor do Todo-poderoso mostrou-se cada vez mais aparente. O propósito divino estava se realizando sobre toda a terra. A vontade de Deus se realizava.

Gênesis 8

8:4. As montanhas de Ararate. Depois de 150 dias, a arca repousou sobre um dos picos de uma alta cordilheira na Armênia. *Urartu*, palavra acadiana cognata de Ararate, usada em antigos documentos para designar a Armênia. A montanha atualmente chamada *Ararate* tem 5.204,92 ms.

A história do dilúvio babilônico, que faz parte da Épica Gilgamesh, conta que o seu herói, tal como o Noé bíblico, construiu uma arca, introduziu nela espécimes do reino animal e, depois do dilúvio ancorou no Monte Nisir, a leste do rio Tigre.

20. Levantou Noé um altar (*mizbêah*) ao Senhor. Quando Noé saiu para a claridade do novo dia, a coisa mais natural que tinha a fazer foi encontrar um local de terreno elevado para edificar um *mizbêah*. Foi o primeiro altar edificado sobre a terra purificada. Noé reconheceu o fim do trágico juízo e o despontar de um novo dia de esperanças e promessas. Edificar o altar foi sua maneira de expressar seu louvor e ação de graças a Jeová.

Ele ofereceu holocaustos ('*ôlâ*). A palavra holocaustos deriva-se do verbo '*eileih*, "subir". A sugestão aqui é que, quando o sacrifício é consumido, a fumaça sobe a Deus, levando, em certo sentido, a gratidão e a adoração do ofertante. Foi um sacrifício verdadeiramente propiciatório (cons. II Sm. 24:25), oferecido em sincera adoração, partindo de profunda gratidão. E assim o Deus eterno foi agradado. Noé encontrou favor diante dEle.

F. Vida Posterior de Noé e Seus Descendentes. 9:1 - 10:32.

Gênesis 9

9:9-15. Eis que estabeleço (*mêqim*) a minha aliança . . . Porei (*neitan*) nas nuvens o meu arco. De maneira solene Jeová confirmou as promessas da aliança que já fizera antes. A formação de uma aliança envolve a solene junção de duas partes, até então livres de obrigações mútuas. A ligação de Deus com este grupo familiar foi um ato voluntário de livre graça. Noé e sua família nada tinham que merecesse o relacionamento da aliança, e Deus não tulha obrigações para com eles. Mais ainda, esta foi uma aliança feita com toda a humanidade. Aceitando os termos e obedecendo, o homem se unta ao seu Criador aceitando os termos divinos e observando seu espírito interior.

A aliança precisava de um sinal externo e visível que servisse de lembrete constante do acordo sagrado. Este sinal ('*ôl*) seria um penhor do laço espiritual interior, garantindo sua segurança eterna. O tempo perfeito do hebraico pode ser traduzido para *Eu estabeleci*, ou *Neste momento estabeleço*. O arco nas nuvens seria o "sinal". Deus poderia ter criado o arco-íris naquele momento, investindo-o deste significado. É provável, entretanto, que o dito arco já estivesse nas nuvens, indicando que a partir daquele momento assumia um novo significado, dando a certeza da Sua graça e misericórdia; seria um lembrete visível do Seu amor. Ele disse: Então me lembrarei (v. 15).

18. Sem, Cão e Jafé. O autor do Gênesis esclarece que estes três filhos de Noé foram os pais das três grandes famílias da humanidade. Sem foi o primeiro mencionado, ocupando o lugar da liderança e destaque nos planos divinos para os povos. Os semitas seriam os líderes espirituais dos homens. Os escolhidos de Deus dentro dessa linhagem ensinariam a religião de Jeová ao mundo. Sabemos que o Messias devia vir através dos descendentes de Sem. Jafé seria o pai de um grande ramo do mundo gentio. Seus descendentes se espalhariam por toda parte em busca de lucros e poder material. Seriam prósperos e excessivamente poderosos. Cão seria o pai de outro ramo dos gentios, incluindo os egípcios, etíopes, abissínios e grupos afins. Seu filho Canaã, foi o pai dos grupos chamados cananitas, habitantes de Canaã, mais tarde desalojados pelos hebreus. A maldição pronunciada sobre Canaã por Noé não foi, de maneira nenhuma, destinada a ser prova textual da escravidão ou segregação racial.

Gênesis 10

10:4. Tárzis. A famosa cidade espanhola procurada pelos comerciantes fenícios. Séculos mais tarde o profeta Jonas tomou um navio com destino a esta distante cidade. Os gregos a chamavam de Tartessus.

6. Mizraim. A palavra hebraica correta para o Egito, incluindo as divisões inferior e superior daquela terra. As duas capitais do Egito foram Mênfis e Tebas.

8,9. Ninrode, Filho de Cuxe. Fundou o antigo império babilônico e edificou a cidade de Nínive. Foi um grandioso caçador e notável líder de exércitos. Seu poder estendeu-se por sobre as cidades da Mesopotâmia,

11,12. Nínive. Conhecida desde 2800 A.C. foi o centro do poderoso reino assírio, que alcançou suas alturas sob o governo de Senaqueribe, Esaradom e Assurbanipal. Estava situada sobre o rio Tigre, cerca de 250 milhas da cidade de Babilônia. Foi contra esta fortaleza que Jonas e Naum dirigiram suas profecias.

14. Os filisteus recebem o crédito de terem dado seu nome à terra da "Palestina". Amós e Jeremias referem-se a eles como vindos de Caftor. Suas cinco principais cidades eram Asdode, Asquelom, Gaza, Gade e Ecom. Os filisteus foram durante séculos um espinho na carne dos israelitas.

15. Hete. Ancestral dos hititas, cujo grande império dominou desde 1600 a 700 A.C. As principais cidades dos hititas foram Carquemis sobre o Eufrates e Cades sobre o Orontes. Estes povos se estabeleceram nas cercanias do Hebron, e testemunharam a compra que Abraão fez da Caverna de Macpela que pertencia a Edom (23.8-10). Esaú casou-se com uma mulher dessa tribo. Os hititas são encontrados nas inscrições assírias e egípcias. Os arqueólogos têm encontrado restos valiosos da civilização desse poderoso império.

21. Os filhos de Éber compreendiam muitos e diferentes grupos entre os filhos de Sem. O nome Éber tem sido associado com a palavra hebreu, o nome pelo qual os israelitas têm sido conhecidos pelos outros povos. Foram os que possuíam o conhecimento do verdadeiro Deus. O termo "hebreu" é racial, enquanto "israelita" é nacional. Mais tarde essas palavras passaram a ser sinônimas.

22. Arã, o povo aramaico ou o sítio, formando o grupo à volta e inclusive Damasco. Destacaram-se na história do povo de Israel. A língua aramaica tornou-se a língua comercial e diplomática. Gradualmente deslocou a língua hebraica até que, no tempo de nosso Senhor, o aramaico era a língua usada na conversa e na escrita.

28. Sabá, freqüentemente mencionada no V.T., indicando um povo rico cuja principal ocupação era a extração de ouro, perfumes e pedras preciosas para exportar para a Palestina e o Egito. São identificados com os sabeus, que destacavam-se no comércio e nas realizações governamentais. Até onde interessa aos estudiosos da Bíblia, a rainha de Sabá foi a mais famosa dentre o povo de Sabá.

29. Ofir era famosa pelo seu ouro fino. Salomão enviou seus homens sob a direção de Hirão para extraí-lo e transportá-lo para a

Palestina. Além do ouro, descobriram preciosos metais e pedras Preciosas em grandes quantidades. Logo o reino de Salomão rivalizava com todas as terras vizinhas em riqueza. Ofir era provavelmente um porto marítimo no litoral da Arábia. Tem sido localizada na distante foz do Indus. Grande parte do ouro que revestia o Templo de Salomão veio de Ofir.

Gênesis 11

G. A Torre de Babel. 11:1-32.

1,2. Ora em toda a terra havia apenas uma linguagem. Gênesis descreve Noé e seus filhos saindo da arca e falando uma só língua com um só vocabulário. Quando os descendentes de Noé se multiplicaram, naturalmente continuaram com essa mesma língua, uma vez que em suficiente. Viveram no vale do Eufrates e nas redondezas do mesmo, local comumente considerado como o berço da civilização. **Sinear.** Os hebreus usavam o nome Sinear, originalmente uma região ao norte da Mesopotâmia, para designar toda a região da Mesopotâmia. Nômades, vaguearam ao longo das montanhas do Ararate até as bem regadas planícies da Babilônia.

3,4. Vinde, edifiquemos para nós uma cidade, e uma torre . . . e tornemos célebre o nosso nome. Quando os descendentes de Noé que se dirigiram para o leste encontraram um local onde acharam que poderiam se estabelecer definitivamente, decidiram construir uma cidade. Construiriam uma gigantesca torre, tão alta que o seu topo ferida a "abóbada" acima deles. Esta grandiosa estrutura lhes concederia a vantagem de se colocarem em posição de importância diante dos outros homens, e até mesmo diante de Deus.

O propósito do empreendimento era duplo. Primeiro, queriam se assegurar da força que vem da unidade. A cidade e a torre os manteriam unidos em um grupo sólido, de modo que seriam poderosos - até mesmo sem a ajuda de Deus. Diziam: **Para que não sejamos espalhados.** Por outro lado, estavam determinados a se tomarem conhecidos – **tornemos**

célebre o nosso nome. Estes pecados de auto-suficiência e orgulho predominavam em seus pensamentos. Queriam se assegurar de que não seriam esquecidos. A torre os manteria unidos e asseguraria que seus nomes não caíssem no esquecimento. Desafiaram a Deus e resolveram provar a sua auto-suficiência. Sua estrutura elevada seria um monumento à sua energia, coragem, gênio e recursos. Muitas cidades grandes, tais como a Babilônia, Sodoma, Gomorra, Sidom, Tiro e Roma experimentaram de tudo, menos uma estrutura piedosa. Quando os homens desprezam a lei e a graça de Deus, e exaltam a si mesmo, a catástrofe é inevitável.

7-9. Confundamos ali a sua linguagem. Jeová entendeu o espírito, a motivação e os planos egoístas do povo rebelde. Imediatamente resolveu atrapalhar seus tolos esquemas. Aquela coisa que eles tentavam afastar caiu subitamente sobre eles. Deus interveio providenciando que ninguém entendesse mais a ninguém. O hebraico *beilal*, "confundir", indica que houve uma perturbação específica que deixou o povo grandemente confuso. A palavra **Babel** está traduzida para Babilônia. Os melhores lexicógrafos hebraicos declaram que não poderia ter vindo do hebraico *beilal*, "confundir" ou "misturar", mas que significa "portão de Deus". Por meio de um jogo de palavras passou a significar "confusão". A palavra aramaica *bailel* significa "confusão". Alan Richardson nos lembra que a concessão do dom de línguas no Pentecostes (Atos 2:5-11) pode ser aceito como o reverso da confusão de línguas em Babel. Ele diz: "Quando os homens se vangloriavam de suas próprias realizações, o resultado só podia ser a divisão, confusão e falta de compreensão; mas quando as maravilhosas operações de Deus são proclamadas, então cada homem pode ouvir o evangelho apostólico em sua própria língua" (*Gênesis* 1-11, pág. 126).

27. Terá. Filho de Naor (um descendente de Sete) e pai de Abrão, Harã e Naor. Seu primeiro lar foi em Ur dos Caldeus, mas passou seus últimos anos de vida em Harã, onde morreu.

28. Ur dos Caldeus. Uma antiga cidade do antigo reino sumeriano, localizada cerca de 125 milhas da atual foz do Eufrates, 100 milhas a sudeste da Babilônia, 830 milhas de Damasco e 550 milhas de Harã. Era a capital da Suméria. Nos dias de Abrão era uma florescente cidade comercial, com padrões culturais incomumente desenvolvidos. Os edifícios da área do templo eram os mais elaborados. Seus habitantes adoravam *Sin*, a deusa lua. Arqueólogos têm escavado fabulosos tesouros desta antiga cidade. O cemitério real tem revelado tesouros artísticos datados de 2900 A.C. O Instituto Oriental de Chicago tem uma placa de Ur que está datada de 3000 A.C. Foi nesse antigo mundo que Abraão nasceu e atingiu a idade adulta. Tinha uma rica herança.

31. Harã (ou Harrã). Uma importante cidade na antiga Mesopotâmia. Estava situada cerca de 550 milhas ao nordeste de Ur e 280 milhas ao norte de Damasco. As principais rotas convergiam aí. Estradas para Nínive, Babilônia e Damasco partiam daí. Ficava a apenas 60 milhas da fortaleza de Carquemis, a capital do império hitita. Harã era um dos principais centros de adoração de *Sin*, a deusa lua. Terá e sua família mudou-se para Harã, e o registro diz que morreu ali. Rebeca, a esposa de Isaque, e Raquel, a esposa de Jacó, cresceram em Harã. Ainda existe aí como pequeno vilarejo árabe.

II. Os Patriarcas. 12:1 - 50:26.

A. Abraão. 12:1 - 25:18.

Na segunda principal divisão do livro de Gênesis, está evidente que na nova dispensação os escolhidos de Deus deverão reconhecer a comunicação direta e a liderança direta do Senhor. Nos capítulos 12-50, quatro personagens se destacam como homens que ouviram a voz de Deus, entenderam Suas diretrizes, e orientaram seus carrinhos de acordo com a vontade dEle. O propósito de Jeová ainda continua sendo o de chamar pessoas que executem a Sua vontade na terra. Com Noé Ele começou tudo de novo. Sem foi o escolhido para transmitir a verdadeira religião. Os semitas (descendentes de Sem) seriam os missionários aos

outros povos da terra. No capítulo 12 Abraão começa a aparecer na linhagem de Sem como o representante escolhido de Jeová. Sobre ele Jeová colocaria toda a responsabilidade de receber e passar adiante a Sua revelação para todos. Do cenário pagão de Ur e Harã saiu o homem de Deus para a estratégica hora da primitiva revelação do V.T.

Gênesis 12

1) A Chamada de Abraão. 12:1-9.

1. Ora disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai. A narrativa bíblica esclarece que antes de migrar para a Palestina, Abrão teve duas residências. Passou seus primeiros anos de vida em Ur e então um longo período em Harã. Cada uma dessas comunidades foi o seu lar. Ele teve de deixar amigos, vizinhos, e parentes quando saiu de Ur e outros tais quando partiu de Harã. Em cada caso, o triplo laço de terra, povo e parentes foi seccionado. O Bispo Ryle diz que Abrão recebeu a ordem de "a) renunciar às certezas do passado, b) enfrentar as incertezas do futuro, c) olhar e seguir a direção da vontade de Deus" (*Gênesis na Cambridge Bible*, pág. 155). Foi uma grande exigência (cons. Hb. 11:8). Provações severas estavam à espera dele Este chamado deve lhe ter sido feito enquanto ele ainda vivia em Ur (Atos 7:2). Foi renovado muitos anos mais tarde em Harã.

Para a terra que te mostrarei. Nesta ocasião Jeová não disse o nome da terra nem a descreveu. Assim, Abrão teve de enfrentar um novo teste de fé. O Senhor encontrou o homem para o Seu propósito, alguém que podia ser colocado sob fortes tensões, um homem que desejaria fazer a vontade de Deus como a coisa mais importante de sua vida.

2,3. Sê tu uma bênção (berekâ). A forma imperativa expressa realmente uma conseqüência – "para que sejas uma bênção". O ilustre viajante que partiu da Mesopotâmia politeísta fora divinamente comissionado a entrar no mão de pessoas completamente estranhas de

alguma nova terra. Ele e seus descendentes constituiriam um canal pelo qual Deus abençoaria todos os povos da terra.

De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Deus fortaleceu grandemente Abrão com as promessas da aliança – prosperidade, abundante posteridade e importância. A promessa da divina bênção garantia a Abrão tudo o que ele pudesse desejar. Cada necessidade seria suprida. Até vizinhos hostis viriam a considerá-lo como o líder do povo de Deus. Através dele todos os povos da terra receberiam bênçãos. E seu nome seria respeitado e reverenciado por toda parte. Hoje, Abrão é reconhecido e respeitado como o "pai" dos cristãos, judeus e maometanos. Deus escolheu Abrão e seus descendentes para levar o Seu Evangelho ao mundo. Da linhagem de Abrão, viria Cristo, para cumprir os propósitos divinos. E através dos homens e mulheres "nascidos de novo", Seus ideais seriam cumpridos. O plano de Deus estava tomando forma.

5. A terra de Canaã. Abrão interpretou o chamado de Deus envolvendo partida imediata para Canaã. Como ele soube que Canaã era o seu destino, não ficou explicado. Mas Deus disse: "Sai. .. para a terra que te mostrarei". E ele obedeceu. Sem hesitação reuniu sua família e deu início a um importante movimento migratório. Ao que parece ele não temeu, não duvidou, não vacilou. Viajou para Carquemis sobre o Eufrates e voltou-se para o sul através de Hamate na direção de Damasco, na Síria. Josefo apresenta Abrão durante sua estada nesta capital agindo como um rei sobre o povo de Damasco. A terra de Canaã foi descrita nas Escrituras como abrangendo todo o território desde o Jordão ao Mediterrâneo e da Síria ao Egito. Moabe e Edom a limitava ao sudeste. Na Bíblia a palavra "cananeus" costuma se referir aos primeiros habitantes da terra, incluindo todos os grupos que viveram lá antes da entrada dos hebreus.

6. Siquém. Esta antiga cidade era provavelmente um santuário ou lugar sagrado. Era uma colônia importante na junção das principais estradas comerciais. Ficava entre o Monte Gerizim e o Monte Ebal, cerca

de quarenta e uma milhas ao norte de Jerusalém. Anos mais tarde, o poço de Jacó ficaria nas vizinhanças. Em tempos mais recentes, Siquém foi chamada Nablus.

Abrão caminhou **até o carvalho de Moré**. Provavelmente era uma árvore sagrada, sob a qual um sacerdote, ou mestre, ou adivinho, dava instruções ou ensinava. Moré é provavelmente um particípio do verbo *yeirâ*, "ensinar". O carvalho e o terebinto são árvores que se parecem. Siquém foi a primeira parada de Abrão em Canaã. Aqui recebeu uma mensagem especial de certeza e promessa do Senhor. Deus lhe deu a terra como possessão e prometeu que seus descendentes a possuiriam depois dele. Com tribos guerreiras por todos os lados, Abrão encontraria dificuldades em estabelecer seus direitos na nova terra. Fez um bom começo, entretanto, levantando imediatamente um altar e oferecendo sacrifícios a Jeová. Conforme sua vida na Palestina foi tomando forma, ele declarou total dependência do Senhor e sua sincera dedicação.

8. Betel (*Bêt-'êl*). Este antigo santuário data do século vinte e cinco A.C., e foi mencionado mais vezes nas Escrituras do que qualquer outra cidade com exceção de Jerusalém. Ele está situado na estrada de Siquém, cerca de dez ou onze milhas ao norte de Jerusalém. Edificando um altar, o patriarca proclamou sua submissão a Jeová, e armando suas tendas, declarou publicamente a todos os observadores que estava tomando posse permanente da terra. Nesses dois atos simbólicos, Abraão revelou sua fé resoluta no poder de Jeová dos exércitos, para a execução de todas as Suas promessas. A palavra **Betel** significa, literalmente, *casa de Deus*. Uma narrativa posterior indica que Jacó deu a este lugar este nome depois de sua experiência com Jeová ali (28:19). **Abrão invocou o nome do Senhor**. Em seu ato de adoração genuína, ele usou o liame de Jeová na invocação (cons. 4:26).

9. Seguiu (*neisei'*) Abrão dali, indo sempre para o Neguebe. *Neisei'* significa *avançar* ou *desarraigando estacas de tendas*. Refere-se à partida de Abrão para o sul. Ele arrancou as estacas e viajou por etapas. O Neguebe, *terra seca*, é uma seção definida da Palestina do sul, entre

Cades-Barnéia e Berseba. Durante o verão é bastante seca para ser considerada um deserto, sem água ou vegetação. Com todos os seus rebanhos, Abrão achou necessário procurar abundância de água e pasto. O Néguebe de nada lhe adiantaria.

2) O Patriarca no Egito. 12:10-20.

10. Desceu, pois, Abrão ao Egito, para aí ficar. As fomes eram freqüentes em Canaã. Nada se podia fazer para evitá-las. O único remédio era mudar-se para o Egito, onde o Nilo fornecia água para o gado e plantações. Abrão e seu grande grupo foram para o Egito. A palavra hebraica *gûr*, ficar, indica que se antecipava uma permanência temporária. Tão logo a fome abrandasse, Abrão estaria de volta à Palestina. Nenhuma indicação foi feita para determinar qual o Faraó que governava o Egito naquela ocasião.

11-16. O medo tomou conta do coração do patriarca quando se aproximou do palácio do monarca. Imaginou que Faraó o mataria para colocar Sarai em seu harém. Por causa disso, Abrão imaginou um plano de passar a esposa por sua irmã, aquietando sua consciência com o pensamento de que ela era realmente sua meia irmã. Foi um expediente vergonhoso. Como resultado, a mãe dos futuros líderes da nação hebréia foi levada para o harém egípcio"!

17-20. Por causa disso, Faraó foi afligido com pragas, até que percebeu que alguma coisa estava errada e expulsou seus visitantes da terra. Abrão tomou Sara, seus acompanhantes e suas propriedades – grandemente aumentadas com sua passagem pelo Egito – e voltou pelo caminho do Néguebe até Canaã. Tal comportamento, como o de Abrão no Egito, não foi nada digno da alma majestosa do especial embaixador de Jeová junto às nações. Ele tinha de crescer se quisesse se aproximar do padrão divino estabelecido para a sua vida. Precisou voltar a Betel e reconstruir o altar a Jeová.

Gênesis 13

3) A Partida de Ló. 13:1-18.

1-4. Saiu, pois, Abrão do Egito. Quando Abrão renovou a sua comunhão com Deus, estava pronto para uma vida nova. Era imensamente rico. Gado, ouro e prata, ele os possuía em abundância. Seu grupo de acompanhantes crescera tanto que surgiu um sério problema entre eles. Com tanto gado e ovelhas, precisava movimentar-se rapidamente para que houvesse suficiência de água e pasto.

5-8. Logo o grupo de Ló teve dificuldades com o grupo de Abraão, A palavra hebraica *meribâ*, **contenda**, indica discussão, luta e desacordo. O tio justo não podia permitir que tal conduta indecente continuasse. Disse: **Somos parentes** (v. 8). Tal comportamento não era necessário, nem útil e completamente fora de lugar na vida dos representantes de Deus.

9-13. No interesse da paz e harmonia, Abrão fez uma generosa sugestão a Ló, dizendo que escolhesse qualquer seção de terra que preferisse e que se dirigisse para lá, deixando o restante do território para Abrão. A natureza egoísta e avara de Ló manifestou-se imediatamente; ele escolheu o vale do Jordão que era bem suprido de água. Ali, a vegetação tropical abundava junto às águas pródigas do rio. O vale (*kikêr*) do Jordão era suficientemente largo e fértil para garantir a prosperidade e abundância por todos os dias que estavam pela frente. Entretanto, as cidades de Sodoma e Gomorra estavam dentro da área que Ló escolheu e elas eram extremamente corruptas. Como poderia uma religião espiritual crescer entre os espinhos do egoísmo e da corrupção naquele lugar? A escolha de Ló comprovou-se desastrada. **E ia armando suas tendas até Sodoma** (v. 12). Primeiro ele olhou para Sodoma. Depois armou suas tendas até Sodoma. Mais tarde habitou em Sodoma. Esses são os passos pelos quais o homem e sua família caminham para a degeneração e destruição certas.

14-17. Disse o Senhor a Abrão... Ergue os olhos e olha. Nesta notável comunicação, Ló e Abrão são colocados em contraste direto. O

pecador fraco, egoísta e ganancioso escolheu para si aquilo que considerou demais valor. Jeová escolheu para Abrão. Como recompensa por seu altruísmo raro, o patriarca recebeu a terra de Canaã. Deus lhe deu o título de propriedade da terra e convidou-o a abrir bem os olhos e apreciar os tesouros que se estendiam diante dele em todas as direções. Da colina perto de Betel, ele pede descortinar lindos panoramas de beleza incomum. Tudo era Seul Para tomar o presente mais atraente, o Senhor prometeu a Abrão muitos descendentes, mais numerosos que a areia do mar. Esta profecia deve ter confundido o patriarca, que não tinha filhos. Mas ele a aceitou pela fé.

18. Hebrom. Uma cidade antiga ao sul de Judá, dezenove milhas a sudoeste de Jerusalém, na junção de todas as principais estradas da região. Destacava-se na paisagem, a 935,38ms acima do nível do mar. Josefo fala dela como sendo mais antiga do que a cidade de Mênfis no Egito. Ele também diz que um velho carvalho estava ali desde a criação do mundo. À volta da cidade havia oliveiras, parreiras, fontes, poços e pastos. A caverna de Macpela, mais tarde comprada por Abraão para servir de sepultura a Sara, ficava muito perto. Foi, não só o lugar do sepultamento de Sara, mas também de Abraão, Isaque, Jacó, Rebeca e Léia.

Gênesis 14

4) Abraão, Ló, Melquisedeque. 14:1-24.

14:1-14. Em vez de desfrutar de paz, prosperidade e alegria, Ló e Abrão encontraram-se no meio de uma guerra. Poderosos exércitos combativos vindos do oriente invadiram a terra da Palestina, e causaram muitos estragos. Abrão se envolveu profundamente por causa do amor que tinha por Ló, e logo se revelou um guerreiro a ser considerado quando os invasores procuraram espoliar a terra. Ló foi feito prisioneiro de guerra quando sua cidade, Sodoma, e os reinos vizinhos foram derrotados pelos invasores. Ele se arriscara quando escolhera desfrutar das facilidades e privilégios de Sodoma, tomando-se um dos habitantes

dessa cidade ímpia. Agora descobriu que tinha de participar dos perigos e da tragédia da cidade. Rapidamente Abrão reagiu com 318 homens numa missão de salvamento, comprovando ser uma força poderosa a bem da justiça na terra.

1. Anrafel, rei de Sinear. Um dos quatro que compunham o exército invasor. Sinear, localizada ao norte da Mesopotâmia, deu seu nome a toda área entre o Tigre e o Eufrates, incluindo a Babilônia. A baixa Mesopotâmia foi o centro da civilização sumeriana, datando de cerca de 3500 A.C. Anrafel era o rei dessa região. Bem recentemente os estudiosos o identificaram como Hamurábi, um dos primeiros reis de Babilônia. Contudo, descobertas mais recentes nas tábuas de barro tendem a colocar a vida de Hamurábi em data mais recente - 1700 A.C. Anrafel foi rei muito antes. **Arioque** foi rei de Elasar, Babilônica Larsa, e provavelmente controlava uma região muito maior ao sul da Babilônia.

Quedorlaomer. Rei de Elão, uma bem conhecida região montanhosa perto da cabeça do Golfo Pérsico. Parece que era o mais poderoso dos quatro reis que fizeram esta expedição. Controlava os outros reis da Babilônia e Palestina. Seu nome *Kudur-Lagamer* significa "servo de Lagamer", um dos deuses do Elão. A capital do Elão era Susa. **Tidal**, outro dos reis confederados, era chamado de rei de Goim, isto é, das nações ou povos. Seu título pode indicar que ele controlava diversos reinos individuais, ou que estivesse à cabeça de um forte grupo de gente nômade que se ocupava em fazer incursões para pilhagens.

2. Estes reis, com suas tropas seletas, vieram da região além do Damasco, e arremeteram contra as terras a leste do Jordão até o extremo sul do Mar Morto. Depois voltaram-se para o norte e rapidamente subiram pelo lado oriental do Jordão. A batalha decisiva realizou-se nas terras baixas além do Mar Morto (o **vale de Sidim**, v. 3), com os cinco reis desta região imediata que se rebelaram contra seus senhores do oriente.

3. O Mar Salgado (Mar Morto) tem 76kms de comprimento por 15kms de largura. Uma vez que sua superfície fica a 397ms abaixo (o

mar Mediterrâneo, e as águas têm uma profundidade de 369ms, este mar é o "lençol de água mais baixo no mundo". Suas águas são cinco vezes mais densas em conteúdo salino do que a água comum do mar. Estudiosos afirmam que as ruínas de Sodoma e Gomorra ficaram sob as águas do extremo sul deste mar. Admá e Zeboim (cons. v. 2) foram as outras cidades destruídas pelo golpe destruidor da mão de Deus. Os reis do oriente derrotaram completamente os guerreiros confederados, fizeram prisioneiros e saquearam tudo em sua volta. Ló estava entre os capturados.

6. E aos horeus no seu monte Seir. A arqueologia tem contribuído muito para estabelecer a historicidade básica destas antigas narrativas. Esse povo, chamado os horeus, são agora bem conhecidos como os humanos, um grupo não semítico. Suas inscrições, descobertas por arqueólogos em Nuzu, têm lançado muita luz sobre os costumes dos patriarcas. William F. Albright crê que estes humanos destacaram-se em cerca de 2400 A.C., e foram rivais dos hititas e sumerianos na supremacia da cultura e saber. Devem ter emigrado para a região sul do Mar Morto bastante cedo. Foram desalojados da região do Monte Seir pelos descendentes de Esaú (Dt. 2:22).

7. Cades (santuário). Um local antigo onde saía água de uma rocha, e o julgamento era feito por um santo homem que recebia revelação divina. Ficava às margens do Edom, cerca de 80 kms ao sul de Berseba e a 112 kms do Hebrom. Aqui os israelitas aguardaram toda uma geração à espera da ordem de Deus para penetrarem na Palestina. Miriã foi sepultada em Cades, uma viagem de onze dias do Sinai. **Amalequitas.** Rudes e predatórios saqueadores que perambulavam pela área deserta ao sul da Palestina. Provaram ser constante ameaça aos israelitas durante todos os dias do reino. Neste exemplo o povo de Canaã foi severamente castigado pelos invasores ocidentais.

10. Poços de betume. Poços do qual se extraía petróleo líquido. Os buracos deviam ainda estar parcialmente cheios do líquido borbulhante. Os guerreiros, tentando desesperadamente escapar à fúria do ataque

inimigo, caíram nesses buracos e foram destruídos. Os invasores orientais escaparam com o produto do saque e muitos prisioneiros, que seriam feitos escravos.

13. Abrão, o hebreu. Rapidamente a notícia da batalha alcançou Abrão no Hebrom. Ele não fora envolvido na luta, mas uma vez que o seu sobrinho fora feito prisioneiro, sentia-se sem dúvida obrigado a tentar um salvamento. Esta é a primeira vez que as Escrituras usam a palavra **hebreu** (*hei'ibri*). A origem exata do nome ainda é questão discutível. Era usada por estrangeiros para designar os descendentes de Abraão e dos patriarcas. Provavelmente significa "um descendente de Éber" ou "alguém do outro lado" (do rio). Isto se aplica a Abrão como alguém que emigrou da Mesopotâmia. Alguns têm identificado os hebreus com os *habiru*, que se destacaram na arqueologia através das cartas de Tel el Amarna encontradas nas placas de Nuzu e Mari, no Egito e na Mesopotâmia. O caráter desses nômades perturbadores não os recomendaria como filhos de Abrão.

14. A palavra hebraica *riq* (E.R.C., armou) descreve o trabalho rápido e completo de Abrão convocando cada homem capaz para a ação imediata. Foi traduzido, literalmente, para fez sair, como a uma espada de sua bainha. Nenhum homem ficou para trás. Trezentos e dezoito homens atenderam ao chamado e seguiram seu respeitável líder. Para guardar uma propriedade como a do patriarca, tornava-se necessário possuir um grupo forte sempre disponível. Além desses homens prontos e capazes, Abrão levou consigo exércitos de seus amigos confederados, **Aner, Escol e Manre**, que foram leais com o seu bom amigo na hora da emergência. Os invasores fugitivos do oriente dirigiram-se rapidamente para Dã nas fronteiras do norte de Canaã. A cidade se aninhava aos pés do Monte Hermom, a uma certa distância ao noroeste de Cesaréia de Filipos. Naquela ocasião tinha o nome de Leshem ou Laish (cons. Jz. 18:7). Os danitas a tomaram anos mais tarde e a denominaram Dã.

15. Hobá era uma cidade a menos de cinquenta milhas ao norte da antiga cidade de Damasco. Depois do ataque em Dã, Abrão e Seus

guerreiros perseguiram o exército de Quedorlaomer por umas cem milhas. No ataque de surpresa, eles seguiram no encalço do inimigo e conseguiram recuperar o despojo e os prisioneiros. Ló estava novamente seguro sob a proteção do seu tio. E Abrão estabeleceu o seu poder em Canaã, pois os povos vizinhos ficaram admirados com alguém que podia desferir golpes tão violentos.

17. Retornando ao seu próprio distrito, Abrão foi recebido pelo rei de Sodoma, que expressou sua profunda gratidão pelo livramento notável. Encontraram-se no lugar chamado sove, ou o vale do Rei. A palavra **Savé** significa "uma planície". Provavelmente ficava perto de Jerusalém.

18-20. Melquisedeque, rei de Salém. O nome do misterioso personagem significa "rei de justiça" ou "meu rei é justiça", ou "meu rei é Zedeque". **Zedeque** é a palavra hebraica para "justiça", e também o nome de uma divindade cananita. Melquisedeque era o rei-sacerdote de **Salém**, que é uma forma abreviada de *Urusalim*, "cidade de paz", identificada com Jerusalém. As placas de Tel el Amarna identificam Salém com a Jerusalém de 1400 A.C. *Shalom* é a palavra hebraica para "paz", e *Shalom* era provavelmente o deus da paz cananita.

Este benevolente rei-sacerdote, reconhecendo a nobreza e o valor de Abrão, forneceu um lanche para o exausto guerreiro e os seus homens. Era um sinal de amizade e hospitalidade. Melquisedeque louvou *El Elyon*, seu Deus (**o Deus Altíssimo**) por ter concedido a Abrão o poder de alcançar a vitória. Abrão reconheceu o *El Elyon* de Melquisedeque como Jeová, o Deus que ele mesmo servia. O nome **Deus Altíssimo** foi encontrado nos documentos do Ras Shamra que datam do século quatorze A.C. Evidentemente Melquisedeque tinha firmeza nas doutrinas de sua fé, que eram tão verdadeiras e básicas como aquelas que Abrão trouxe da Babilônia. Cada uma destas colunas tinha algo a dar e algo a aprender. (Veja Sl. 110:4; Hb. 5:9, 10; 7:1-7 para o desenvolvimento do conceito do sacerdócio ideal e aplicação disto à doutrina de Melquisedeque.) O autor de Hebreus declara que Cristo foi de uma

ordem sacerdotal muito mais antiga que a de Arão e portanto o seu sacerdócio foi superior ao sacerdócio araônico. Reconhecendo a posição sacerdotal de Melquisedeque, Abrão lhe trouxe dízimos como oferta religiosa.

21-24. Ao falar com **o rei de Sodoma**, o patriarca recusou aceitar parte dos despojos ganhos na batalha. Ele não empreendera a guerra com o intuito de se enriquecer, mas para garantir o livramento de Ló. Ele não receberia o lucro de maneira nenhuma, mas queda que os seus aliados recebessem uma quantia razoável para pagamento de suas despesas. Evidentemente não havia nada mesquinho, egoísta ou ganancioso em seu caráter.

Gênesis 15

5) Abrão Recebe a Promessa de um Herdeiro. 15:1-21.

Durante toda a sua vida Abrão manifestou uma forte confiança em Deus. Foi fácil permitir que esta confiança brilhasse nas horas de triunfo. Quando ele se lembrava das maravilhosas promessas de Deus, era um conforto saber que o cumprimento delas se dava na sua semente e por meio dela. Mas quando ele envelheceu e o fim de sua vida se aproximou enquanto ele continuava sem filhos, sentiu-se tentado a esmorecer.

Sua fé nas promessas se abalou. Como Deus poderia agora cumprir Suas promessas? Quando as cumpriria? Abrão precisava de certeza. Então Deus lhe falou.

1. Não temas. . . eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande. Primeiro, Abrão devia abandonar o temor confiando inteiramente no Senhor. Esta figura de Deus como escudo tinha o intuito de proporcionar esperança, coragem e fé. Mas defesa não bastava. Abrão precisava ter diante de seus olhos a certeza de uma recompensa que lhe proporcionasse a maior das alegrias. Talvez a tradução **teu galardão será sobremodo grande** seja a que mais se aproxima do sentido do texto dentro do contexto. As duas maneiras de traduzirmos estas palavras (eu sou... teu grandíssimo galardão, E.R.C.)

deixam-nos confusos até compreendermos que ambas são garantias de vitória.

2-7. O Senhor assegurou a Abrão que não devia considerar o **damasceno Elíezer** como seu herdeiro, pois um filho realmente seu nasceria para rico cumprimento de cada predição. Em momentos de perigo ou desespero Abrão devia crer na proteção de Deus, no cumprimento de Suas promessas e no ilimitado número de seus descendentes. Era um desafio a uma fé sublime. E Abrão era capaz de crer porque ele conhecia Aquele que fizera as promessas. Ele sabia que podia confiar em Jeová. Embora não houvesse nenhuma criança no seu lar, Deus encheria a terra com aqueles que olhariam para Abrão como seu pai. Submissão confiante à vontade de Deus é o elemento básico na verdadeira religião. 6. isso lhe foi imputado para justiça. A qualidade daquele que anda direito diante de Deus é indescritivelmente preciosa aos olhos do Senhor. Abrão foi justificado, isto é, considerado justo, com base na sua fé.

8-21. Imediatamente Jeová prontificou-se a ratificar a aliança com o homem que se submetera à vontade divina (cons. Gn. 12:1-3). O hebraico *berit* é diversamente traduzido para "aliança", "pacto", "solene acordo", "testamento", "tratado". Nenhuma dessas palavras dá o significado exato desta solene transação. Antigamente os homens costumavam ratificar um pacto ou convênio passando entre as metades de um animal sacrificado. Este "cortar do pacto" não era um sacrifício em si. Antes, era uma cerimônia sagrada por meio da qual os homens declaravam seu solene propósito de manter o acordo. Alguns estudiosos da Bíblia têm destacado que no exemplo registrado em Gn. 15:8-21, só um dos representantes simbólicos das partes contratantes – uma tocha de fogo (cons. Jz. 7:16,20), símbolo de Jeová passou entre as metades dos animais. Em outras palavras, o convênio neste caso só teria de ser mantido da parte de Deus. Só o Senhor poderia cumprir Suas promessas. Ele daria a Abrão descendentes tão numerosos quanto as estrelas e lhes

daria uma grande terra, a se estender das portas do Egito até o grande Eufrates.

Gênesis 16

6) Ismael. 16:1-16.

1-3. Ora Sara . . . não lhe dava filhos. Abrão e Sara estavam casados há muitos anos. Nenhum filho alegrava o seu lar para cumprimento das maravilhosas profecias. Mas Jeová fora específico nas Suas promessas a respeito de uru herdeiro (cons. 15:4). Conforme os anos foram se passando, a discrepância entre a promessa e as circunstâncias foi-se tornando cada vez mais frustrante. Não ter filhos era uma calamidade e uma desgraça para qualquer esposa hebréia, e para Sarai era muito pior ainda. Marido e esposa quiseram ajudar a Deus na realização da promessa. Eles conheciam o ensino direto de Gn. 2:24 e sabiam que maridos e esposas deviam se conformar com esse elevado padrão. Tomar uma segunda esposa ou concubina era pecado. No entanto, tentando fornecer a Deus um meio de executar Sua predição, Sarai prontificou-se a ignorar o padrão divino e deu sua escrava Hagar a Abrão, na esperança de que ela desse um filho à família. **E assim me edificarei** (heb. *beinâ*, "edificar") . . . **por meio dela**, disse. Quando homens e mulheres permitem que a sua fé desabe, recorrem a expedientes humanos. A escrava egípcia foi introduzida na tenda de Abrão para que a família fosse **edificada**. Mas as trágicas conseqüências foram a discórdia e o sofrimento.

4-6a. Ele a possuiu. Sarai estava agindo inteiramente de acordo com os costumes de outros povos do seu tempo (cons. as placas Nuzu). Mas Abrão e Sarai deviam manter-se num padrão mais elevado do que o dos povos à sua volta. Abrão, o amigo de Deus, tinha uma fé mais rica e seguia um código mais puro. Não obstante, aceitou a sugestão de sua esposa e levou Hagar para sua tenda. Logo a escrava começou a desprezar sua senhora. E Sara se tornou amarga contra sua serva. Todas as três pessoas envolvidas no triângulo sofreram. Sara acusava Abrão

como o culpado de tudo, mas ele apenas aceitou a sua sugestão. O ciúme mudou toda a atmosfera. Paz, harmonia e felicidade não podem existir em um lar assim. E o lar estava a ponto de se desfazer.

6b. Humilhou-a. Afligiu-a. O hebraico *'einâ* significa "oprimir, deprimir, afligir". Neste caso pode significar "perseguir ou tratar mal". Sarai deve ter perseguido Hagar com pesadas obrigações ou castigo corporal. Sela qual for a perseguição, deixou-a tão contrariada, envergonhada ou embaraçada que ela fugiu da presença de sua senhora. Ciúme apaixonado e amargura colocaram as duas mulheres uma contra a outra. E Abrão não lhes foi de muita ajuda. As condições foram piorando.

7,8. Tendo-a achado o anjo do Senhor. No seu desespero, Hagar fugiu na direção de sua terra natal, ao Egito. Ela era legalmente uma escrava e não tinha direito de fugir. Sua situação, entretanto, se tomara insustentável, e a fuga lhe parecia a única saída. Provavelmente ela achava que encontrada paz, descanso e o direito de viver em sua terra natal. Quando chegou a Sur (o muro), parou antes de atravessar a fronteira. Aqui os egípcios mantinham um muro ou uma linha de fortificações para proteger o Egito dos invasores do oriente. Foram mencionados nos registros egípcios até 2000 A.C.

Na quietude do deserto, Hagar defrontou-se com o **anjo do Senhor**, que veio orientá-la, dando-lhe esperança e paz de espírito. Esta é a primeira aparição registrada do anjo do Senhor na terra. Foi um momento de significado fora do comum. Este "anjo" não era um ser criado, mas o próprio Jeová, manifestando-se a Hagar. Para outros usos deste nome, via Gn. 32: 30; Êx. 23:20-23; 32:34; 1 Reis 19:5, 7; Is. 63:9. Nessas passagens torna-se evidente que o "anjo" é o próprio Jeová, apresentando-se dentro dos limites do tempo e espaço. Ele se identifica com Jeová; e fala e age com autoridade divina; Ele é mencionado como Deus ou Jeová.

9-12. As palavras confortadoras do "anjo" a Hagar foram que ela deveria voltar para enfrentar a difícil situação da qual fugira, assumir o

seu pesado fardo e aguardar o cumprimento do plano divino e aguardar o dia quando seu filho, Ismael, se tornasse o chefe de uma tribo importante. Ismael (Deus ouve) seria um "jumento selvagem", forte e atrevido, com disposição feroz. Viveria selvagem e livre, no deserto, sem amigos ou seguidores. seus descendentes foram destinados a formarem uma enorme horda de beduínos, selvagens, livres, traiçoeiros, temerários, errantes pelas vastidões do deserto.

13-16. Tu és Deus que vê. Hagar se encheu de alegria ao reconhecer a Deus naquela experiência, vendo que Ele era cheio de graça, bondoso, Observador que considera um pobre indivíduo em calamitosa situação. Reagiu com fé reverente. O poço ou fonte recebeu o nome de **Beer-Laai-Roi**. Este nome foi traduzido e melhorado de diversas maneiras. Talvez uma boa tradução seja *O poço do vivente que me vê*. Hagar ficou grandemente emocionada ao perceber que estivera na presença do próprio Deus poderoso e que continuava viva. Talvez o poço ficasse nas proximidades de Cades (cons. 16:14), cerca de 80 kms ao sul de Berseba. O menino nasceu, e Abrão, com oitenta e seis anos de idade, chamou-o de Ismael.

Gênesis 17

7) Novas Promessas, e a Reação de Abrão. 17:1-27.

1. Eu sou o Deus Todo-poderoso (*El Shadday*). Treze anos mais tarde Deus apareceu a Abrão, trazendo uma reafirmação, um desafio e uma promessa ainda mais rica. Mudou o nome de Abrão e o de sua mulher. Deu-lhe orientação específica quanto ao rito da circuncisão. O nome divino *El Shadday*, com sua mensagem, "Nada é impossível a Deus, que é Todo-poderoso e Todo-suficiente", deve ter encorajado Abrão de maneira fora do comum. A palavra *El Shadday* evidentemente chama a atenção para esses dois atributos de Deus. Mestres judeus da antiguidade declaravam que tem sua origem em *sh-da* que significa "Aquele que é suficiente". Alguns mestres vêem sua origem na raiz *sheidad*, "destruir". Outros o relacionam com a palavra assíria *sheidu*,

"montanha". A LXX nos dá *hikanos*, "suficiente". Talvez o tradutor deveria ficar o mais próximo possível do significado de "Todopoderoso", especialmente porque a palavra *El* fala de poder. Aquele que tem todo o poder também tem todos os recursos de suprir cada necessidade do seu povo.

Anda na minha presença, e sê perfeito. Um Deus assim podia fazer tais exigências. "Andando com Deus" é o que se lê na narrativa de Enoque. Agora Abrão recebeu a ordem de tornar sua vida diária (pensamentos, palavras e atos) diante de Deus inteiramente agradável ao olho que tudo vê. O hebraico *teimin*, perfeito, tem o sentido de "imaculado". Mas vai além desse sentido ao sugerir um todo completo, cada setor preenchido completamente.

3-8. Humilde e reverentemente Abrão caiu ao chão para adorar. A paciência de Deus trouxe o patriarca a uma atitude íntima certa que tomaria possível a mudança do seu nome, a renovação da aliança e a repetição das promessas. Abrão, seu nome de nascimento, costuma ser definido como *pai exaltado*. O nome Abraão não tem significado hebraico, mas a nova afiança associada ao novo nome, enfatiza, a missão mundial do patriarca como representante de Deus diante dos povos da terra (cons. Rm. 4:16, 17). Privilégios mais elevados resultariam em responsabilidades mais pesadas. Deus prometeu dar orientação especial em cada passo de sua nova jornada da fé e obediência.

9-14. Circuncidado. Como símbolo ou sinal da aliança, Abraão e seus descendentes teriam de adotar o rito da circuncisão e obedecer rigorosamente aos regulamentos à mesma referentes. Assim apresentariam aos povos vizinhos um lembrete perpétuo de sua dedicação e completa sujeição a Jeová. A circuncisão não era um rito novo. Nem se limitava ao povo hebreu. Era largamente praticado em muitas regiões do mundo, especialmente no Egito e Canaã. Os assírios e babilônios, entretanto, recusavam-se a participar dele. Observe que Davi se refere desdenhosamente a Golias chamando-o de "filisteu incircunciso" (I Sm. 17:26; cons. 14:6). Deus ordenou a Abraão que

selasse a aliança entre eles com o símbolo ou sinal da circuncisão. Isto seria para sempre "o sinal externo e visível de uru relacionamento interior e invisível". Toda criança do Sexo masculino da casa de Abraão tinha de experimentar este divinamente ordenado ritual no oitavo dia depois do nascimento.

15,16. Sara. O nome Sarai fora usado pela esposa de Abraão durante muitos anos. Agora Deus ordenou que o seu nome fosse mudado para **Sara, Princesa**. É a forma feminina de *sar*, "príncipe". Este novo nome enfatizava o papel da esposa de Abraão a ser desempenhado no futuro, como a mãe das nações. Abraão é considerado como o "Pai Abraão" pelos judeus, maometanos e cristãos. Seria bom lembrar que Sara também teve papel vital no drama dos séculos.

17-22. Novamente **se prostrou Abraão, rosto em terra**, diante do senhor. Deus tinha predito que o tão esperado filho nasceria realmente de sua própria esposa. Embora Sara tivesse noventa anos de idade, teria contudo a alegria de receber um filho, através do qual as promessas da aliança divina seriam realizadas. Abraão tinha chegado a considerar Ismael o seu herdeiro e a crer que as douradas promessas tinham de se realizar através dele (cons. v. 18). Agora recebia a palavra segura de que baque nasceria para ser o filho da promessa. **Abraão. . . se riu** (v. 17). Ele estava atônito. Aqui não se insinua que houvesse incredulidade, mas antes vê-se evidência de espanto e grande alegria. Abraão não tinha capacidade de compreender esse aviso tão pasmoso. O hebraico *sheihei* significa "rir". É o verbo que forma a raiz para a palavra **Isaque**. Compare a reação de Sara e o seu riso em 18:12. Aqui há uma diferença decisiva nos motivos do riso nos dois exemplos.

23-27. Abraão agiu pela fé e com espírito obediente executou a ordem de Deus. Imediatamente instituiu o ritual da circuncisão em todo o seu grupo. Ismael estava entre os circuncidados. Abraão estava obedecendo a Deus e tornando-se, tanto ele como a sua família, qualificado para a realização das promessas divinas. O plano do Senhor

de alcançar e abençoar todas as nações estava caminhando para a realização.

8) Sodoma e Gomorra. 18:1 - 19:38.

Gênesis 18

18:1. Os carvalhais de Manre. A residência de Abraão ficava na vizinhança imediata de Hebrom. Embora a palavra hebraica *'ilon* possa ser traduzida para "carvalho" ou "terebinto", este último é provavelmente o que deve ser preferido. Eram árvores sagradas do santuário cananita do Hebrom. A caverna de Macpela estava localizada no mesmo local. O patriarca estava em íntimo contato com os lugares sagrados e sítios santificados. Através dos séculos, carvalhos sagrados ou terebintos remontam aos tempos patriarcais. **Apareceu o Senhor.** Embora Abraão não reconhecesse imediatamente o Senhor na pessoa do celestial visitante, logo percebeu que o principal dos três mensageiros era o próprio Jeová. Era o "anjo do Senhor", que aparece diversas vezes nas primeiras páginas do Gênesis.

2-5. Correu. . ao seu encontro, prostrou-se em terra. Abraão demonstrou hospitalidade extraordinária. Tudo fez para seus hóspedes segundo a hospitalidade oriental. Suas atitudes foram exatas. Tudo preparou para dar boas-vindas verdadeiramente reais aos visitantes celestiais. Convidou-os a **repousar** ou *reclinar-se*, e a refazer as forças enquanto a refeição era preparada. O hebraico *sei'eid*, refazer as forças, significa "fortalecer-se" ou "tomar forte". O descanso e o alimento, ambos "refariam as forças".

6-8. Amassa depressa três medidas de flor de farinha. Abraão, Sara e Ismael (*o rapaz*) rapidamente executaram a tarefa de servir os visitantes. Uma medida, *sei'a*, era um terço de uma efa, ou cerca de um salamim e meio. Duas palavras hebraicas, *gem'eh* e *solet*, foram usadas para designar o caráter excepcional da farinha usada na confecção dos pães para a refeição. *Hem'e*, "leite coalhado" misturado com leite fresco,

era uma bebida refrescante servida a viajantes cansados, enquanto se preparava uma refeição mais substancial. O novilho era um luxo raro e extra que ele providenciou para os respeitáveis visitantes.

9-15. O Senhor, clara e distintamente, anunciou que Sara teria uru menino *quando a estação voltasse à vida novamente (daqui a um ano)*. O feliz acontecimento seria para dali a um ano. Deus não se esquecera de Sua promessa e estava trabalhando no sentido de Seu milagroso cumprimento. **Estava escutando.** O hebraico *shoma'at* indica que estava escutando naquele momento. Avançados em idade. Expressão idiomática hebraica significando "entrados em dias". **Riu-se, pois, Sara.** Sara riu-se de mera incredulidade ao imaginar como era impossível para ela gerar um filho. Ela se descreve aqui como *beloti*, "gasta", "murcha", "quase a se desfazer, como uma vestimenta". Ela se lembrou que Abraão, também, era velho e já tinha passado da idade de ser pai. A palavra divina assegurou a Sara e Abraão que nada é **demasiadamente difícil** (lit., *maravilhoso*) **para Deus.** Mesmo se a coisa a ser realizada era incomum, extraordinária, ou além do comportamento natural, Jeová era capaz de realizá-la a qualquer hora e do modo que Ele escolhesse. "Porque para Deus nada é impossível" (Lc. 1:37). No nascimento de Isaque, como no nascimento de Jesus, foi necessário que Deus operasse um milagre.

16-22. Sodoma e Gomorra. As duas principais cidades no extremo sul do Mar Morto. As outras – Adama, Zeboim e Zoar – seriam destruídas junto com Sodoma e Gomorra na conflagração que purificaria aquelas pocilgas de iniquidade. (No final Deus poupou Zoar que foi o novo lar de Ló.) As Escrituras indicam claramente que uma visitaçãõ divina desencadearia terrível juízo e sentença sobre seus habitantes pecadores. As cidades ficavam cerca de dezoito milhas do lar de Abraão em Hebrom. Das vizinhanças do Hebrom ele podia ver o extremo sul do Mar.

23-33. Em sua soberba oração de intercessão pelos poucos homens justos de Sodoma, Abraão revelou os mais ricos elementos do seu caráter

- sua generosidade, simpatia, sensibilidade e preocupação pela justiça em Deus e no homem. Ele demonstrou que entendia o desejo que Deus tem de perdoar e garantir pleno perdão, lidando com Suas criaturas, embora perversas, de acordo com os padrões de justiça revelados. Ele sabia que podia esperar que Jeová agisse de acordo com Sua natureza santa.

Quando Abraão parou de interceder, tinha a promessa de Deus de que pouparia Sodoma, se houvesse ali, ao menos dez pessoas justas. Mas, quando o número exigido não foi encontrado, nada pôde evitar a catástrofe. A oração intercessória faz o lado mais belo do homem transparecer. Sua altruísta preocupação pelos outros brilha como linda jóia. Ao interceder junto ao senhor, Abraão demonstrou claramente seu amor genuíno e sua preocupação. E ele experimentou uma renovação de sua amizade com Deus, que quis aconselhar-se com Abraão e concedeu-lhe revelação especial antes que a sentença fosse executada.

Gênesis 19

19:1-3. Estava Ló assentado. Ló obtivera algum destaque entre seus concidadãos na perversa cidade. Talvez o seu assentar-se junto a porta indique que ele ajudava a fazer justiça ao povo. Mas para os visitantes celestiais, a figura fraca, mundana e egoísta de Ló parecia patética. Imediatamente ele se prontificou a fazer o papel de um anfitrião generoso diante dos dois estrangeiros.

4-22. As trágicas experiências com os homens da cidade, na casa de Ló, demonstram que em Sodoma predominava a mais negra situação. Os anjos, que foram sob ordens divinas para descobrirem a extensão da depravação humana ali, não precisaram de mais nada. Os pecados mais vis, mais execráveis, eram praticados aberta e descaradamente. Os mensageiros divinos só tinham de pronunciar a sentença oficial, apresentar a devida advertência e, de todas as maneiras, procurar retirar Ló e sua relutante família da cidade condenada. A pressa foi necessária. Foi exigida uma obediência fora do comum. Ló tentou freneticamente

admoestar e persuadir os membros de sua família a partirem com ele. Mas, como diz a narrativa, acharam, porém, que ele gracejava com eles.

Ló agiu egoísta e tolamente quando preferiu participar da vida de Sodoma, onde seus filhos foram aviltados pelo opróbrio da cidade. Embora tivesse alcançado certo destaque entre o povo, jamais a sua influência foi bastante grande para que houvesse alguma mudança de comportamento; por isso, na hora da crise, fracassou na liderança moral. Sua própria família, no fim, não acreditou nas suas mais insistentes advertências. Que contraste extraordinário entre a depravação de Ló e a vida justa de Abraão! Os membros da família de Ló eram todos corruptos. Nenhum deles valia nada na balança da justiça e da honestidade. Enquanto Ló, sua esposa e suas duas filhas saíam relutantes da cidade condenada, Deus deteve a destruição pendente até que seus mensageiros os livrassem das garras nojentas de Sodoma.

23-25. Então fez o Senhor chover enxofre e fogo. É bom que aceitemos esta narrativa literalmente, como registro de um juízo definido do Senhor sobre um povo tão corrupto, que não tinha mais o direito de viver. Deus tinha poder de produzir um terremoto que teria aberto uma brecha nas rochas para libertar o gás armazenado, que explodindo jogou quantidades imensas de petróleo para o ar. Quando o material inflamável se incendiou, lençóis de fogo caíram sobre a cidade para completar a destruição. Chamas cauterizantes e fumaça negra deve ter coberto toda a área da cidade, sufocando e consumindo todas as coisas vivas.

26. Uma estátua de sal. A esposa de Ló fez algum esforço para escapar ao desastre iminente. Mas deixou que a sua curiosidade e seu desordenado amor pelas coisas de Sodoma (como também por sua família, provavelmente) a levasse a desobedecer as ordens e ela olhou para trás. Foi uma atitude fatal. A mulher ficou paralisada, e seu corpo se transformou em uma estátua de sal, coberta e incrustada com sedimentos da chuva de enxofre. Ali ficou por muitos anos como terrível advertência contra a desobediência às ordens específicas de Deus, e um lembrete mudo do caráter imutável do senhor. Alguém já disse: "Ela ficou ali,

uma silenciosa sentinela do egoísmo sórdido". Até o dia de hoje, colunas e torres de sal são visíveis na área ao sul do Mar Morto. Jesus, tentando lembrar seus discípulos das trágicas conseqüências do amor às coisas materiais, advertiu-os dizendo "lembrai-vos da mulher de Ló" (Lc. 17:32).

27, 28. Da terra subia fumaça, como a fumarada de uma fornalha. Abraão subiu a uma elevação perto do Hebrão e olhou para o inferno no vale lá em baixo. Fizera todo o possível para poupar Ló e sua família. Agora observava a destruição das quatro cidades ímpias que foram tão insolentes no seu comportamento. Certamente o salário do pecado é a morte.

30-38. Duas filhas. O último capítulo da vida de Ló é de inspirar pena. Ele descreve as relações incestuosas que gostaríamos de esquecer. As duas filhas, educadas na ímpia Sodoma, rebaixaram-se o suficiente para praticarem um ato que é indescritivelmente revoltante. O resultado desse ato foi o nascimento de dois meninos, que foram os progenitores dos moabitas e dos amonitas, Ló e sua família fracassaram miseravelmente. Tragédia, desgraça, desespero e morte estão sobre os seus epitáfios. "Não erreis ; Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isto também ceifará" (Gl. 6:7).

Gênesis 20

9) Abraão e Abimeleque. 20:1-18.

Este lamentável episódio acrescenta outra linha deplorável ao quadro da vida do patriarca. Por que ele cometeu o mesmo erro duas vezes? (cons. 12:11-20) Por que o representante escolhido por Deus tinha de errar desse modo, dando a um rei pagão a oportunidade de repreendê-lo merecidamente? Por causa de medo e da falta de fé temporária, Abraão apelou para a falsidade, mentira e rematada deturpação dos fatos.

1. Abraão. . . morou em Gerar. Gerar ficava provavelmente cinco a seis milhas ao sul de Gaza e, portanto, fazia parte do território

pertencente aos filisteus. Alguns comentadores, contudo, localizaram-na a cerca de treze milhas ao sudeste de Cades.

4-6. Sinceridade de coração e na minha inocência. Abimeleque, que reinava sobre o povo de Gerar, era incomumente honesto, ético e imparcial. Suas reivindicações de sinceridade, isto é, "perfeição" ou "integridade" e inocência destacam-no como homem de elevados padrões. Quando advertido em sonhos por Jeová, enfrentou a dificuldade honestamente, com hombridade. Ele se destaca sob uma luz melhor que a do representante de Deus.

7. Abraão é chamado aqui de **profeta**. Como tal, tinha relacionamento peculiar com o senhor. Tinha acesso a Deus, era protegido pelo poder divino, recebia revelação espiritual e estava obrigado a falar em nome de Deus, transmitindo a mensagem que recebesse.

9.16. Abimeleque repreendeu Abraão, devolveu-lhe Sara e, além disso, ofereceu-lhe ovelhas, bois e escravos e um tesouro especial (talvez o equivalente de quatrocentos dólares); e assegurou a Abraão que podia se estabelecer em seu reino.

17,18. Em troca, Abraão intercedeu pelo rei para que a aflição enviada por Deus sobre ele e seu povo fosse removida. O patriarca despediu-se de Abimeleque, mais sábio, embora mais triste. Estava aprendendo que a mão de Jeová estava sobre ele para cumprimento do seu destino.

Gênesis 21

10) O Nascimento de Isaque; Ismael Expulso. 21:1-21.

1-7. Visitou. De *peiqid*, "visitar", no sentido de "trazer julgamento ou uma bênção". Neste caso foi uma bênção muito apreciada de Deus. Graça e poder divinos operaram o milagre. **Sara. . . deu à luz um filho a Abraão na sua velhice.** Cumprindo a Sua promessa, Deus deu um menino a Sara e Abraão. Toda promessa ligada à aliança se realizaria através deste filho de Abraão. O pai teve a alegria de dar nome ao

menino e então o privilégio de circuncidá-lo quando tinha oito dias de idade. Quando Sara ergueu a criancinha em seus braços, sua alegria foi sem limites. Durante meses vivera para este momento sagrado. Ela disse: **Deus me deu motivo de riso (me tem feito riso, E.R.C.); todo aquele que ouvir isso, vai rir-se juntamente comigo.** Para os vizinhos seria motivo de riso bem-humorado da surpresa aliado a uma genuína alegria e sinceras felicitações. Para Sara, era o riso feliz da maravilhosa realização. segurava em seus braços o presente de Deus ao mundo. Foi um momento inesquecível de ação de graças, alegria e sagrada dedicação.

8. Isaque cresceu. O dia em que Isaque devia ser desmamado, provavelmente aos três anos de idade, foi um grande acontecimento na vida de toda a família. Era ocasião que devia ser celebrada com regozijo e festas.

9-11. Logo, entretanto, surgiu um problema. **Vendo Sara que o filho de Hagar . . . caçava de Isaque.** Sara já tinha sofrido por causa de Hagar e Ismael. Agora o conflito foi renovado quando Sara viu que o filho de Hagar tomava uma atitude que a enraiveceu. A palavra hebraica *mesahiq* é uma forma intensiva (**piel**) do verbo sobre o qual a palavra *Isaque* se fundamenta. Tem sido traduzida para "caçoar", "divertir-se", "brincar" e "fazer troça". Não temos boas razões para introduzirmos a idéia de caçoar. O que Ismael fazia não importa tanto quanto o fato de que Sara se enfureceu. Talvez ela simplesmente não agüentasse ver o seu filho brincando com Ismael em igualdade de condições. Ou talvez o ciúme, esse monstro de olhos verdes, estivesse no controle. Talvez Sara temesse que Abraão, por causa do seu amor pai Ismael, desse ao filho mais velho lugar destacado na herança. De qualquer forma, a vida familiar não podia continuar assim. Hagar e Ismael tinham de partir. Expulsá-los deve ter sido excessivamente penoso para Abraão, pois ele amava o menino, e durante anos o considerou seu herdeiro.

12-14b. Jeová confortou o seu amigo assegurando-lhe que cada rapaz teria um lugar importante no futuro. Abraão devia deixar que Hagar e Ismael partissem, como Sara exigia. No futuro, Ismael seria o

pai de uma grande nação. Mas Isaque seria o herdeiro das promessas e uma bênção para todo o mundo – **por Isaque será chamada a tua descendência.** Relutantemente Abraão despediu Hagar e Ismael na direção do deserto, com um odre cheio de água. Não se sabe exatamente qual era a idade de Ismael. Estudos cuidadosos do texto hebreu dão liberdade ao estudante de considerá-lo um jovem adolescente, talvez com cerca de dezesseis anos de idade.

14c-16. Berseba, na fronteira do Egito, ficava cerca de 80 kms ao sul de Jerusalém e 43,2 kms ao sul de Hebrom. Para aqueles que se dirigiam para o sul, era a última parada significativa na Palestina. Nessa região deserta, esses dois viajantes não poderiam passar muitas horas sem experimentar sede extrema. Quando a água acabou, o menino foi tomado de exaustão; e sua mãe o colocou sob a pequena sombra de um arbusto para que morresse. Mas Deus, na Sua misericórdia e amor, interveio trazendo esperanças, vida e segurança.

17-19. Deus, porém, ouviu a voz do menino. O Senhor providenciou abundância de água fresca, corrente, e poupou a vida do rapaz. Para ambos, mãe e filho, despontou um novo dia.

20,21. Deus estava com o rapaz. Era evidente que Deus pretendia cumprir Sua promessa em relação ao filho de Abraão; faria dele a grande nação dos ismaelitas.

11) Abimeleque e Abraão. 21:22-34.

Quando surgiram os problemas (v. 25) entre os homens de Abraão e os de Abimeleque, os dois senhores concordaram em fazer uma afiança entre si. Primeiro, resolveram as dificuldades e acertaram as diferenças. Então Abraão deu um presente ao rei e ratificou o acordo. Dentre outras Coisas, ofereceu a Abimeleque sete ovelhas. Assim fizeram afiança em Berseba (v. 32). A semelhança entre as palavras hebraicas *sheba'* "sete" e *sheiba'* "jurar", parece indicar que existe ligação entre elas. Por causa disso, Berseba pode significar "poço dos sete" ou "poço do juramento". O uso reflexivo da palavra "jurar" significa "setificar-se" ou seja,

obrigar-se diante de sete coisas sagradas. Diante do compromisso feito, Abraão expressou gratidão ao **Senhor, Deus eterno** (*'El'oleim*, v. 33). O patriarca logo sairia do mapa da história, mas o seu Deus, o Imutável, o Eterno, permaneceria. Evidentemente Abraão havia deixado uma impressão indelével sobre Abimeleque, o rei pagão, pois à sua maneira o rei confessou sua dependência do Deus de Abraão.

Gênesis 22

12) Abraão e Isaque. 22:1-19.

O supremo teste da fé e obediência de Abraão veio depois da partida de Ismael, quando todas as esperanças para o futuro estavam alojadas em Isaque.

1. Pôs Deus Abraão à prova. O *nissa* hebraico, **provar** (E.R.C., *tentar*), significa um teste que revelaria a fé de Abraão como nada ainda o conseguira fazer. Ele tinha de dar prova de obediência absoluta e incontestada fé em Jeová, obedecendo até mesmo de olhos fechados, passo a passo, até que a fé se destacasse clara como o sol do meio-dia. Abraão passou pelo fogo mais ardente, permaneceu firme sob as maiores pressões e suportou a mais difícil tensão, para emergir da prova em completo triunfo.

2. Nenhum teste seria mais severo do que aquele que agora Deus lhe impunha. E nenhuma obediência seria mais perfeita do que a de Abraão. Quando Deus o chamou, o patriarca respondeu imediatamente. Mesmo sabendo que estava à sua frente, disse calmamente aos seus servos: "Esperai aqui... eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós" (v. 5). Sua fé em Deus que vê e se encarrega de tudo, garantiu-lhe que tudo estava bem. Ele confiou em Jeová para a execução de Suas promessas. "Pela fé ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito. Sendo-lhe dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, considerou que Deus era poderoso para até dentre os

mortos o ressuscitar. E daí também em figura ele o recobrou" (Hb. 11:17-19). A fé via além do sacrifício e estava pronta a obedecer.

Moriá. O lugar do sacrifício não pode ser positivamente identificado. II Crônicas 3:1 parece localizá-lo no local do Templo de Salomão. A tradição tem-se apegado a esta opinião, e seria difícil encontrar um local mais aceitável. A viagem a pé de Berseba deve ter levado a maior parte dos três dias. Oferece-o ali em holocausto. A palavra hebraica usada aqui, *'eila*, literalmente, *levante-o*, significa oferecer a vítima como um todo em holocausto, em sinal de completa dedicação. Não se faz nenhuma referência a matar o rapaz. A intenção original de Jeová, ao que parece, foi a de garantir a oferta completa, mas interferir antes que a vítima fosse morta. O propósito de Deus, em parte, foi o de apresentar uma lição objetiva sobre a Sua aversão aos sacrifícios humanos que eram abertamente praticados pelos pagãos por todos os lados.

7,8. Conforme os dois lentamente subiam a encosta da montanha, o jovem observador perguntou: **Onde está o cordeiro para o holocausto?** Que cena patética! A resposta do pai foi dada sem delongas: **Deus proverá para si. . . o cordeiro para o holocausto.** O verbo significa "ver". Na verdade, Abraão dizia que Jeová era capaz de *ver* e providenciar à Sua maneira. Ele tinha em seu coração uma segurança calma de que Deus seria capaz de cuidar dos detalhes. Abraão não sabia que o rapaz seria poupado da experiência da morte. Mas tinha a fé para crer que o Onipotente providenciará o necessário à Sua maneira e na hora exata. Paulo penetrou nas profundezas desta verdade quando disse: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas cousas?" (Rm. 8:32).

9,10. Tudo estava em seu devido lugar sobre o altar. O filho amado das promessas estava amarrado e prostrado sobre a lenha que ele mesmo trouxera sobre os ombros. O fogo estava pronto. Tudo estava calmo e quieto. A faca afiada foi desembainhada e levantada.

12,13. De repente a voz do céu quebrou o silêncio. Deus ordenou que Abraão deixasse a faca de lado, desamarrasse as correias que prendiam o rapaz e que trouxesse o carneiro preso entre os arbustos. Essa foi a hora suprema de Abraão. Deus experimentara o seu coração e estava satisfeito. Novamente Isaque se colocou ao lado de seu pai, uma testemunha da misericórdia, da graça e da provisão do Senhor (cons. v 14). Foi por isso que Jesus disse. "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia e viu-o, e alegrou-se" (Jo. 8:56). O homem de Deus retornou a Berseba iluminado com o senso da presença de Deus. Jamais tornaria a ser o mesmo. As grandes promessas foram renovadas, e foi-lhe assegurado que as bênçãos da aliança seriam dele e de seus descendentes.

Gênesis 23

13) A Morte e o Sepultamento de Sara. 23:1-20.

1,2 Sara . . morreu em Hebrom. Aos 127 anos de idade Sara morreu, deixando Abraão vergado pela dor. O amor dele por ela fora genuíno e meigo. Ela fora a sua "princesa". Podemos bem imaginar que durante as horas negras e as felizes, ela foi um arrimo constante para a sua fé e uma fonte de força em toda a sua jornada. Eles tinham se mudado de Berseba para Hebrom, uma cidade a 28,8 kms ao sul de Jerusalém. Isaque tinha agora trinta e sete anos de idade. Em sua tristeza Abraão revelou algo da dignidade da sua alma que caracteriza o forte homem de Deus. Além de gemer e manifestar sua dor audivelmente, ele chorou. As palavras hebraicas para lamentar e chorar transmitem ambas as idéias.

3-20. No devido tempo, contudo, levantou-se do chão, local de lamentação, e corajosamente foi tratar dos negócios referentes à sepultura e ao sepultamento propriamente dito. Em lugar de levar o corpo de Sara de volta para Harã ou Ur, preferiu escolher um sepulcro na terra que Deus lhe dera. Negociou com os nativos hititas e comprou, por uma quantia considerável, a caverna de Macpela, para que a sua família

tivesse um local adequado para todos os sepultamentos no futuro. Ao negociar com os proprietários, Efrom e os outros, intitulou-se estrangeiro e morador naquela parte do mundo, indicando que sua origem era estrangeira e o seu período de permanência na terra incerto. Os filhos de frete (hititas) chamaram-no de príncipe de Deus, (v. 6). Eles o estimaram muito. Macpela, uma caverna dupla, tornou-se a sepultura de Sara, Abraão, Isaque, Rebeca, Jacó e Lia. Anos mais tarde foi tomada pelos maometanos e construiu-se uma mesquita sobre ela.

Gênesis 24

14) Eliézer, Isaque e Rebeca. 24:1-67.

O velho patriarca estava avançado em anos (heb., *entrado em dias*). Isaque continuava solteiro. Abraão estava preocupado com a possibilidade de seu herdeiro vir a se casar com uma cananita e não com uma moça do seu próprio povo. Mandou Eliézer, o seu servo de confiança, fazer a longa viagem até a Mesopotâmia em busca de uma noiva para Isaque.

1-9. Disse Abraão ao seu mais antigo servo . . . tomarás esposa para Isaque, meu filho. Antes que Eliézer partisse, Abraão lhe deu instruções detalhadas e exigiu que fizesse um voto sagrado. Colocar a mão sob a coxa era atitude solene, significando que se o juramento fosse violado, os filhos, mesmo os que ainda não tinham nascido, vingariam o ato de deslealdade. Por meio do juramento, o servo ficaria obrigado a maior diligência na obtenção de uma esposa aceitável para Isaque. Abraão assegurou-lhe que receberia a ajuda de Deus: **Ele enviará o seu anjo, que te há de preceder, e tomarás de lá esposa para meu filho.**

10-14. O servo . . . levantou-se e partiu... para a idade de Naor. O servo recebeu a promessa de orientação divina e estava ansioso em ser conduzido. Um homem devoto, que buscava conhecer a vontade de Deus, orou fervorosamente e confiou que receberia orientação detalhada. Sentia que um erro poderia ser desastroso. É claro que Eliézer era o homem de Deus para uma expedição altamente importante. **A cidade de**

Naor. A cidade de Harã ou uma cidade chamada Naor nas vizinhanças de Harã. **Mesopotâmia** é a tradução do hebraico que poderia literalmente ser traduzido para "Arão dos dois rios", isto é, a região dos vales dos rios Tigre e Eufrates. Betuel era o pai de Labão e Rebeca. Os pais de Betuel eram Naor e Milca. Abraão era seu tio.

15-28. Quando o servo encontrou-se com Rebeca junto ao poço, convenceu-se de que Deus tinha respondido sua oração e o guiara diretamente à moça. Ela era linda e inteligente, e atendia a cada requisito que ele estipulava. Então Eliézer deu-lhe alguns presentes preliminares – um pendente para o nariz e dois braceletes, tudo vistoso e extremamente valioso. Outros presentes se seguiriam quando a família se reunisse na tenda da mãe de Rebeca.

29-31. Labão . . . Eliézer . . . Rebeca. Labão revelou seu verdadeiro caráter vendo o valioso pendente e os braceletes, decidiu que nada deveria ser poupado para reter Eliézer. Ele não poderia deixar de ser hospitaleiro com um homem que fazia tais presentes. Aquelas jóias eram apenas o começo. Logo outras jóias de prata e ouro e lindas vestes foram oferecidas a Rebeca. E ricos presentes (v. 53), presentes especiais, foram oferecidos à mãe e ao irmão da noiva. De uma certa forma eram para compensar a perda de um membro querido da família. O costume de dar ricos presentes aos membros da família da noiva vem desde os tempos de Hamurabi (1728-1686 A.C). Talvez fosse resquício dos tempos em que a noiva era realmente negociada.

34-48. Eliézer contou com alguns detalhes a surpreendente resposta que recebeu à sua oração quando pediu orientação e certeza. O homem de Deus sabia que o Senhor o orientara e que Rebeca era a escolha de Deus para o seu jovem senhor.

49-61. Sem consultar a noiva escolhida, os outros membros da família deram sua palavra definitiva: Rebeca seria a esposa de Isaque. Eles queriam que a moça ainda permanecesse em casa por algum tempo (talvez alguns meses), mas ela, quando indagada, declarou estar pronta a partir imediatamente. Foi uma decisão momentosa para ser tomada por

uma jovem. Seu novo lar ficava muito longe e provavelmente nunca mais veda sua família. Ela ia pela fé, como Abraão o fizera anos antes. Nova vida em Canaã seria sua recompensa.

62-65. Saíra Isaque a meditar no campo. Isaque estava esperando a sua noiva perto de *Beer-Laai-Roi*, onde Hagar encontrara esperança, alegria e orientação divina. O hebraico *sueih*, geralmente traduzido para meditar, também pode ser "passear", "orar", "gemer", "lamentar". O versículo 67 pode jogar alguma luz sobre o seu significado. Isaque precisava de conforto. É possível que Sara tenha falecido durante a ausência de Eliézer. A narrativa descreve Rebeca literalmente saltando do camelo, em atitude de respeito diante de Isaque e devida consideração por sua importância. Rapidamente arrumou o seu véu, de acordo com as regras da etiqueta vigente. Uma mulher comprometida devia permanecer com o rosto velado até que o casamento fosse consumado. Só então seu esposo poderia olhar o seu rosto.

66,67. Eliézer deu a Isaque um relatório completo de tudo o que aconteceu na longa viagem. Isaque compreendeu que Deus guiara o servo na escolha de Rebeca e reconheceu que a vontade dEle devia ser cumprida no assunto. Instalou Rebeca na tenda da própria Sara, e assim ela veio a ser a primeira dama daquela terra. Dois verbos destacam-se no versículo que encerra o capítulo: **Isaque . . . a amou; assim foi Isaque consolado.** O amor veio naturalmente, trazendo conforto e alegria ao coração de Isaque. Foi apropriado que uma alma solitária pudesse encontrar uma mulher que fosse linda e amável. O amor de Isaque engendrou compreensão, consideração e gentileza de alma. Foi muito bom que a jovem, tão longe de sua casa, fosse abençoada com um marido que a amou verdadeiramente. A palavra "consolado" tem significados ainda mais profundos quando considerados à luz do coração, do lar e do casamento. Isaque estava necessitando desesperadamente de "consolo". Rebeca forneceu algo que estivera em falta desde a partida de sua mãe.

O hebraico *neiham*, "conforto", significa realmente dar força ou poder para ficar de pé (cons. Jr. 10:4, onde o escultor de ídolos "conforta o seu ídolo com pregos e martelos"). O homem de fé sossegada, passiva e tímida uniu-se pelo casamento a uma mulher tão atirada, tão intrépida, tão ambiciosa, que seria destinada a lhe causar sofrimento nos anos vindouros. No entanto Deus estava liderando, e usaria até mesmo esses indivíduos imperfeitos para a execução de Sua vontade para o Seu povo.

Gênesis 25

15) Últimos Dias de Abraão. 25:1-18.

1-6. Desposou Abraão outra mulher ... Quetura. Além de Sara e Hagar, Abraão tomou Quetura como segunda esposa, ou concubina (I Cr. 1:32). Isto deve ter acontecido muitos anos antes da morte de Sara, pois diversos filhos são citados. Os filhos e netos de Hagar e Quetura receberam presentes da mão de Abraão, mas toda a propriedade e autoridade e haveres espirituais ficaram para Isaque, o herdeiro legal do patriarca.

7-10. Com a idade de 175 anos Abraão chegou ao fim de sua caminhada terrena e expirou. Ele expirou. A expressão vem do hebraico *geiwa'*, "exalar o seu fôlego", "desaparecer", "sucumbir". Imediatamente ele foi reunido ao seu povo (literalmente) e tomou posse de sua residência no Sheol, o lugar dos espíritos dos que morrem. **Morreu em ditosa velhice, avançado em anos.** Um epitáfio adequado para um grande homem de Deus. Sua vida verdadeiramente foi concluída e completa. Ele viveu intrepidamente. Andara pela fé pelos caminhos indicados por Deus. Ao lado do sepulcro na caverna de Macpela estavam seus dois filhos (v. 9), os quais ele amou com afeto insuperado. Isaque e Ismael uniram-se na dor comum e na devoção que ambos tinham por aquele que tanto significara para eles. Sem dúvida Isaque foi fortalecido na sua dor com o pensamento de que permanecia dentro do favor divino especial e que não teria de continuar sozinho. Ele seria o herdeiro das ricas bênçãos da aliança prometidas a Abraão e por meio dele.

B. Isaque. 25:19 - 26:35.**1) Isaque e Sua Família. 25:19-34.**

19-23. Sara, Rebeca, Raquel e Ana, todas foram estéreis e portanto sem filhos até uma certa idade. Foi uma experiência trágica para cada uma delas. Isaque orou ao Senhor por sua mulher. O verbo hebraico *'eitar* significa "orar suplicando", ou "implorar". Quando usado no sentido passivo, indica que o sujeito foi vencido pela oração e atendeu. Isaque orou fervorosamente por sua esposa estéril, e Jeová submeteu-se às suas súplicas. Rebeca deixou de ser estéril e concebeu. A oração incessante recebeu a recompensa divina.

24-34. Eis que se achavam gêmeos no seu ventre. (v. 24). Antes mesmo de Esaú e Jacó nascerem, lutaram entre si em seu confinamento pré-natal. E continuaram vivendo em conflito conforme foram crescendo. Hoje seus muitos descendentes lutam apaixonadamente para se sobrepujarem no Oriente Médio. Esaú foi um peludo homem do campo, pouco apreciando os valores espirituais. Ele mergulhou arriscadamente dentro da vida, apenas para descobrir que fora defraudado da melhor coisa que possuía, sofrendo um xeque-mate de um astuto suplantador. Jacó recebeu sua inspiração de Rebeca, que não via obstáculos quando queria alguma coisa. Isaque era fraco demais para manter a disciplina e impedir as tramas de Jacó e Rebeca.

Esaú parecia se preocupar apenas com assuntos materiais. Para ele, o direito de primogenitura, que envolvia bênçãos materiais e espirituais, tinha pouco valor até que o perdeu por sua própria culpa. O direito de primogenitura pertencia ao primogênito. Garantia-lhe uma posição mais honrosa do que a dos seus irmãos, a melhor parte da herança, as terras mais ricas, além das bênçãos que Deus fizera a Abraão e aos seus descendentes. O direito de primogenitura era de Esaú porque Deus permitiu que nascesse primeiro.

Nem Esaú nem Jacó demonstraram qualquer interesse louvável pelos tesouros espirituais. Ambos eram sordidamente egoístas e não compreendiam qual comportamento à altura de um homem que era

príncipe de Deus. Jacó era ambicioso e queria para si mesmo tudo o que pudesse lhe conceder algum destaque. Rebeca forneceu a faísca e tramou o esquema que garantiram vantagens para o seu filho favorito. Este teria um longo caminho a percorrer até se tornar o líder espiritual daqueles que teriam de adorar Jeová. Mas Deus era paciente; Ele não tinha pressa; Ele treinaria Seu líder.

Esaú estabeleceu sua residência nas montanhas rochosas do Edom. Anos mais tarde seus descendentes, o povo cuja nação ele instituiu, revelariam o mesmo tipo de filosofia que tinha seu antepassado e a mesma indiferença profana pelo programa eterno de Jeová dos Exércitos. Apesar de todos os incidentes desanimadores, o reino de Deus prosseguiu na direção da realização total do propósito divino.

Gênesis 26

2) Isaque e Abimeleque. 26:1-35.

1. Foi Isaque. . . avistar-se com Abimeleque. Por causa de uma fome em Canaã, Isaque foi morar temporariamente na terra dos filisteus. Este Abimeleque, rei dos filisteus, não era o Abimeleque das experiências de Abraão. O nome poderia ter sido um nome dinástico dos governantes da Filístia. **Gerar.** Uma pequena colônia sobre a estrada do Egito, cerca de onze milhas a sudeste de Gaza.

2-5. Isaque estava a ponto de se decidir a uma mudança para o Egito em busca de abundância de alimento e pastagens, quando Jeová lhe apareceu em uma teofania especial. O Senhor advertiu (saque a que não fosse para o Egito, e encorajou-o a dirigir-se para a Filístia até que pudesse habitar na terra da aliança. Serei contigo, Ele disse, e te abençoarei (v.3). Nessa ocasião Jeová renovou definitivamente as promessas que fizera a Abraão. Claramente explicou que estava concedendo essas bênçãos a Isaque por causa da piedade e fidelidade de seu pai. Abraão obedeceu à voz de Deus e manteve-se fiel aos seus encargos, mandamentos, estatutos e leis. Isaque podia esperar com segurança pelas repetidas realizações das promessas divinas ao longo do

caminho. E ele podia contar com a sua participação no plano de Deus, já delineado, de testemunhar a todos os povos.

6-11. É minha irmã (v. 7). Isaque revelou algo de sua fraqueza humana, em Gerar, quando deixou-se levar pela mentira em relação a sua esposa, Rebeca. Exatamente como Abraão o fizera em duas ocasiões, Isaque tentou fazer sua esposa passar por sua irmã. Quando Abimeleque viu-o comportar-se com Rebeca de maneira mais adequada a um marido do que irmão, repreendeu Isaque severamente pela mentira. Novamente, alguém que estava fora da aliança repreendeu rudemente aquele que devia comportar-se acima de qualquer reprovação.

12-22. Logo após este episódio desagradável, Isaque estabeleceu-se como próspero fazendeiro, tomando-se invejado por todos os seus vizinhos. Até mesmo Abimeleque ficou com inveja e emitiu uma ordem no sentido de que Isaque saísse dos seus domínios. O rico proprietário mudou-se para um pouco mais adiante e começou a vida de novo. Descobriu que os nativos haviam entulhado os poços que tinham fornecido água desde os dias de Abraão. Isaque mandou que seus servos abrissem de novo todos esses poços e mandou também que abrissem outros novos. Cada vez que os homens cavavam novos poços, os filisteus criavam dificuldades a respeito deles. O patriarca chamou o seu primeiro poço novo de *'Esek*, **contenção**, e o segundo de *Sitneih*, **inimizade**. O terceiro poço, que foi terminado sem luta, ele chamou de *Rehobot*, **lugares largos**.

23-33. Viajando pelas redondezas de Berseba, Isaque recebeu uma comunicação especial de Jeová, assegurando-lhe bênçãos incomuns e contínuas – **Não temas porque . . . abençoar-te-ei** (v. 24). Agora que já estava novamente de volta ao território santo, tornou-se particularmente oportuno que construísse uru altar a Jeová e assim anunciasse a todos que se dedicava à tarefa que lhe fora designada. Isaque começou a dar evidências de um espírito piedoso que, até então, não tinha revelado tão claramente.

C. Jacó. 27:1 - 36:43.**Gênesis 27****1) Jacó e Esaú. 27:1-46.**

1-17. Tendo-se envelhecido Isaque . . . chamou a Esaú. É difícil imaginar todo o sofrimento, agonia e cruel desapontamento envolvidos nesta narrativa pitoresca. O velho patriarca, cego e trôpego, fez planos de transmitir as sagradas bênçãos ao seu filho primogênito. Mas a astuciosa Rebeca, que ouviu as instruções dadas a Esaú, imediatamente resolveu subverter e frustrar seus planos. Jacó, seu filho predileto, já tinha o direito de primogenitura; ela determinou que ele também receberia a bênção oral, dos lábios do representante do Senhor, para que tudo ficasse em ordem com a herança divina. Ela não podia arriscar-se esperando que Deus realizasse Seus planos à Sua maneira. Por isso apelou para a mais desprezível mentira a fim de assegurar-se da bênção para o seu filho mais moço.

18-29. Respondeu Jacó . . . Sou Esaú, teu primogênito. Apoiado por sua mãe, Jacó compareceu diante de seu velho pai com enganos e mentiras. Chegou até a declarar que Jeová o ajudara nos rápidos preparativos. Depois de mentir a seu pai, depositou um beijo falso sobre o rosto do velho homem.

34-40. E, levantando Esaú a voz, chorou (v. 38). A tragédia de Esaú era que ele estava completamente ignorante da santidade da bênção, e só desejava as vantagens que esta lhe proporcionaria. A dor profunda que sentia por Jacó ter-lhe passado a perna da obtenção da primogenitura, Seu amargo desapontamento, seus soluços patéticos e ardente vergonha que logo se transformaram em ódio intenso e desejo de vingança são profundamente comoventes.

41-46. Retira-te para a casa de Labão. Para proteger Jacó da vingança de seu irmão, Rebeca encontrou uma desculpa para mandá-lo embora. Qual desses três – Rebeca, Jacó ou Esaú – era o mais digno de dó? Sua vida familiar foi destruída, e cada um deles teve de agüentar

longas horas de separação, desilusão e arrependimento. Rebeca jamais veria seu filho favorito novamente, e Jacó teria de enfrentar a vida sem pai, sem mãe, sem irmão. E o que dizer dos planos divinos para o reino? Como seriam executados em face de tamanho egoísmo, tanta intriga e mentira? O Senhor dos Exércitos não pode ser impedido pela oposição, fracasso ou falta de fé do homem. Ele é capaz de fazer a Sua vontade prevalecer apesar de tudo. Enquanto Isaque se aproximava mais da hora da sua morte, Rebeca lamentava a situação desesperadora que ela provocara e Esaú pensava em vingança, Jacó fez a sua solitária viagem de Berseba para Padã-Arã.

2) Jacó, Labão, Lia e Raquel. 28:1 - 30:43.

Gênesis 28

28:1-5. Isaque . . . dando-lhe a sua bênção, lhe ordenou... vai a Padã-Arã (vs. 1, 2). Isaque não permitiu que Jacó partisse sem uma bênção. Ele falou em tom de pronunciamento profético, e numa linda linguagem que revela sua percepção espiritual. Jacó devia procurar esposa entre seus parentes em Harã, mas devia se preocupar mais com a sua participação na rica promessa herdada por Abraão. Isaque invocou *'El Shadday*, **Deus Todo-poderoso** (v. 3), para que este fornecesse riqueza, prosperidade e perspicácia para tornar Jacó capaz de assumir a liderança espiritual. Profetizou que, se o seu filho entregasse seus caminhos ao Senhor, as bênçãos de Deus prometidas a Abraão, seriam dele. Através de Isaque, Deus deu a Jacó uma ordem, um desafio, uma certeza e orientação para a viagem.

6-9. Esaú observou e ouviu; depois foi à casa de Ismael à procura de uma esposa dentro da linhagem familiar, a fim de agradar a seus pais. Evidentemente queda fazer um esforço na direção certa. Mas, sendo basicamente mundano, sua carreira na terra de Edom deixou de ser do tipo que agradasse ao Senhor Jeová.

10-17. Jacó fez a viagem de Berseba até Luz, cerca de doze milhas ao norte de Jerusalém, onde passou a noite. Betel ficava ali perto. De noite recebeu uma honrosa e especial comunicação de Deus, uma visão ou sonho com anjos subindo e descendo uma escada que ia da terra ao céu. Ele tomou conhecimento de que, na realidade, há uma comunicação entre o céu e a terra. Reconheceu que, naquele lugar, Deus estava ao seu lado, prometendo-lhe orientação pela vida afora e um trituro grandioso. Jeová disse, **Eis que estou contigo, e te guardarei . . . e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei** (v.15). Que mensagem desafiante! Não foi por menos que Jacó exclamou: **O Senhor está neste lugar... Quão temível (pavoroso) é este lugar!** (vs. 16,17). Ele ficou profundamente emocionado. Talvez pela primeira vez em sua vida tomou consciência da presença de Deus ao seu lado. A voz, as palavras de esperança, a presença real de *'El Shadday* levaram-no a adorar com admiração e submissão.

18-22. Ele chamou o lugar de **Betel, Casa de Deus**, pois Deus estava ali. Para tornar a experiência inesquecível, levantou ali uma coluna de pedras para indicar que aquele era um local santo, um santuário onde seria sempre possível desfrutar da íntima comunhão com Deus (v. 18). Espiritualmente, ainda tinha um longo caminho a percorrer, mas já fizera progressos neste seu encontro com Deus. Também ofereceu sua vida ao Senhor e o dízimo de tudo o que viesse a possuir. Mas impôs uma condição. Se Deus continuasse ao seu lado, e o guardasse em sua viagem, e o trouxesse de volta novamente, ele cumpriria a sua parte no voto. Era um grande passo que estava dando. A pedra (*massebâ*) que erigiu seda um lembrete permanente do voto que fizera (v. 22).

Gênesis 29

29:1-12. Pôs-se Jacó a caminho (v. 1). A expressão idiomática hebraica, *levantou os seus pés*, fala da reação do jovem diante do estímulo divino. Estava a caminho de Padã-Arã, à procura da família de sua mãe perto de Harã. Era difícil fazer tão longa viagem, mas parece

que Jacó não tinha outra alternativa. Finalmente se encontrou ao lado de um poço, no meio de rebanhos de ovelhas, com seus pastores aguardando que a grande pedra fosse removida da boca do poço para que suas ovelhas pudessem se dessedentar. Possivelmente foi o mesmo poço onde Eliézer encontrou Rebeca para o jovem Isaque. Embora muitos anos tivessem passado, Labão ainda estava vivo, conforme Jacó ficou sabendo dos pastores, e sua filha Raquel era a guardadora do seu rebanho (v. 6). Quando Raquel se aproximou com o rebanho de Labão, Jacó se aproximou para remover a grande pedra a fim de que as ovelhas pudessem matar a sua sede. Depois beijou sua prima e apresentou-se. Profundamente comovido com tudo o que lhe tinha acontecido e com este seu primeiro encontro com seus parentes, Jacó, erguendo a voz, chorou, enquanto Raquel corria para contar a Labão que seu sobrinho tinha chegado.

13,14. Labão, irmão de Rebeca, neto de Naor, ficou felicíssimo em poder dar as boas-vindas a alguém que era de sua própria família. Já se passara tanto tempo desde que sua irmã partira como noiva de Isaque. Alegrementemente recebeu o filho de Rebeca no seio de sua família. Talvez ele se lembrasse da generosa demonstração de riqueza feita por Eliézer. Talvez ficasse impressionado pela robustez do jovem, que poderia dar um bom pastor. Quase com certeza ele considerou a possibilidade de um marido para suas filhas. **Lia e Raquel**, ambas eram moças casadouras. Labão nunca perdia a oportunidade de fazer um bom negócio. O jovem sobrinho vindo das montanhas logo aprenderia a lidar com ele cautelosamente. Na verdade, Jacó aprenderia a superar o principal trapaceiro de todos os "filhos do Oriente".

15-20. Raquel era excepcionalmente linda e atraente e Jacó já estava impressionado com ela. As Escrituras dizem, **Jacó amava Raquel** (v. 18). Lia, a irmã mais velha, estava longe de ser bonita. Seus olhos não tinham o brilho, a vivacidade e atração que os homens admiram. Mas Lia ficou tão firmemente evidenciada na história sagrada que gerações sucessivas teriam de levá-la em conta. Seria um dos seus filhos

que seria escolhido para tomar lugar na linhagem messiânica. Estes quatro – Labão, Jacó, Lia e Raquel – foram figuras significativas no procedimento divino com Seu povo escolhido.

21-30. Depois de trabalhar arduamente sete anos pela filha mais moça, Jacó foi enganado e induzido a se casar com Lia. Depois das festividades do casamento de Lia, Jacó casou-se com Raquel, sua irmã mais moça, mas teve de trabalhar mais sete anos em pagamento. Assim ele teve duas esposas de igual posição. Seu ardente amor por Raquel tornou o relacionamento com Lia mais ou menos estranho e frustrante. Lia devia sofrer muito sabendo que seu marido não a amava. Contudo tinha esperanças de que um dia o coração de Jacó se voltaria para ela.

31-35. No começo nem Raquel nem Lia deram filhos a Jacó. Naquele tempo, ser estéril era uma situação patética. Contudo, no devido tempo, Jeová veio em socorro de Lia e curou a sua esterilidade, e ela veio a ser mãe. Um após o outro seus filhos vieram, até que já tinha seis filhos. Uma filha, Diná, foi-lhe acrescentada. Com regularidade de partir o coração, Lia apresentava um filho com as palavras: **Agora me amará meu marido.** Mas nenhuma palavra de reconhecimento ou apreciação partia de Jacó. A palavra traduzida para **preterida** (*seini*) indica "menos afeição", ou "menos devoção". Não indica ódio positivo.

Gênesis 30

30:1-13. Raquel também sofria, pois sua esterilidade não se alterava e ela não estava dando filhos a Jacó. O hebraico *qeini'*, **ciúmes**, envolve nele o sentimento de alguém que já agüentou o máximo. Inveja, descontentamento, petulância marcavam sua voz, sua linguagem e sua expressão facial. Lia, Raquel e Jacó eram todos infelizes. Seus problemas domésticos e sofrimento tornavam suas palavras e atitudes indignas, desnecessárias e indecorosas. Tentativas humanas de se remediar a situação provaram-se insatisfatórias. O oferecimento de **Bila** e **Zilpa** como esposas secundárias para ajudarem a "edificar" a família, só tornou a situação ainda mais dolorosa. Filhos nasciam, mas os

corações continuavam em desarmonia e infelizes. Além dos seis filhos e uma filha (ao menos) de Lia, dois filhos nasceram de Bila e dois de Zilpa.

14-24. Raquel tentou usar **mandrágoras** (*dudei'im*) para induzir a fertilidade. Essas mandrágoras eram popularmente chamadas de "maçãs do amor". Ryle diz: "A mandrágora é uma planta tuberosa, como fruto amarelo semelhante à ameixa. Supunha-se que agia como um talismã do amor. Amadurece em maio, o que está de acordo com a menção (v. 14) dos dias da ceifa do trigo" (*Cambridge Bible, in loco*). Raquel continuou estéril apesar do supersticioso talismã. A situação estava nas mãos do Senhor e Ele não permitiria que tentativas humanas a mudassem. Finalmente, **lembrou-se Deus de Raquel, ouviu-a e a fez fecunda. Ela concebeu, deu à luz um filho. . . e lhe chamou José** (vs. 22-24). Na hora determinada por Ele, Jeová deu a resposta. Retirou o vexame de Raquel e a encheu de alegria e louvor.

25-30. Disse Jacó a Labão: Permite-me que eu volte . . . à minha terra. Quanto José nasceu, Jacó já terminara de pagar todo o seu débito a Labão, e queria retornar a Canaã. Se tivesse partido nessa ocasião só teria levado consigo sua família; nada possuía. Pediu ao tio que o deixasse voltar para casa. Labão declarou que recebera revelação especial (**tenho experimentado**) por meio de mágica ou adivinhação dos seus deuses domésticos, que devia manter Jacó por perto a fim de garantir o seu sucesso e prosperidade.

31-36. Ofereceu a Jacó que estipulasse seu salário. Imagine a sua surpresa quando o seu sobrinho lhe fez uma contra-oferta que lhe pareceu esmagadoramente a seu favor. Na Síria as ovelhas são brancas e as cabras são negras, com muito poucas exceções. Jacó ofereceu-lhe para começar o seu acordo imediatamente, aceitando como suas as ovelhas que não fossem brancas e as cabras que não fossem negras, deixando o restante para Labão. Assim, ambos os patrimônios poderiam prosperar. Labão aceitou a oferta imediatamente. Naquele mesmo dia levou para uma distância segura todas as ovelhas e cabras "fora de série" para que

Jacó não tivesse com o que começar. Os animais que ele separou entregou a seus filhos. Foi um ardil baixo e covarde Labão acreditava que tornara impossível a vitória de Jacó, porque removera todo o capital de Jacó antes de começar a competição.

37-42. Mas Jacó não se entregava tão facilmente assim. Ele usou de três expedientes para derrotar seu tio. Colocou varas listadas diante das ovelhas nos locais onde bebiam água, para que o colorido das crias ficasse sujeito à influência pré-natal. É fato estabelecido, declara Delitzsch, que se pode garantir crias brancas nas ovelhas colocando muitos objetos brancos junto dos bebedouros (*New Commentary on Genesis, in loco*). Jacó também separou do rebanho os cordeiros e cabritos listados e salpicados, mas os manteve à vista das ovelhas, para que estas fossem influenciadas. Seu terceiro expediente foi deixar que essas influências predeterminantes agissem sobre as ovelhas mais fortes, para que os seus cordeiros e cabritos fossem mais fortes e mais viris que os outros. Jacó foi bastante astuto para recorrer à influência pré-natal e reprodução seletiva.

43. Como resultado desse esquema, dentro de poucos anos Jacó ficou imensamente rico em ovelhas e cabras. Embora tivesse usado a sua cabeça, ele foi o primeiro a declarar que o Senhor interveio na sua vitória. Jeová tornava possível que o patriarca retornasse a terra prometida com recursos, vindo a ser o príncipe de Deus, que executara à vontade divina.

Gênesis 31

3) Jacó Retorna a Canaã. 31:1-55.

1-3. O rosto de Labão não lhe era favorável, como anteriormente. Finalmente, o relacionamento entre o tio e sobrinho chegou ao fim. Jacó percebeu que Labão e seus filhos eram-lhe hostis por causa do seu sucesso. Além disso, já possuía riqueza e propriedades suficientes para satisfazê-lo. Assim, quando recebeu ordem do Deus de Betel para se por a caminho, sabia que já era hora de voltar para casa. Vinte anos tinham

se passado, durante os quais sua mãe já morrera. Talvez Labão ficasse ainda mais desagradável. Era hora de partir.

4-13. Jacó explicou sua decisão às suas esposas, dizendo-lhes como o **Anjo de Deus** lhe falara em sonho e o encorajara em seu propósito. O "anjo" se identificou com Aquele que apareceu a Jacó em Betel. Era realmente o próprio Jeová.

14-16. Lia e Raquel apoiaram fortemente a decisão de Jacó. Elas conheciam seu pai e tinham perdido o amor e o respeito por ele. Lembraram-se que recebera quatorze anos de trabalho de Jacó sem lhes dar a parte que uma noiva tinha direito de receber. **Não nos considera ele como estrangeiras? disseram. Pois nos vendeu, e consumiu tudo o que nos era devido** (v. 15).

17-21. Jacó aprontou seus rebanhos, gado, filhos e propriedades para a longa viagem, e aguardou que Labão saísse para o festival da tosquia. Enquanto isso Raquel providenciou que Jacó pudesse reclamar uma boa parte dos direitos hereditários levando consigo os ídolos do lar ou *tereipim* (cons. latim *penates*), altamente estimados por Labão. As placas de Nuzu datadas do século quinze A.C. indicam que a posse dos *tereipim* tornava o proprietário o herdeiro principal. Evidentemente Raquel não aprendera a confiar em Jeová para suprimento de suas necessidades. Jacó fracassou em ensinar a sua família a confiar e adorar a Deus de todo o coração. Dali a pouco Jacó e o seu grupo partiram de Harã, atravessaram o Eufrates e viajaram o mais rapidamente possível na direção de Canaã. Seu destino imediato eram as montanhas de Gileade no lado oriental do Rio Jordão.

22-24. Labão... saiu-lhe no encalço. Depois de três dias Labão ficou sabendo da fuga. Labão logo conseguiu organizar seus homens para a perseguição, já estava a caminho para os alcançar. Embora fosse uma viagem de 480 kms, ele conseguiu alcançar o grupo fugitivo nas montanhas de Gileade. No caminho Labão recebeu uma estranha mensagem de Deus, uma ordem de abster-se de fazer qualquer pressão contra Jacó. Não devia falar bem nem mal, isto é, não devia dizer nada.

(Os opostos são freqüentemente usados nas Escrituras para indicar totalidade.)

23-25. Labão não poderia ser detido por visitas divinas. Deu início ao seu protesto, expressando grande desespero ao ver suas filhas e netos arrastados para fora de sua casa sem as devidas despedidas. De repente fez a pergunta: **Por que me furtaste os meus deuses?** Referia-se aos seus *tereipim* (v. 30; cons, 19). Evidentemente Labão estava mais preocupado com as imagens do que com a família de Jacó. Uma busca mostrou-se infrutífera e os pequenos "deuses" não foram achados, porque Raquel os escondera na cesta de vime que fazia parte da sela sobre a qual estava assentada. Esta sela de um camelo (v. 34) proporcionava à senhora do Oriente um pouco de conforto e intimidade durante as viagens.

36-55. Sem dúvida Jacó sentiu grande alívio em poder replicar a Labão. A atmosfera clareou-se e Labão abandonou a sua mordacidade. Os dois homens fizeram um acordo, ratificando-o e comemorando o acontecimento com o levantamento de uma coluna de pedras no alto da colina. A coluna constituiu o que foi chamado de Mísapa ou "posto de observação", de onde um observador podia ver toda a terra em ambas as direções. Indicava suspeitas e falta de confiança. Ao levantar essa coluna os homens queriam dizer que estavam convidando Jeová para se assentar ali e observar as duas pessoas nas quais não se podia confiar. Deus tinha de ser uma sentinela para vigiar Labão e Jacó, na esperança de que a luta fosse evitada. Jacó foi obrigado a prometer que trataria as filhas de Labão com bondade e consideração. Nenhuma das duas partes deveria atravessar a fronteira estabelecida para praticar violência contra a outra. Jamais uma deveria prejudicar a outra.

4) O Encontro de Jacó com Esaú. 32:1 - 33:17.

Gênesis 32

32:1-5. Jacó seguiu o seu caminho, e anjos de Deus lhe saíram a encontrá-lo. Tanto no caminho da saída como no caminho da entrada

em Canaã, esses mensageiros celestes vieram ter com Jacó para fazê-lo cômico da presença celestial e para lhe assegurar da proteçãõ divina. A palavra **Maanaim**, dois acampamentos, descreve um acampamento interno formado pelo grupo de Jacó e outro externo formado pelos mensageiros de Deus, o externo formando um maravilhoso círculo de proteçãõ à volta dos viajantes. Um lindo quadro de segurança e proteçãõ e serenidade de alma! (cons. II Reis 6:15-17).

6-8. Esaú vinha de Edom, os mensageiros de Jacó o informaram, para se encontrar com o grande grupo de viajantes que vinha de Padã-Arã. Edom era a terra que ficava ao sul do Mar Morto, que geralmente é chamada de **Seir**, no Monte Seir (v. 3) na Bíblia. No Novo Testamento o povo de Edom é chamado de os idumeus. Jacó estava com o coração cheio de medo, lembrando-se das ameaças de Esaú anos antes e imaginando que o seu irmão estivesse fazendo planos para se vingar dele. **Quatrocentos homens** sob o comando do selvagem homem de Edom poderiam ser perigosos. Jacó adotou três medidas definidas para garantir a segurança. Primeiro, orou ao Senhor humildemente. Segundo, enviou pródigos presentes a Esaú para despertar sua boa vontade. Terceiro, arrumou sua família, suas propriedades e seus guerreiros da maneira mais vantajosa e preparou-se para lutar caso fosse necessário.

9-12. Na sua oração Jacó fez o Senhor se lembrar de que Ele o convocara a fazer esta viagem para Canaã e lhe prometera proteçãõ e vitória. A oração foi sincera e humilde. uma sincera súplica pedindo segurança, livramento e proteçãõ na emergência que se lhe defrontava. Embora nenhuma palavra de confissão saísse dos lábios do suplicante com referência as injustiças que cometera a Esaú e Isaque, Jacó admitiu humildemente que era completamente indigno do favor de Deus literalmente, **sou indigno** (v.10). Demonstrou o seu temor de Deus e a sua fé nEle. Estava literalmente lançando-se nos braços do Senhor para obter a vitória e o livramento.

13-21a. O **presente**, ou *minha* foi algo muito bem escolhido, consistindo de cerca de 580 animais dentre os seus melhores rebanhos. O

minha era um presente que geralmente se oferecia a um superior com a intenção de se obter um favor ou para despertar sua boa vontade. Jacó disse: **Eu o aplacarei** (v. 20). A palavra é muito significativa no que se refere à expiação. Seu sentido literal é, *eu cobrirei*. Por meio do presente, Jacó esperava "cobrir" o rosto de Esaú, de modo que ele fizesse vista grossa para a injúria, abandonando sua ira. Suas próximas palavras – **porventura me aceitará** – são, literalmente, *para que ele levante o meu rosto*. É uma linguagem simbólica, indicando plena aceitação depois do perdão. Jacó foi excepcionalmente humilde, cortês e conciliatório em suas mensagens para Esaú. Ele chamou Esaú de "meu Senhor" e intitulou-se "seu servo". Ele não deixaria nenhuma pedra que não fosse revolvida em busca da reconciliação.

21b-23. Na noite antes da chegada de Esaú, Jacó enfrentou o teste decisivo de toda a sua vida. Depois de fazer suas esposas e filhos atravessassem o Jaboque em segurança, ele voltou para a margem setentrional do rio para ficar sozinho na escuridão. O **Jaboque** era um tributário do Jordão, ao qual se juntava a cerca de meio caminho do Mar da Galiléia e Mar Morto. Hoje se conhece o Jaboque pelo nome de Zerka.

24-32. Lutava com ele um homem, ate ao romper do dia. Na solidão da escura noite. Jacó encontrou-se com um homem que lutou com ele. O hebraico *'abaq*, "dar voltas" ou "lutar", tem alguma ligação com a palavra **Jaboque**. Depois de uma longa luta, o visitante desconhecido exigiu que Jacó o soltasse. Jacó recusou-se a fazê-lo até que o estranho o abençoasse. O "homem" pediu a Jacó que declarasse o seu nome, o qual significa *suplantador*. Então o estranho disse que daquele momento em diante ele teria um novo nome com um novo significado.

A palavra **Israel** pode ser traduzida para *aquele que luta com Deus*, ou *Deus luta*, ou *aquele que persevera*, ou, pode ser associado com a palavra *'sar*, "príncipe". O "homem" declarou: **Lutaste com Deus . . . e prevaleceste**. Era uma certeza da vitória no seu relacionamento com

Esaú, como também certeza de triunfo ao longo do caminho. Na titânica luta, Jacó percebeu a sua própria fraqueza e a superioridade dAquele que o tocou. No momento em que se submeteu, tornou-se um novo homem, que pôde receber as bênçãos divinas e tomar o seu lugar no plano divino. O novo nome, Israel, dá idéia de realeza, poder e soberania entre os homens. Estava destinado a ser um homem governado por Deus, em vez de um suplantador inescrupuloso. Por meio da derrota alcançara o poder. Todo o resto de sua vida ficaria aleijado; mas sua manqueira seria um lembrete de sua nova realeza.

Peniel (ou *Penuel*) significa *face de Deus*. O *i* e o *u* são simplesmente vogais de ligação entre os substantivos *pen* e *el*. É provável que se localize a cerca de 11,2 ou 12,8 kms do Jordão no Vale de Jaboque. Jacó vira a face de Deus e continuara vivo. Jamais esqueceria essa incrível experiência.

Gênesis 33

33:1-3. Levantando Jacó os olhos viu que Esaú se aproximava.

Finalmente, chegou o momento do encontro. Esaú, com seus quatrocentos homens, já podia ser visto. Com temor e tremor, Jacó encontrou-se com o irmão que se lhe tornara um estranho e prostrou-se diante dele sete vezes. Assim, indicava sua completa subserviência.

4-11. Esaú, de sua parte, revelou um espírito generoso e magnânimo, quase bom demais para ser verdadeiro. Alimentara hostilidade contra Jacó e trouxera quatrocentos homens fortes com ele, como se planejasse executar suas ameaças. Mas ele não fez. Seu coração fora mudado. Deus transformara seu ódio em magnanimidade. Encontrou-se com Jacó cheio de compreensão e perdão. Nos vinte anos que haviam se passado, a mão de Deus que tudo controla operara mudanças nos dois homens. Agora, aquele que tão recentemente fora humilhado diante de Deus encontrou o seu caminho aplainado.

12-17. Os presentes de Jacó e as boas-vindas sinceras e afetuosas de Esaú foram a prova de que os dias futuros trariam novas vitórias para o

reino de Deus. Aqueles homens não lutariam, nem se matariam. Embora Jacó não aceitasse a generosa oferta de proteção de Esaú, nem o seu insistente convite a que fosse para o Monte Seir, apreciou grandemente o espírito magnânimo do seu irmão. Esaú provara que era capaz de perdoar e esquecer. Os irmãos separaram-se em paz. Em **Sucote** (*cabana*), Jacó, com o seu grupo, encontrou um lar (v. 17). Chegou até a construir ali uma casa. Sucote era uma magnífica região montanhosa no lado oriental do Jordão ao norte de Jaboque.

5) Jacó e Sua Família em Siquém. 33:18 - 34:31.

Não temos provas conclusivas quanto ao tempo que Jacó ficou em Sucote. Pode ter sido muito tempo. Depois de fazer as pazes com Esaú, não precisava mais se apressar. Antes de atravessar o Jordão, provavelmente passou vários anos na região bem aguada ao leste do rio.

33:18-20. Atravessando o rio, encontrou-se nas redondezas de Siquém, onde Abraão acampara em sua primeira viagem à terra de Canaã. Siquém ficava aproximadamente 61,6 kms ao norte de Jerusalém, no vale entre o Monte Ebal e o Monte Gerizim. O poço de Jacó ficava ali e Sicar não ficava muito longe. Jacó comprou algumas terras nas vizinhanças de Siquém, e assim estabeleceu-se como proprietário em Canaã. Recebera ordens de retomar à terra de seus pais e ao seu povo, provavelmente significando que devia dirigir-se ao Hebron. Certamente deveria ter ao menos ido até Betel. Ele aprenderia que o povo de Siquém não seria uma boa influência para a sua família.

Gênesis 34

34:1-5. Diná, uma filha de Jacó e Lia, fizeram uma visita desastrosa à vizinha cidade de Siquém. A imatura juvenzinha não tinha formação espiritual para apoiá-la na hora da necessidade. Siquém, o jovem filho de Hamor, apaixonou-se desesperadamente por ela e logo a família de Jacó conheceria as trágicas conseqüências do incidente. O hebraico *leiqah*, **tomando-a** (v. 2), indica que foi usada força irresistível. A palavra *eina*,

humilhou (desonrou), indica tratamento desonroso. A pobre moça estava arruinada. Imediatamente Siquém **falou-lhe ao coração** (v. 3), tentando consolar aquela a quem fizera mal. Amava-a e queria se casar com ela.

6-12. A palavra *nebeila*, **desatino**, indica um feito vergonhoso, vil, sem sentido, que revela completa insensibilidade de comportamento moral. Para Jacó e seus filhos, o ato de Siquém era um ato de grave imoralidade, um ultraje contra a decência e honra da família. Hamor e Siquém tentaram arranjar um casamento, uma vez que Siquém amava a moça. Jacó estava pronto a fazer um acordo com eles. O *mohar* – presente para a noiva – seria bom. Os dois grupos se uniram de modo que os casamentos entre eles seriam legais.

13-24. Entretanto, os filhos de Jacó eram esquentados, obstinados e inescrupulosos. Com o subterfúgio de exigirem observâncias religiosas, obrigaram os homens de Siquém a se circuncidarem. Todos os homens da tribo submeteram-se ao ritual.

25-29. Então Simeão e Levi atacaram a cidade. Os filhos de Jacó mataram todos os homens enquanto estavam incapacitados de lutar e levaram consigo suas famílias e propriedades. Na história da família do patriarca, este é um sórdido capítulo de paixão, crueldade e desgraça.

30,31. O povo escolhido por Deus comportara-se, em sua terra santa, como um grupo de cruéis pagãos. O pobre e velho Jacó desesperou-se. Fez seus filhos se lembrarem de que agora seria difícil manter relações de boa-vizinhança com os povos à volta. Sua atitude foi indigna de um homem de fé que fora escolhido como representante de Deus diante dos povos da terra. Medo egoísta parecia ser a coisa mais importante em sua cabeça. Não repreendeu seus filhos pela crueldade indizível, como também não expressou tristeza por terem desonrado o nome de Deus.

Jacó passara vinte anos nas terras de Labão e agora provavelmente mais dez em Sucote e Siquém sem nada fazer que fosse digno de nota para preparar sua família espiritualmente. a fim de enfrentar as tensões

da vida. Estivera ocupado demais construindo um império e buscando vantagens materiais, para que lhe sobrasse tempo, a fim de estabelecer os fundamentos éticos e espirituais nas vidas de seus filhos. Ainda não alcançara Betel. Seria tarde demais para Diná, Simeão; Levi e todos os outros? A história pode fazer chorar até um homem forte.

Gênesis 35

6) A Volta a Betel. 35:1-29.

1. Jeová enunciou uma ordem severa para Jacó prosseguir no seu alvo: **Levanta-te, sobe a Betel, e habita ali; faze ali um altar.** Betel ficava 310 ms acima de Siquém e estava situada junto à estrada que levava a Jerusalém, Belém e Hebrom. Jacó já se demorara demais em alcançar este santo lugar. Devia agora edificar ali um altar, como Abraão o fizera na sua memorável viagem à Palestina. Jacó edificara um *massiba*, isto é, uma coluna de pedras, depois de sua inesquecível experiência com Jeová, ao fugir para Harã. Esta volta ao lugar santo envolveria uma entrega total de sua vida ao Senhor. Ele negligenciara o altar de Deus. A ênfase espiritual estivera ausente do seu pensamento e vida.

2-7. Imediata e obedientemente, Jacó aprontou-se para a viagem a Betel. Primeiro, convocou sua família semi-pagã e ordenou que todos se purificassem (v. 2), abandonando todos os *tereipim* e representações visíveis de deuses estranhos. Então a família de Jacó prosseguiu em sua santa peregrinação a Betel. O povo dos lugares pelos quais eles passaram estavam tão pasmados com o terror de Deus que não molestaram os peregrinos (v. 5). Quando Jacó chegou a Luz, sabia que estava para pisar em terreno santo. Levantou um altar a Jeová e chamou aquele lugar de **El-Betel, o Deus da casa de Deus.**

9-15. Novamente Deus apareceu a Jacó e assegurou-lhe que seu novo nome, Israel, seria um lembrete constante de seu novo caráter, seu novo relacionamento com Jeová, e sua caminhada real no divino caminho da vida. Ele era o herdeiro das promessas feitas a Abraão. A

aliança continuava em pleno vigor, e continuariam a agir sobre ele e seus descendentes. Ao falar com Jacó, Deus usou o Seu nome, **Deus Todo-poderoso**, *'El Shadday*, "o Todo-suficiente" (v. 11). Jacó podia contar com *'El Shadday* para suprir qualquer necessidade e para lhe dar graça para enfrentar qualquer emergência.

16-20. Agora Raquel, que fornecera a Jacó a inspiração e o amor necessários, chegava ao fim de sua vida. Morreu dando à luz o seu segundo filho, o qual chamou de **Benoni**, *filho da minha tristeza*. Mas Jacó escolheu o nome **Benjamim**, *filho da minha destra*. Raquel deve ter sido sepultada em algum lugar ao sul de Betel, na estrada que vai para o Hebrão (cons. 35:16, 19). Betel ficava 16kms ao norte de Jerusalém, e Belém ficava cerca de 9,6 kms ao sul de Jerusalém. Conclui-se que Raquel foi sepultada nas imediações de Belém. O lugar tradicional costuma ainda ser apontado para os visitantes da cidade.

27-29. Isaque viveu até a volta de Jacó, de Harã. De Berseba mudou-se para Mamre, pertinho da cidade de Hebrão. Ali Abraão comprou a Caverna de Macpela para o sepultamento de Sara. Agora com 189 anos de idade, expirou Isaque e morreu. A palavra hebraica *geiwei* significa "decair" ou "enfraquecer-se". Na hora do sepultamento, Esaú e Jacó estiveram juntos ao lado da sepultura, em homenagem ao seu pai. Os irmãos estavam unidos por uma dor comum, como Ismael e Isaque estiveram junto à sepultura de Abraão.

Gênesis 36

7) Edom e Seu Povo. 36:1-43.

Antes de contar a vida da história de José, o escritor do Gênesis descreve um pouco a terra de Edom e os seus habitantes. Os habitantes originais do Monte Seir eram chamados horeus ou humanos. Com o correr do tempo, Esaú e seus descendentes tomaram o território, Esaú ficou rico, possuindo muito gado e ovelhas. As principais cidades daquela região foram Sela, Bozra, Petra, Temã e Eziom-geber. Os

edomitas continuara hostis aos israelitas através do V.T. (cons. Obadias, especialmente vs. 10-15).

D. José. 37:1 - 50:26.

Gênesis 37

1) Primeiras Experiências de José. 37:1-36.

1-11. José, o filho mais velho de Raquel, era o predileto de seu pai Jacó. Por causa disso e por outros motivos ele ficou prejudicado diante dos seus irmãos. De um lado, ele reagia fortemente contra o comportamento imoral e contrário à ética dos seus irmãos, denunciando-os ao seu pai e, assim, levando a fama de intrigante. Para piorar ainda mais a situação, seu pai lhe deu túnicas reais, com longas mangas esvoaçantes, o que o destacava como o mais favorecido do grupo. Deduzimos naturalmente que Jacó havia escolhido José como aquele através do qual as bênçãos divinas continuariam. Além disso, José tinha sonhos que apontavam para sua futura e destacada grandeza, e ele contava seus sonhos aos seus irmãos.

Os filhos de Jacó ficavam enfurecidos quando ouviam José anunciando que governaria sobre eles. Ele, o jovem príncipe favorecido, evidentemente cria que ele teria destaque em toda a sua família. Em sua conversa ingênua, acendeu o fogo da inveja e do ódio assassino. Mas Deus tinha em mente algumas bênçãos maravilhosas para o rapaz, conforme o tempo revelaria. José deveria ter sido aconselhado sobre como lidar com criaturas imperfeitas que se ressentiam com os seus modos e o seu ar de superioridade (como eles achavam). Como ele precisava de um conselheiro sábio! Aparentemente Jacó o amava tão ardente e tão cegamente que não era capaz de orientá-lo sabiamente.

12-28. Os irmãos acolheram a malícia em seus corações e decidiram livrar-se de José. Tinha muito tempo para formularem uma trama para a realização de seu propósito. Do Hebrom, onde moravam, a Siquém no norte, esses homens foram à procura de pastos para seus rebanhos e gado. Jacó enviou José a Siquém para visitar seus outros

filhos e trazer-lhe notícias deles. Quando chegou perto de Siquém, José soube que seus irmãos tinham ido para Dotã, uns 24 kms mais para o norte. Quando os irmãos viram José que vinha chegando, planejaram matá-lo, embora Rúben terrina procurado salvar a vida do rapaz. Rúben convenceu os outros a colocarem José dentro de uma cisterna, esperando retirá-lo de lá mais tarde. Subseqüentemente Judá convenceu seus irmãos que seria melhor retirar o rapaz da cisterna e vendê-lo a uma caravana que passava a caminho do Egito. Rúben tinha planejado levar o rapaz de volta para o pai. Judá planejou salvá-lo de morrer de fome. No desenrolar dos fatos, José encontrou-se prisioneiro de uma **caravana de ismaelitas** (v.25) ou **midianitas**. Logo mais seria escravo em alguma família egípcia. Ismaelitas e midianitas eram descendentes de Abraão. Talvez o grupo fosse composto de ambos.

29-35. Rúben, o primogênito, era diretamente responsável pelo rapaz diante de seu pai. Dolorosamente apresentaram a Jacó uma vestimenta manchada de sangue e uma história mentirosa que praticamente quebrou o coração do velho patriarca. Convenceu-se de que o seu filho favorito estava morto. Aquele que, na sua mocidade, fora o campeão dos enganadores, estava sendo agora cruelmente enganado. Ele gemeu: **Chorando, descerei a meu filho até a sepultura** (Sheol). O hebraico *Sheol* descreve a habitação subterrânea dos mortos, correspondendo ao "Hades" grego. Ali, de acordo com a tradição, os espíritos desincorporados continuam a existir nas regiões das sombras, onde não há saída nem comunicação com Deus ou o homem. É uma meia existência. Jacó sabia que logo também estada no Sheol, mas não tinha esperanças de ver o fim de seus pungentes sofrimentos até aquela hora.

36. Os ismaelitas venderam José a Potifar, um oficial na corte de Faraó. Evidentemente Potifar era *o chefe dos executadores*. A palavra provavelmente referia-se à tarefa de matar animais para a cozinha real ou talvez animais usados para o sacrifício. O jovem José foi designado como mordomo da residência de Potifar. Ele se encontrava muito longe

de casa e, aparentemente, ainda mais longe da realização dos sonhos de proeminência enviados pelo céu. Contudo, o Deus de José continuava operando Seus propósitos e planos. E Ele pretendia usar Potifar e Faraó na realização do programa divino.

Gênesis 38

2) Judá e Tamar. 38:1-30.

No meio da narrativa descrevendo a carreira de José no Egito, o escritor do Gênesis introduz a narrativa do vergonhoso envolvimento de Judá com os cananeus. Judá era o membro líder da família de Jacó, aquele que estava destinado a ser o canal de todas as ricas bênçãos de Jeová concedidas a Abraão e por meio de Abraão às futuras gerações do mundo. O nome de Judá devia destacar-se na linhagem messiânica. Davi seria um dos seus respeitáveis descendentes.

2-11. Viu Judá a filha de um cananeu, chamado Sua; ele a tomou. Esta informação adicional sobre a vida familiar em Canaã revela a que profundezas da imoralidade, pelo menos alguns dentre o Povo Escolhido trilham caído. Judá casou com a filha de Sua, um cananeu pagão, e assim deu início a uma corrente de acontecimentos pecaminosos. Dois filhos, Er e Onã, morreram sem deixar descendência. Judá prometeu a Tamar, que fora esposa dos dois irmãos, um após o outro, que teria por marido o seu terceiro filho Selá, quando este alcançasse a idade conveniente. Era preciso que houvesse descendência.

12-23. Mais tarde, quando Tamar percebeu que seu sogro não pretendia cumprir a promessa, resolveu ela mesma fazer alguma coisa. Pretendendo ser uma *kedishot* (prostituta sagrada), envolveu Judá em relações ilícitas com ela.

24-26. Quando Judá soube que Tamar estava grávida, declarou-a digna de morte, para descobrir que ele mesmo era o culpado, o pai daquela criança. Ele disse: **Mais justa é ela do que eu.**

27-30. A narrativa do nascimento de gêmeos, Perez e Zerá, termina o capítulo. O contraste entre José e seu irmão mais velho toma-se mais

evidente quando José revelou o seu caráter na hora da tentação. Judá precisava nascer de novo para se tornar agradável diante do Senhor.

Gênesis 39

3) José e a Esposa de Potifar. 39:1-23.

1-6b. José foi levado ao Egito. Quando José assumiu suas tarefas na casa de Potifar, era escravo e estrangeiro. Primeiro, veio a ser um servidor pessoal do oficial do egípcio. Quando Potifar descobriu que ele era ativo, expedito e digno de confiança, e viu que o Senhor era com ele (v. 3), colocou-o sobre todas as suas propriedades como superintendente com os mais amplos poderes. Em sua nova posição, José era responsável por cada detalhe da direção da casa, com uma única exceção: na qualidade de estrangeiro, não podia supervisionar o preparo das refeições (cons. 43:32).

6c. José era invulgarmente atraente. Tinha saído de sua mãe, Raquel, da qual se disse: "Raquel era formosa de porte e de semblante", isto é, "formas agradáveis" e "rosto agradável" (cons. 29:17) Além disso, José irradiava uma piedade doce e limpa que o tornava ainda mais atraente.

7-13. A esposa de Potifar não resistiu à tentação de conquistar José. Ao que parece nada tinha com o que ocupar a sua mente e nenhum princípio que a tolhesse na hora da tentação. Para José, que vivia sempre em comunhão com o Deus santo, pecar com aquela mulher estava completamente fora de questão. Seria pecar contra Deus e desonestidade contra o homem que confiava nele tão irrestritamente. Embora a tentação tenha vindo com encanto sutil, súbito e forte, a vitória de José estava garantida.

14-20. Frustrada, a tentadora transformou-se em difamadora. Tomada de rancor ela acusou José falsamente de tentativas indecentes, esperando despertar a simpatia dos outros servos e enraivecer o seu marido o bastante para que matasse o jovem. As evidências circunstanciais eram fortemente incriminadoras. Potifar foi tomado de

ira. Contudo, apesar da seriedade da acusação, ele evidentemente tinha alguma dúvida sobre a culpa de José, pois não o matou. Em vez disso, enviou-o para o **cárcere** (a "Casa Redonda"). Esta cadeia era provavelmente uma torre ou masmorra onde os prisioneiros ligados à vida oficial eram mantidos. O hebraico *sohar*, cárcere, pode ser uma tentativa de traduzir uma palavra egípcia.

Na estória egípcia, *Conto dos Dois Irmãos*, há um paralelo interessante com a experiência de José. Nesta estória um homem casado morava na mesma casa com o seu irmão. A esposa do primeiro acusou o irmão mais moço de atitudes impróprias. O marido, embora zangado, procurou descobrir a verdade. Ao descobrir que a esposa era culpada, o marido a executou. Esta estória data do tempo de Seti II, isto é, cerca de 1180 A.C.

21-23. A vida na cadeia não era agradável, mas a narrativa declara que o Senhor, porém, era com José. Como isto fazia diferença! Ele se sentia confortado e fortalecido.

Gênesis 40

4) As Experiências de José na Prisão: 40:1-23.

1-4. O mordomo . . e o padeiro ofenderam o seu senhor, o rei do Egito. Indignou-se Faraó e mandou detê-los. Mesmo na cadeia José não podia ser derrotado. Ficou encarregado da supervisão dos prisioneiros, **para que os servisse**. A velha masmorra tornou-se um lugar diferente por causa de sua presença. Deus abençoava os outros através da delicadeza e bondade de José. Potifar o colocou onde seus notáveis talentos continuaram em evidência. O mordomo (*mashgih*), ou *aquele que serve as bebidas*, era um membro importante da casa de Faraó. Em Ne. 1:11 a palavra foi traduzida para "copeiro". Neemias, que usava este título, era um oficial de confiança no palácio do monarca persa. O padeiro (*'opeh*) era o superintendente da padaria, e devia verificar se as refeições do monarca eram boas e seguras. Estes dois altos oficiais na criadagem real tinham ofendido Faraó. Enquanto aguardavam

as investigações, foram confinados à mesma prisão na qual José se encontrava.

5-23. O jovem hebreu tinha a obrigação de servir estes dois prisioneiros. Encontrando-os nervosos e preocupados, perguntou-lhes o que tinham. Eles tinham sonhado algo que não conseguiam entender. E não havia nenhum intérprete de sonhos oficial à disposição. José lhes disse que Deus poderia dar o significado. Então eles lhe contaram seus sonhos e ele lhes explicou o significado dos mesmos. O mordomo teria uma surpresa agradável. Dentro de três dias receberia uma ordem de soltura oficial para retomar suas obrigações ao lado do rei. O padeiro seria solto na mesma ocasião, mas sua cabeça seria cortada fora e sua carcaça seria exposta ao ar livre para se tornar o alimento de aves. José fez um pedido ao mordomo: **Lembra-te de mim, quando tudo te correr bem . . . seja bondoso para comigo, e faça menção de mim a Faraó** (v. 14). José queria ficar livre para viver e realizar toda a vontade de Deus em sua vida.

Gênesis 41

5) José e Faraó. 41:1-57.

1-8. Passados dois anos completos Faraó teve um sonho. Parecia-lhe achar-se ele de pé junto ao Nilo. O rei sonhou que se encontrava ao lado do Nilo (*yeor*), o doador da vida e do refrigério do solo. (O país dependia do rio para irrigação da terra todos os anos.) Ele viu sete vacas bem alimentadas pastando na campina. Dali a pouco sete vacas magras chegaram e comeram as gordas. Novamente, ele viu sete espigas boas em uma só haste, e sete espigas fracas apareceram e devoraram aquelas. Estes sonhos perturbaram Faraó grandemente, especialmente quando ninguém foi capaz de interpretá-los. Os **magos** (*hartummim*) eram os escribas sagrados que tinha mais conhecimentos sobre o ocultismo do que quaisquer outros sábios do reino. Mas até mesmo eles ficaram desconcertados e sentiram-se incapazes desta vez. Seus estudos especializados nos mistérios sagrados provaram-se inadequados para a

interpretação destes sonhos. O que significavam? o rei imaginava. Quem poderia lhe dizer?

9-24. Subitamente o mordomo-chefe lembrou-se de José, depois de dois anos de esquecimento, e falou a Faraó de sua capacidade de interpretar sonhos. Rapidamente mandou-se chamar o jovem hebreu. Mais do que depressa fizeram-no vir ao palácio, barbeado e imaculadamente vestido. Faraó disse que ouvira contar que José podia interpretar sonhos, mas José declarou que a interpretação vinha do Senhor: **Deus dará resposta favorável a Faraó** (v. 16).

25-32. Sem hesitação e com clareza fora do comum, o jovem revelou ao rei que seus sonhos prediziam sete anos de fartura seguidos de sete anos de fome devastadora. O primeiro período de sete anos seria uma estação de fertilidade e colheitas pródigas. Os anos da fome trariam carência, sofrimento e morte.

33-36. Escolha Faraó um homem ajuizado e sábio. José foi além da mera interpretação e deu alguns conselhos práticos. Não havia tempo a perder. Era preciso encontrar um homem de capacidade especial que pudesse supervisionar a produção da agricultura, que armazenasse tremendas quantidades de cereais e que, no devido tempo, controlasse sabiamente os recursos acumulados. Para essa posição era necessário o melhor homem que o reino dispusesse.

37-42. Felizmente, Faraó era um homem sábio, pois reconheceu em José um **homem em que há o Espírito de Deus** (v. 38). Fê-lo o administrador da alimentação do Egito, e designou-o seu grão-vizir, ou primeiro ministro. Colocou-o com poderes sobre todo o reino, logo abaixo de si mesmo. Colocou o seu anel com o sinete na mão de José, como emblema de autoridade, dando-lhe o poder de emitir decretos oficiais. Mandou vesti-lo de roupas especiais reservadas aos homens mais poderosos do Egito, e colocou em seu pescoço uma corrente por serviços especiais prestados.

43. José andava de carruagem e era considerado o primeiro logo abaixo do rei. Um oficial especial devia gritar diante dele ao povo,

"'Abrik!" Isto provavelmente significava "Prestem atenção!" ou Inclinaivos, ou coisa semelhante. Era preciso esclarecer a todo o povo que um homem notável, de muita capacidade, caráter e autoridade estava diante dele. Ele ficaria com todo o controle dos negócios que implicavam na vida ou morte de multidões. Privilégio e responsabilidade rivalizavam entre si naquele momento de reconhecimento e investidura. As desafiantes palavras de Mordecai a Ester poderiam muito bem terem sido ditas a José: "E quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?" (Et. 4:14).

45, 46, 50-52. Era José da idade de trinta anos, quando se apresentou a Faraó, já estando no Egito por uns doze ou treze anos. Do cárcere para o palácio em um só dia foi um enorme passo. Deus, que esteve com o jovem cada minuto de sua vida, providenciara este salto. Logo a seguir, Faraó deu a José um nome egípcio – **Zafenate-Panéia** (o qual, segundo os caracteres cópticos, dizem alguns mestres, significa um revelador de segredos", ou "o homem a quem os segredos são revelados"). Deu-lhe também uma esposa chamada **Azenate**, que era filha de uma família sacerdotal, sendo o seu pai um "príncipe", ou sacerdote de **Om. Om**, uma cidade de cultura e religião situada cerca de 11 kms ao norte de Cairo, era o centro da adoração ao sol. Azenate e José tiveram dois filhos, Manassés e Efraim. Esses rapazes, alguns anos mais tarde, foram publicamente adotados pela tribo de Jacó e tornaram-se chefes de duas tribos de Israel.

Gênesis 42

6) A Primeira Visita dos Irmãos. 42:1-38.

1-8. Então desceram dez dos irmãos de José, para comprar cereal do Egito. A Benjamim, porém . . . , não enviou Jacó na companhia dos irmãos. . . para que não lhe suceda, acaso, algum desastre. Quando a fome apertou em Canaã, e a morte por falta de alimentos parecia inevitável, Jacó compreendeu que era preciso procurar alimento em algum outro lugar. Enviou seus dez filhos ao Egito para comprarem

cereal. Manteve Benjamim em casa como um consolo. Quando os dez irmãos se apresentaram diante do governador do Egito para comprar cereais, não o reconheceram como seu irmão. Doze ou mais anos tinham-se passado. O esguio jovem que venderam transformara-se em homem adulto. Estavam diante dele, a figura mais importante da terra do Egito. Sua linguagem, suas roupas, seu porte de oficial e sua posição serviram-lhe de disfarce. Mas José reconheceu seus irmãos imediatamente.

9-12. Quando acusou seus irmãos de serem espias, apenas chamou a atenção deles para a mais óbvia explicação de sua vinda. Os egípcios tinham conhecimento de que sua fronteira oriental era especialmente vulnerável, e por isso temiam os povos asiáticos. José acusou os dez homens de terem vindo ao Egito para descobrirem os pontos fracos na defesa da fronteira, a fim de passar a informação a possíveis invasores.

13-24. Quando os homens lhe falaram de seu pai e seu jovem irmão, exigiu uma prova de honestidade deles. Um deles, disse, devia voltar para casa e trazer o mais jovem ao Egito enquanto os demais permaneceriam na prisão. Depois de manter os homens em prisão por três dias, José sugeriu uma solução mais fácil de manter um deles como refém, enquanto os outros nove voltariam para casa com os cereais. **Simeão** foi o escolhido para ficar na prisão (v. 24). Era o segundo filho de Jacó, e a tradição conta que era o mais cruel de todos os irmãos.

21-24. No decorrer da conversa, José viu que seus irmãos estavam grandemente preocupados e cheios de remorso. Sentiu a lealdade deles para com Jacó e o sólido espírito de família. Chorou quando se lembrou de antigamente e do sofrimento que aqueles homens tinham-lhe causado com sua hostilidade e crueldade, reconhecendo que havia agora uma transformação.

25-38. De volta a Canaã, um dos filhos de Jacó fez a perturbadora descoberta de que o seu dinheiro se encontrava à boca do seu saco com cereal. E quando o grupo chegou em casa e todos esvaziaram os seus sacos, descobriram que **cada um tinha a sua trouxinha de dinheiro no**

saco. Ficaram admirados e alarmados com a descoberta. O mistério do dinheiro, a detenção de Simeão e a notícia de que o governador do Egito queria ver Benjamim – tudo foi demais para o idoso Jacó. Sua tristeza e seu medo foram esmagadores. E ele não concordou de maneira nenhuma que o seu filho mais moço voltasse ao Egito com os outros.

Gênesis 43

7) Outras Experiências com os Irmãos. 43:1-34.

1-14. Tendo eles acabado de consumir o cereal . . . disse-lhes seu pai . . . Voltai, comprai-nos um pouco de mantimento (v. 2). Os homens asseguraram a seu pai que não tinham coragem de retomar ao Egito sem Benjamim. Só quando Judá se ofereceu como penhor da segurança de Benjamim, Jacó acabou deixando que o seu caçula fosse. Judá disse: **Envia o jovem comigo . . . Eu serei responsável por ele.** Na verdade Judá empenhou sua própria vida para garantir o retorno de Benjamim (cons. 44:32-34).

Certamente os filhos de Jacó aprenderam muito desde o dia em que tentaram matar o irmão de Benjamim. Quando Jacó viu que Benjamim tinha mesmo de ir, orientou seus filhos a que preparassem um copioso *minha*, presente (v. 11), para esse homem – o melhor mel, as melhores frutas, as mais raras nozes e outras excelentes guloseimas da terra. Orientou-os também a que levassem o dobro do dinheiro que encontraram em seus sacos. Sem dúvida nenhuma a segunda porção do dinheiro seria usado para pagar os cereais que iam comprar desta vez. Antes de enviar seus filhos, Jacó orou ao Deus Todo-poderoso (*'El Shadday*) para que os guardasse e cuidasse de cada uma de suas necessidades (v. 14).

15-34. Quando chegaram ao Egito, ficaram admirados em saber que seriam levados à casa do governador para almoçar. A notícia os deixou perturbados e alarmados. Temiam que algum castigo terrível lhes fosse imposto, pois não sabiam o que esperar do grão-vizir do Egito. Quando o grande homem entrou na sala onde se encontravam, **prostraram-se**

perante ele até a terra em sinal de homenagem (v. 26). José os tratou com delicadeza e bondade, mandando preparar um banquete, no qual deu porções especiais a Benjamim. Sentiu-se profundamente comovido nesse encontro com seus irmãos. Foi uma ocasião que estes não esqueceriam mais. Festejaram e beberam às largas. No final da refeição, José já conhecia melhor aqueles homens; compreendeu que tinham se modificado!

Gênesis 44

8) A Proposta Sacrificial de Judá. 44:1-34.

José ainda tinha um teste final para seus irmãos, pelo qual calculava estabelecer um quadro perfeito do íntimo dos seus corações.

1-5. Ordenou a seu mordomo que preparasse os sacos com os cereais como antes e que pusesse o seu copo de prata no saco que Benjamim carregaria. **Põe o dinheiro de cada um na boca do saco. O meu copo de prata pô-lo-ás na boca do saco do mais novo.** O copo era "um copo de adivinhações" (cons. 5), uma propriedade de estimação, usada para a recepção de oráculos ou visões do futuro. Primeiro, colocavam água nele. Depois, pequenos fragmentos de ouro, prata ou pedras preciosas eram jogados dentro da água. Quando a água era levemente agitada, os fragmentos formavam um "quadro" ou desenho. Utilizadores peritos do expediente diziam-se capazes de adivinhar o desconhecido. Era um tipo de magia chamada "hidromancia".

6-13. José mandou prender seus irmãos quando estavam de partida para Canaã. Protestaram sua inocência e prontamente aceitaram a decisão que o culpado permanecesse no Egito como escravo por toda a vida. Para seu espanto, o copo foi encontrado no saco de Benjamim! Diante de José ficaram sem fala de tanto medo e desespero. O que poderia qualquer deles fazer? Rúben, Benjamim e os demais ficaram em silêncio.

14-34. Então Judá falou por si mesmo e pelos seus irmãos em um dos mais sublimes pronunciamentos da literatura. Não se desculpou, não

negou, mas simplesmente rogou ao poderoso oficial egípcio pela vida e liberdade de Benjamim. Sir Walter Scott chamou este pedido de "o mais completo exemplo de eloquência genuína e natural que foi conservado em qualquer língua". O espírito de auto-sacrifício, coisa tão estranha a Judá, surgiu com rara beleza. Judá francamente confessou seus próprios pecados e os pecados de seus irmãos. Na realidade, não tinham roubado o dinheiro nem o copo, mas tinham cometido o feio pecado de venderem seu irmão como escravo. Causaram a José e a seu pai indizível dor e angústia. Ao se referir ao sofrimento de seu pai, Judá revelou-se como alguém que agora estava profundamente cômico dos valores e relacionamentos sagrados.

A boa-vontade do irmão mais velho de se tornar um **substituto** de Benjamim destaca-o como uma grande alma. Ofereceu-se como servo de José, e rogou que Benjamim e seus demais irmãos pudessem ser enviados de volta ao lar para alegria do coração do velho pai. Este foi o clímax da conduta divina com Judá. O Senhor criara nele um campeão espiritual para representá-lo no desenrolar do plano divino.

Gênesis 45

9) O Convite de José a Jacó. 45:1-28.

1-8. José, não se podendo conter... levantou a voz em choro . . . e disse a seus irmãos: Eu sou José. Quando José não conseguia mais reprimir seus sentimentos, *ele soltou a sua voz chorando* (literalmente). Imediatamente revelou sua identidade e abriu seu grande coração aos seus irmãos. Eles, cheios de confusão e temor, ficaram sem fala. Mas José os confortou. Declarou-lhes: **Para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós** (v.5).

Rapidamente removeu dos ombros deles toda a culpa de uma atitude repreensível, procurando interpretar-lhes o plano e o propósito de Deus. Era sua maneira de centralizar a atenção deles para considerações mais elevadas. O propósito providencial era mais significativo do que qualquer ato de menor importância praticado por homens mortais.

Aquele propósito envolvia a preservação de um remanescente que seria usado na realização da vontade do Senhor na terra.

9-24. José insistiu com seus irmãos a que trouxessem seu pai e que viessem morar no Egito. Ele explicou que a fome ainda duraria mais cinco anos, mas que no Egito ele poderia arranjar um lar e mantimentos ilimitados para Jacó e toda a sua família. Eles podiam se estabelecer na **terra de Gósen**, que ficava cerca de 64 kms do local da atual Cairo.

Situada no delta do Nilo, esta seção era o melhor trecho de terras para o gado e os rebanhos. Ficava perto de Om e também de Mênfis, onde José morava. Quando os irmãos partiram de volta para casa, José mandou que levassem carros junto com eles para fazer a mudança e encheu-os de cereais, presentes e provisões de todo tipo.

25-28. Enquanto o velho patriarca Jacó ouvia o relatório dos seus filhos, **o coração lhe ficou como sem palpar (desmaiou, E.R.C.)** pois não conseguia crer em tão boas notícias sobre o seu filho que estava a tanto tempo perdido (v. 26). Mas quando viu os carros e os presentes, e ouviu a mensagem que José lhe enviara, seu espírito reviveu e ele começou a desejar um encontro com seu filho no Egito. Foi um dia de conforto e regozijo para alguém que tinha sofrido tanto.

Gênesis 46

10) A Migração para o Egito. 46:1-34.

1-4. Partiu, pois, Israel...e veio a Berseba. É quase certo que Jacó, nessa ocasião, estivesse morando no Hebrom. Sua primeira parada nessa momentosa viagem ao Egito foi em Berseba. Ali ofereceu sacrifícios, e ali, em uma visão noturna, Deus lhe falou, encorajando-o a fazer essa viagem e assegurando-lhe incontáveis bênçãos. Primeiro, renovou a promessa de que os descendentes de Jacó se tornariam uma grande nação. Tornou claro que o Egito seria a terra onde este desenvolvimento aconteceria. Segundo, ele disse: **Eu descerei contigo**, garantindo-lhe assim proteção e segurança. Terceiro, ele disse: **E te farei tornar a subir**. Esta predição seria cumprida depois da morte de Jacó, no Êxodo, quando

a poderosa mão de Deus libertaria os Seus escolhidos do poder do Egito e os traria de volta a Canaã. A declaração de que **a mão de José fechará os teus olhos** era uma profecia de que o ilustre filho realizaria os rituais fúnebres quando da morte do pai.

5-28. Encorajado pela mensagem do Senhor, Jacó partiu de Berseba com os seus descendentes, e fez a longa viagem até a terra de Gósen. Mandou que Judá fosse à frente do grupo (enviou Judá adiante de si... para que soubesse encaminhá-lo a Gósen), ao encontro de José para completar os arranjos necessários para a sua entrada na terra.

29,30. O encontro de Jacó e José foi um momento de grande alegria. Ambos estavam comovidos demais para falar. Abraçaram-se fortemente longo tempo (v. 29). Quando o velho patriarca recuperou a fala, disse: **Já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives** (v. 30). Ele experimentara a mais alta alegria que se pode experimentar nesta vida.

31-34. Antes de José apresentar sua família a Faraó, deu-lhes orientação específica sobre como responder às perguntas do monarca. Quando ele lhes perguntasse a respeito de sua ocupação, deviam se apresentar como pastores. Então Faraó lhes indicaria a terra de Gósen para moradia. Gósen tinha excelentes pastos para seus rebanhos e gado. Ficariam todos juntos e, portanto, bem protegidos contra a mistura com os outros povos.

Gênesis 47

11) Jacó e Faraó. 47:1-12.

1-6. Então veio José, e disse a Faraó; Meu pai e meus irmãos . . . chegaram. O encontro com Faraó foi memorável. Cinco dentre os irmãos, escolhidos com tal propósito por José, fizeram ao monarca o pedido de que Gósen lhes fosse designada, uma vez que eram pastores. O rei concordou que se estabelecessem naquela região, onde ficavam os melhores pastos. Pediu também a José que escolhesse os melhores dentre eles, homens capazes (v. 6), para ocuparem cargos de responsabilidade

entre seus vaqueiros. O Egito gastava muito dinheiro e dispndia grandes esforços na criação de excelente gado.

7-10. O ponto alto da ocasião foi o momento quando José apresentou seu idoso pai ao rei. **Jacó abençoou a Faraó** (v. 7). A palavra *beirak*, que aparece duas vezes, pode ser traduzida para *saudou*, mas o significado normal e quase sempre preferido é abençoou. Naquele momento o poderoso homem de Deus colocou-se com dignidade diante do grande monarca e tomou consciência de que era o representante do Todo-poderoso (*'El Shadday*). o que poderia ser mais natural para ele do que transmitir uma bênção enviada pelo céu ao rei do Egito? Ele sabia que ocupava sublime posição no programa de Deus. Com sossegada dignidade invocou uma santa bênção sobre Faraó. Jacó era um canal especial de bênçãos divinas, e Faraó era o recipiente.

Quando foi interrogado sobre a sua idade, o patriarca respondeu: **Os dias dos anos das minhas peregrinações** (*gur*) **são cento e trinta anos** (v. 9). Sua vida fora marcada por uma série de **peregrinações**. Parecia-lhe curta comparada com as vidas mais longas de Abraão e Isaque.

11,12. A terra de Ramessés era a mesma terra de Gósen. A parte oriental do delta do Nilo compreendia uma área que incluía o local da famosa cidade construída por Ramessés em uma geração posterior. **José sustentou** (*yekalkil*) . . . **a seu pai**. A forma particular do verbo *kul* usada aqui (o pilpel) pode significar "nutrir", "sustentar" ou "proteger". Está claro que José fez todas estas coisas quando cuidou e amou a Jacó com prodigalidade.

12) O Administrador do Sustento. 47:13-27.

Conforme as condições da fome foram piorando, os egípcios começaram a passar reais necessidades. As Escrituras dizem: **Não havia pão em toda a terra**. As pessoas vinham ter com José à procura de alimento para suas famílias. Quando o dinheiro se acabou, trocaram seu gado por cereais (v.17). Finalmente, tiveram de empenhar suas terras e seus corpos a Faraó a fim de obter alimento (v.19). Assim, todas as terras do reino, com exceção das que pertenciam aos sacerdotes, passaram às

mãos de Faraó. Um sistema feudal em pleno desenvolvimento foi o que resultou. O governo fornecia sementes ao povo e o povo pagava 20 por cento de sua produção ao estado (vs. 23b,24). Era uma situação desesperadora, mas o povo concordou a fim de ter o que comer. Disseram a José: **A vida nos tens dado! . . . seremos escravos de Faraó** (v. 25). A extrema conjuntura tornou necessária tais medidas drásticas. E assim o povo do Egito veio a ser servo de Faraó e suas terras se tornaram propriedades do estado.

13) Jacó e os Filhos de José. 47:28 - 48:22.

29,30. Aproximando-se, pois, o tempo da morte de Israel. Jacó viveu seus últimos anos em paz, fartura e felicidade. Antes do fim da vida, fez José prometer que levaria o seu corpo de volta a Canaã para o sepultamento. Sua vida foi muito tumultuada; suas peregrinações foram longas. Mas ele queria que seus ossos fossem sepultados ao lado de Abraão, Isaque, Sara, Rebeca e Lia. **O lugar da sepultura** mencionado por Jacó era a Caverna de Macpela, comprada por Abraão, na ocasião da morte de Sara (cons. Gn. 23). O corpo do representante de Jeová seria colocado a repousar ao lado dos outros patriarcas. De acordo com a narrativa (v. 31), Jacó virou-se sobre o seu rosto e estendeu-se na cama de modo que a sua cabeça tocou na cabeceira. Assim humilde e reverentemente ele se prostrou. A outra tradução, *Israel se inclinou sobre o seu cajado*, nada tem a recomendá-lo dentro do texto massorético.

Antes da morte de Jacó, ele adotou os dois filhos de José, Manassés e Efraim, elevando-os à categoria de seus próprios filhos. Portanto, quando a terra prometida foi distribuída às tribos, muitos anos mais tarde, José recebeu dois quinhões inteiros. Assim Raquel tornou-se a mãe de três tribos no reino de Israel.

Gênesis 48

48:1-14. José trouxe seus dois filhos para que recebessem a bênção de seu pai. Ele arranhou seus filhos de tal forma que a mão direita ficasse

sobre Manassés, o filho mais velho, e sua mão esquerda sobre Efraim. Mas, embora Jacó fosse velho e quase cego, deliberadamente corrigiu a posição, colocando sua mão direita sobre a cabeça do mais jovem e a esquerda sobre Manassés. Ele sabia o que estava fazendo. Quando José tentou mudar a posição das mãos de seu pai para que Manassés recebesse a bênção principal (de acordo com o costume), foi informado de que era Efraim mesmo que estava destinado a recebê-la (v. 19). A solene bênção do patriarca pronunciada sobre os filhos de José foi tão certa como um testamento. Nela Jacó incluiu uma predição do futuro destaque de cada um dos rapazes, mas o desenvolvimento e eficiência de Efraim sobrepujaria de muito a de Manassés.

15-22. Quando o velho homem veio a pronunciar uma bênção especial sobre José, referiu-se a Deus com um título triplo: O Deus de nossos pais, o Deus que me sustentou, e o Anjo da libertação. Assim, os aspectos ancestral, pessoal e redentor de Deus foram apresentados. O hebraico *ro'eh* (**sustentou**) dá a idéia de pastorear (cons. Sl. 23:1). **O Anjo que me tem livrado de todo mal** (v. 16) identifica este com o Anjo de Jeová que confortou Hagar (16:7; 21:17) e que avisou Abraão da iminente destruição de Sodoma (Gn. 18); em outras palavras, este "Anjo" era o próprio Senhor em Suas manifestações no V.T. Jacó disse que José viria a possuir uma porção (*shekem*) especial ou um declive montanhoso de valor fora do comum (mais que a teus irmãos). Isto provavelmente se refere à propriedade que Jacó adquiriu de Hamor, embora Gênesis 34 indique que Jacó repudiou a maneira pela qual ela foi tomada. Provavelmente foi mais tarde «capturada dos amorreus por Jacó (cons. Jo. 4:5).

Gênesis 49

14) A Bênção Solene. 49:1-27.

1,2. Chamou Jacó a seus filhos, e disse: **Ajuntai-vos. . . e ouvi.**

Em suas palavras de despedida a seus filhos, Jacó elevou-se à estatura incomum do profeta que fala em linguagem poética de inspiração. Ele

convocou cada filho por sua vez, à beira de sua cama, para ouvir suas palavras de bênção, de censura, ou de maldição. Em cada caso ele destacou alguma característica notável do caráter, avaliando o homem e o seu grupo familiar. As palavras de Jacó constituíram uma predição dos futuros acontecimentos com base no conhecimento que o pai tinha do caráter de cada filho. Os homens compreenderam os pronunciamentos solenes de seu pai como predições significativas e determinantes.

3,4. Rúben, o primogênito de Lia, destacava-se entre seus irmãos. Mas ele perdeu seus direitos naturais. Seu lugar de primogênito favorecido foi dado a José. Seus privilégios de sacerdote seriam passados a Levi. Seu direito de ser o chefe das tribos de Israel, isto é, seus direitos reais, seriam de Judá. Assim Rúben, dotado de dignidade, direitos de primogenitura e superioridade natural, perderia o direito a todo e qualquer lugar de poder e influência por causa da instabilidade do seu caráter. Seu indescritível pecado com Bila deu evidência de uma fraqueza moral que significa ruína. Suas paixões incontroladas (**impetuoso como a água**) foram descritas na expressão hebraica, "água sem repressão jorrando em torrente espumante" (v. 4). Embora capaz de sonhos, planos e boas intenções, não se podia contar com ele para a realização dos mesmo.

5-7. Simeão e Levi, o segundo e o terceiro filho de Jacó com Lia, eram irmãos na violência. O velho pai não poderia jamais esquecer o cruel massacre dos siquemitas. Naquele dia revelaram seu verdadeiro caráter, pois violentamente atacaram e destruíram homens que eles desarmaram por meio da estratégia e fraude. Naquela ocasião foram censurados por seu pai. Agora, ao lado do seu leito de morte, tiveram de ouvir as cortantes palavras de sua maldição: **Dividi-los-ei em Jacó, e os espalharei em Israel** (v. 7b). Não teriam território que pudessem chamar de seu, mas seriam dispersos entre as outras tribos. Em Canaã esta maldição foi cumprida: os simeonitas foram engolidos pela tribo de Judá; e os levitas não receberam nenhum território, pois serviram como ministros do santuário e mestres de Israel.

8-10. Judá, o quarto filho de Jacó com Lia, recebeu o primeiro inqualificável louvor do velho patriarca. Levava sobre si a esperança de Israel. Não tendo o direito da primogenitura, nem dignidade excepcional, ou poderes espirituais, sobressairia como o poderoso líder de um povo, que entusiasticamente haveria de admirá-lo e louvá-lo. (Judá significa louvor.) Seria temido pelos seus inimigos, pois como um leão os perseguiria sem descanso até que a vitória fosse sua. Então, tendo completado sua missão, retornaria à fortaleza de suas montanhas para descansar na segurança de uma fortaleza que ninguém poderia invadir. Apoderar-se-ia do cetro ou bastão que simbolizaria seu inteiro domínio no papel de guerreiro, rei e juiz. Qualquer nação seria feliz, segura e honrada com Judá como chefe e protetor.

11,12. Paz, abundância e prosperidade prevaleceriam na terra de Judá. As vinhas seriam tão viçosas e as uvas tão abundantes que o cavaleiro conquistador poderia amarrar as rédeas do seu cavalo nos grandes ramos e desfrutar de seus frutos suculentos. O vinho seria tão abundante que os homens poderiam lavar suas roupas nele, se assim o quisessem. Uvas excelentes forneceriam o mais fino sustento. Os olhos de Judá não ficariam vermelhos com excesso de bebida (**centilantes de vinho**, v. 12), mas "brilhantes de prosperidade" (NBC) e seus dentes seriam "mais brancos do que o leite" (**brancos de leite**). Isto é, a terra de Judá seria divinamente abençoada.

A frase, **até que venha Siló**, foi pronunciada por Jacó no meio do quadro profético referente ao lugar de Judá no plano de Deus. Para nós, o fulgor incomum de sua predição está grandemente realçado pelo fato de que desde os tempos antigos tem sido considerada como mensagem messiânica. O hebraico poderia ser traduzido, *até que venha Siló*, ou *até que venha aquele a quem ele pertence*. Em ambas as traduções a referência deve ser, primeiramente, a Judá, mas em última análise o Messias é Aquele que deve vir. Em outras palavras, a soberania jamais se apartará de Judá, até que venha Aquele que tem o direito de reinar.

A predição, *até que venha aquele de quem é o direito*, foi repetido em Ez. 21:27. Se esta interpretação está correta, então as palavras de Jacó aqui constituem uma das mais antigas profecias messiânicas. O que Jacó podia ver era um quadro claro da herança de Judá. Mas a realização completa dos propósitos divinos não seriam desfrutados até que o governante ideal, o Messias, demonstrasse soberania perfeita. Felizmente, o V.T. apresenta uma linha distinta de profecias – começando com Gn. 3:15 e continuando através dos Salmos e Profetas referentes à vinda do Messias para reinar como Rei dos reis. Jacó viu Judá como o pai da tribo real que exerceria poder e liderança sobre todas as outras. Através de catástrofes e tempos difíceis, Deus providenciaria que o cetro continuasse na tribo de Judá até que viesse o governador ideal, o Messias.

13. Zebulom, o sexto filho de Jacó com Lia, seria colocado em um lugar onde seriam possíveis a atividade comercial e a prosperidade. Isto pode significar que a tribo de Zebulom receberia um território ao longo da costa. Ou, pode significar que a prosperidade seria a herança dos descendentes de Zebulom, por causa de sua proximidade com os fenícios que tinham acesso ilimitado às rotas do comércio. Jacó menciona Sidom como fazendo parte deles. É possível também que a predição de Jacó não fosse inteiramente realizada quando da divisão final da terra. No cântico de Débora (Jz. 5) o povo de Zebulom foi sinceramente elogiado por sua valorosa atitude contra Sísera e seu exército.

14,15. Issacar. O quinto filho de Jacó com Lia, está representado como um forte amante, do descanso e do sossego, como um boi. A palavra *hamor*, literalmente, *jumento*, não se refere ao animal selvagem, veloz, fozoso que dá na vista do espectador. Pelo contrário, designa a forte besta de carga que se submete ao jugo mortificante, sem se queixar, a fim de poder ficar livre para deitar-se sossegadamente, com tranqüilidade e conforto. Jacó estava predizendo que a Tribo de Issacar se submeteria à invasão dos cananitas que lhe colocaria um jugo. Em vez de lutar, os homens desta tribo submissamente se tornariam escravos dos

povos da terra. Prefeririam a vergonha e a escravidão em lugar da ação corajosa.

16-18. Dã, o primeiro filho de Bila, seria um forte defensor do seu povo. Advogaria, defenderia e ajudaria na luta pela independência. A tribo seria pequena, mas seria grandemente temida pelos vizinhos que tentariam espezinhá-la. Jacó chamou Dã de **serpente junto ao caminho**, que causaria terror e infligiria ferimentos rápidos e fatais. O hebraico *neiheish* significa mais do que uma serpente no gramado, um réptil venenoso com presas fatais. Isto é, Dã seria sobremaneira perigoso aos seus inimigos. Mais tarde, membros da tribo de Dã cumpriram estas palavras com exatidão notável. Depois de algum tempo em seu território original, os danitas mudaram-se para o norte e ocuparam o extremo norte de Israel. Este povo nunca se distinguiu por seus predicados espirituais. Em 931 A.C. Jeroboão levantou um bezerro de ouro em Dã, para que a adoração pagã fosse fomentada.

19. Gade foi o primeiro filho de Zilpa, a serva de Lia. O velho patriarca reconheceu que o espírito corajoso e guerreiro de Gade seria forte ajuda para o seu povo na vida em Canaã. Jacó predisse que Gade precisaria de toda sua astúcia, coragem e persistência na luta, pois seria continuamente molestado por ataques das tribos do deserto. Bandos de saqueadores fariam pressão contra ele. Jacó fez uso de um jogo de palavras **Gade** que significa *tropa* – para indicar a ferocidade e a crueldade dos atacantes do deserto. Ele profetizou que Gade seria vitorioso e seria capaz de expulsar o inimigo. Depois da conquista da Palestina, a tribo de Gade ficou localizada a leste do Jordão.

20. Aser, o segundo filho de Zilpa, tem um nome que significa feliz. Jacó o descreveu em um campo fértil, onde o trigo, o vinho e o azeite seriam produzidos em quantidades abundantes. Seria próspero e rico. As guloseimas que produziria seriam próprias da mesa de um rei. (Até os reis de Tiro e Sidom haveriam de querê-las.) A tribo de Aser testemunhou o cumprimento desta profecia patriarcal.

21. Naftali, o segundo filho de Bila, demonstraria um notável amor à liberdade; ele era uma **gazela solta**, disse Jacó. A ilustração descreve um animal selvagem, rápido e gracioso que se deleita com a liberdade das montanhas cobertas de bosques e dos vales abertos. Naftali teria o domínio dos grandes campos de Deus. **Prefere palavras formosas** é, talvez, uma referência aos discursos eloqüentes e úteis que saíam da boca dos homens desta tribo. Baraque, por causa do seu valor, veio a ser um dos seus vencedores. Em Juí. 5:18 lemos: "Zebulom é povo, que expôs a sua vida à morte, como também Naftali".

22. José, o primeiro filho de Raquel, recebeu os mais altos louvores dentre todos os filhos. Um homem de visão, de sonhos, de força moral e espiritual, ele foi um exemplo do melhor que há nas vidas do V.T. Em seus diversos desempenhos, como filho, irmão, escravo e administrador, ele demonstrou seu caráter superior através de sua imutável lealdade para com o seu Deus. Jacó chamou José de **ramo frutífero**. O hebraico *para* contém um jogo de palavras como nome de "Efraim". A referência é a uma árvore ou videira que cresce vigorosamente, com a idéia de vitalidade ou juventude. Como resultado de ter sido plantada junto a uma fonte rumorejante, continuaria a crescer e dar fruto. Numa terra seca, a água fazia diferença entre a esterilidade e a fertilidade. A humildade garantia a fertilidade. Uma árvore assim fortalecida podia lançar seus ramos e suas gavinhas sobre o muro, partilhando com o mundo da abundância de seus frutos.

23. Como resultado desta excepcional prosperidade, José podia esperar inveja amarga e hostilidade. Os **flecheiros** estariam ocupados em furiosos ataques. Isto foi verdade no começo da vida de José, quando seus irmãos, animados pela inveja, procuraram destruí-lo. Muitos anos mais tarde, na terra de Canaã, as tribos de Efraim e Manassés encontrariam oposição e perseguição. Teriam de conservar uma fé operante no Jeová dos exércitos, que comprovou-se um Deus Todo-suficiente. José O conhecia e descansava nEle em cada emergência. **Dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem** traduzem três palavras

hebraicas. *Meirar*, na forma *piel*, significa "provocar", "amargurar", "molestar". O uso desta forma *piel*, mais a palavra *reibab* acrescenta intensidade à ação e fala de sua ocorrência repetida. A terceira palavra, *seitam*, dá a idéia de ódio profundamente enraizado, ao lado de ativa perseguição.

24,25. O seu arco, porém, permanece firme. Nas vitórias de José houve evidências da firmeza desse arco e da agilidade de suas mãos, do poder especial concedido pelo Senhor. Jacó predisse que esta mesma ajuda sobrenatural poderia ser esperada nas colinas da Palestina. A palavra traduzida para **firme**, ou *firmado na força*, poderia ser traduzido para *impassível, permanente, ou sempre abundante*. Jacó usou os títulos, **o Poderoso de Jacó... Deus de teu pai ... Todo-poderoso** (*'El Shadday*), para descrever o braço que seria tão poderoso, tão digno de confiança, tão rápido e ágil, que nenhum inimigo lhe poderia resistir. Com fé simples ele entregou a tribo de José nas mãos divinas, e com fé confiante predisse certas vitórias sobre os inimigos que o aguardavam. Além dos poderes especiais para lidar com os inimigos, os descendentes de José receberam a promessa de bênçãos abundantes. De cima, eles teriam chuva e orvalho abundante. De baixo, o solo seria suprido com os ingredientes que produziriam o alimento e as colheitas. Por dom divino especial, a fertilidade entre os homens e os animais garantiria a fertilidade sem limites da família.

26. Resumindo, José seria sempre considerado um *príncipe entre seus irmãos* (**distinguído entre seus irmãos**). O hebraico *nezir* indica "alguém separado", ou "alguém que é separado ou consagrado para importantes obrigações". O nazireu era um homem que havia sido oferecido a Deus e, através de voto especial, ficava-lhe irrevogavelmente entregue. Efraim, seu filho, teria as qualidades necessárias para a santa dedicação e realizaria o propósito divino de alguém que foi escolhido para pôr em ação os princípios tão lindamente exemplificados por José. Ele foi o príncipe entre as tribos de Israel.

27. Benjamim, o filho mais moço de Raquel, caracterizava-se como um lobo feroz e perigoso que fazia grandes estragos. O lobo é alerta e furtivo em seus movimentos. De noite ele entra sorrateiramente entre as ovelhas e foge com a sua presa. O hebraico *teiraf* significa rasgar em tiras. Fala de crueldade selvagem. Os lobos do início da noite podem ser tão selvagens e destruidores como aqueles da madrugada. Em qualquer momento estão prontos para os ferozes negócios do comportamento desumano. Eúde, Saul e Jônatas estão entre os descendentes de Benjamim, os quais evidenciaram seus poderes guerreiros. Os homens desta tribo tornaram-se famosos pelos seus arqueiros e seus lanceiros (cons. Jz. 5:14; 20:16).

15) Dias Finais. 49:28 - 50:26.

28-33. Quando Jacó terminou seu discurso de bênção, censuras e maldições, falou a seus filhos sobre a sua morte iminente. Em suas instruções finais, orientou seus filhos a levarem o seu corpo a Canaã para o sepultamento. **Sepultai-me com meus pais, na caverna**, ele disse, **que está no campo de Efrom** (v. 29). Ele os lembrou de que o sepulcro da família já continha os restos mortais de Abraão, Sara, Isaque, Rebeca e Lia. Raquel fora sepultada em uma sepultura perto de Belém (cons. 35: 19, 20). Logo que Jacó terminou de dar suas instruções, recolheu os pés na cama e, sem luta, expirou (*ruah*) comparecendo diante daqueles que já tinham passado para o outro mundo (*Sheol*). Os Santos do V.T. estavam longe de terem o conceito neotestamentário de vida após morte, mas mesmo naquele tempo já tinham consciência de alguma coisa diferente, quando estavam diante dos membros mortos da família. *Sheol* era a região sombria onde as almas que abandonavam seus corpos mortais continuavam a existir.

Gênesis 50

50:1-3. José revelou o forte afeto que tinha por seu pai na prolongada demonstração emocional. Os outros filhos, também,

provavelmente deram vazão ao seu amor. Para se certificarem de que o corpo de Jacó seria preservado de decomposição na longa viagem ao Hebrom, José chamou os seus servos, os médicos egípcios, para embalsamá-lo, e **os médicos embalsamaram a Israel** (v. 2). Os egípcios eram cuidadosos na preservação do corpo de uma pessoa morta para que, ao retornar a alma à sua antiga residência, o corpo estivesse preparado para a ocupação. As múmias egípcias preservadas durante séculos dão silencioso testemunho da notável eficiência desses embalsamadores. A palavra *reiphei'* significa "curar" ou "remendar" por meio da cirurgia ou remédios. O Egito tinha muitos médicos, e é possível que eles realizassem a maior parte do embalsamamento. De qualquer forma, o corpo de Jacó foi mumificado para a viagem, e devia ter sido bem preservado para o dia do sepultamento. **Os egípcios o choraram setenta dias** (v. 3). Talvez quarenta dias fossem necessários para o embalsamamento. Os dias adicionais foram necessários para completar o período do luto, de modo que passaram-se finalmente setenta dias antes que a viagem a Canaã começasse. A nação egípcia, devido ao seu respeito por José, participou do luto.

4-6. Para obter permissão oficial de deixar o reino, José apresentou a Faraó o pedido de seu pai de ser sepultado **no meu sepulcro que abri para mim**. O hebraico *keira* pode ser traduzido para *cavar* ou *comprar*. Em Dt. 1:6 significa "comprar", mas nesta passagem **abri** parece ser a melhor tradução. Abraão comprou o pedaço de terra de Efrom para ser usado como lugar de sepultamento de Sara. Não há motivos para que nos oponhamos à idéia de que Jacó tenha entrado na caverna e cavado na rocha sua própria Sepultura.

7-13. Com pompa fora do comum e exibição, a procissão egípcia saiu de Gósen e empreendeu a longa viagem ao Hebrom. Carros e cavaleiros, ao lado de oficiais da corte de Faraó e todos os filhos de Jacó, fizeram o acompanhamento. Os egípcios fizeram ali grande e intensa lamentação (v. 10). Os nativos se admiraram com o enorme grupo dos

pranteadores; nunca tinham visto nada igual. Na caverna de Macpela seus filhos. . . o sepultaram. Israel chegara ao fim de sua vida acidentada.

14-21. José, com os seus irmãos, voltaram ao Egito para retomarem sua vida de sempre. Imediatamente o medo tomou conta dos filhos mais velhos de Jacó. Achavam que agora José poderia se voltar contra eles para executar uma vingança completa pelo crime de o terem vendido como escravo. **Prostraram-se diante dele** (v. 18), cheios de desgosto, arrependimento e solicitações. Imploraram perdão e misericórdia. José com todo amor lembrou-os de que a mão de Deus estivera em tudo o que acontecera, que o Senhor operara naquele sentido para o bem de todos. Assegurou-lhes seu continuado amor e prometeu que cuidaria de suas necessidades durante o restante dos anos da fome. De acordo com sua delicada natureza, ele **lhes falou ao coração** (v. 21).

22-26. Morreu José . . . e o puseram num caixão no Egito. Com a idade de cento e dez anos José morreu, tendo vivido como representante de Jeová na difícil crise na vida do povo escolhido. Exigiu que seus irmãos lhe prometessem solenemente que guardariam o seu corpo em segurança até que retornassem a Canaã, para o levar até a sua terra natal onde o sepultariam. Cons. Hb. 11:22: "Pela fé José, próximo da morte, fez menção da saída dos filhos de Israel, e deu ordem acerca de seus ossos". Seu corpo foi mumificado e colocado em um ataúde (*ieron*) à espera da longa jornada de quarenta anos para Siquém. Por ocasião do Êxodo, o caixão com a múmia foi mantido no acampamento como lembrete da mão de Deus que tudo controla e opera a vontade divina em todas as lutas da vida (cons. Ex. 13:19).

Gênesis termina com a renovação das santas promessas do Senhor aos seus escolhidos e o desafio para a realização dos propósitos divinos para Israel. José já partira. Um Faraó "que não conhecera a José" entraria em cena para mudar o feliz relacionamento realizado pela sabedoria de José, mas um Moisés se levantaria para assumir o fardo da liderança. O Senhor eterno não se esqueceria nem fracassaria diante do Seu povo. Os

ricos propósitos revelados aos patriarcas se realizariam na hora estipulada por Ele.